



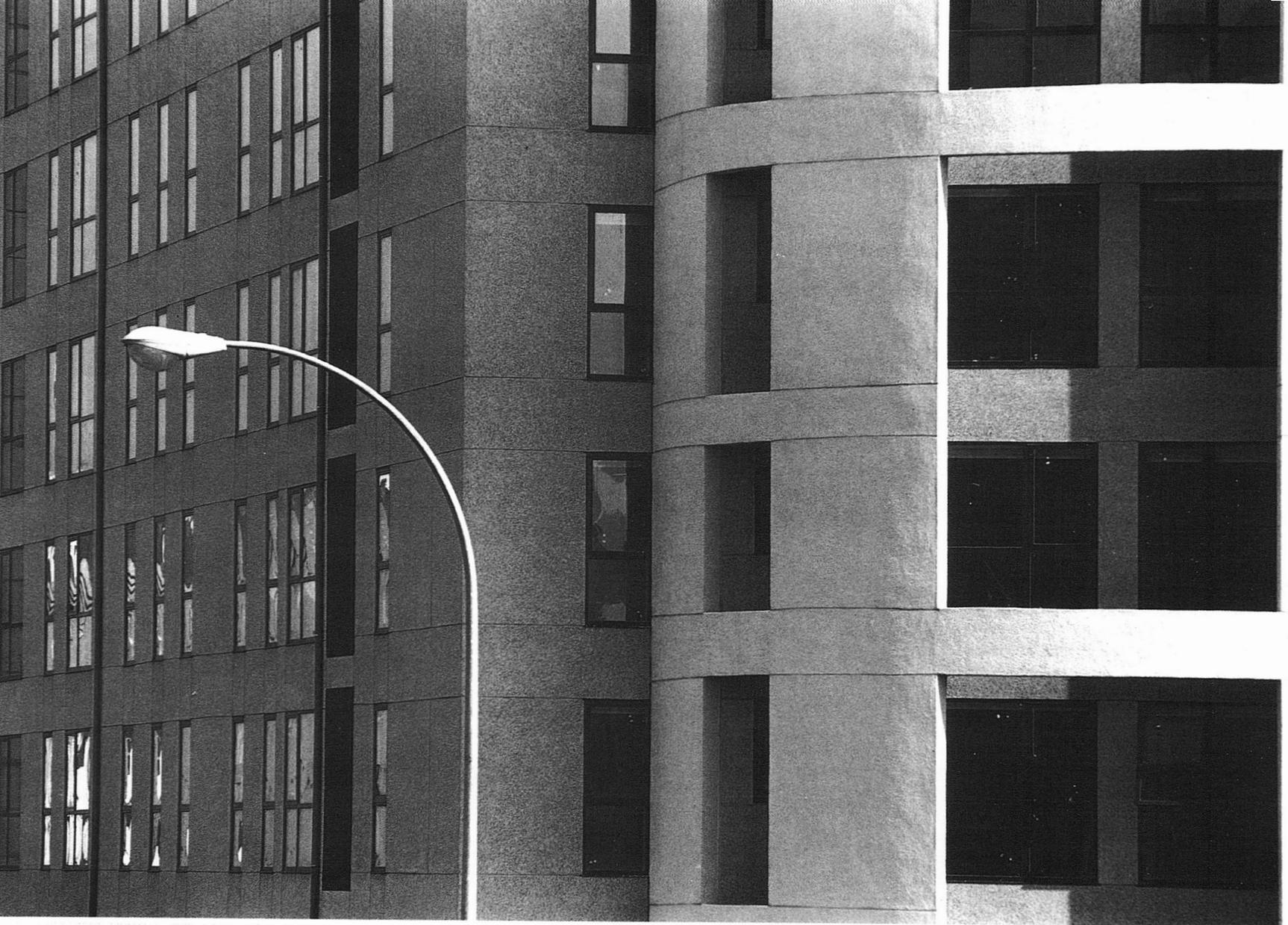
## EDITORIAL

Arrastras y con algún destiempo respecto a los plazos, sale este último número de nuestra etapa en Obradoiro. En un momento en que el envoltorio domina, Obradoiro 15 como el 13 y 14 publica una serie de obras sin más calificativo que su propia calidad, para terminar de la mejor manera posible con Alejandro de la Sota y Alvaro Siza.

**2 JOAQUIN FERNANDEZ MADRID** EDIFICIO DE VIVIENDAS EN LA CORUÑA **4 FERNANDO NANCLARES** **JESUS MENENDEZ JUAN G. MORIYON NIEVES RUIZ** PLAN ESPECIAL DE REFORMA INTERIOR DEL PUERTO LOCAL DE GIJON **12 EDUARDO BRU** PARASOLES **14 REJAS** **16 CENTRO SOCIAL** **18 GONZALO BYRNE** **8 PAVILHAO DE EXPOSIÇÕES E DESPORTOS EN BRAGA** **28 ENRIQUE CARBONELL** LA ELEGANTE HETERODOXIA **30** VIVIENDAS EN ALCANTARILLA **36** CASA 1 EN LA ALBERCA **40** CASA 2 EN LA ALBERCA **42** VIVIENDAS EN MURCIA **43** **EDUARDO CALAFELL** UN FARO **46** **JOSE MARIA TORRES** PROYECTO PARA UNA VIVIENDA EN UNA URBANIZACION **47** PROYECTO DE RESIDENCIA JUVENIL EN CIEZA 1985 **50** **ALEJANDRO DE LA SOTA** EL MAGISTERIO INTERIOR **52** MISION BIOLOGICA EN SALCEDO **60** EDIFICIO DE JUZGADOS EN ZARAGOZA **68** **ALVARO SIZA** 1/ ANTEPROYECTO DO COMPLEXO POLIDEPORATIVO NA ILLA DE AROUSA **72** EL PROYECTO DE MUSEO GALEGO DE ARTE CONTEMPORANEO Y EL ENTORNO DE SANTO DOMINGO DE BONAVAL **73** 2/ CENTRO GALEGO DE ARTE CONTEMPORANEA.

**DIRECTOR:** Decano do COAG: ARTURO CONDE ALDEMIRA **REDACCIÓN:** ALBERTO NOGUEROL DEL RÍO ALFONSO PENELA FERNÁNDEZ MANUEL JANEIRO CASAL **COLABORADORES REDACCIÓN:** XAN CASABELLA LÓPEZ CARLOS QUINTÁNS EIRAS CANDIDO J. LÓPEZ GONZÁLEZ JESÚS IRISARRI **COLABORADORES:** ALVARO SIZA VIEIRA JUAN NAVARRO BALDEWEG MANUEL MENDES CÉSAR PORTELA MANUEL GALLEGO JOSÉ BAR BOO FERNANDO BLANCO **FOTOGRAFÍA:** MANUEL S. VICENTE **CORRESPONSAIS:** ASTURIAS-VICTOR GARCÍA OVIEDO CATALUÑA-FELIÚ LLOBET DALMASES CASTELA-ROBERTO VALLE MADRID-FRANCISCO COUTO GULÍN PORTO-SERGIO FERNÁNDEZ JOSE MANOEL SOARES JOSÉ LUÍS CARVALHO **SECRETARÍA DE REDACCIÓN E SUSCRIPCIONS:** PRAZA DA QUINTANA, 15704 SANTIAGO TELF.: (981) 58 01 00 **EQUIPO DE REDACCIÓN:** ALFREDO VICENTI 41 - 4º 15004 A CORUÑA TELF.: (981) 27 87 81 **ISSN:** 0211-6065 **DEPOSITO LEGAL:** C-1219-1983 **PRECIO EJEMPLAR:** 750 PTAS. **SUSCRIPCIÓN ANUAL** (3 números): 2.100 PTAS. **EXTRANXEIRO:** 2.500 PTAS. **IMPRIME:** ARTES GRÁFICAS GALICIA, S.A. Segovia, 19-VIGO.





# PLAN ESPECIAL DE REFORMA INTERIOR DEL PUERTO LOCAL DE GIJÓN.

PROYECTO 1986  
PRECIO NACIONAL DE URBANISMO 1987:  
MENCION

Arquitectos:

FERNANDO NANCLARES  
JESÚS MENÉNDEZ  
JUAN G. MORIYÓN  
NIEVES RUIZ

El puerto local de Gijón es un espacio dotado de unas características formales singulares y homogéneas.

La presencia de la ciudad permitió que todo el conjunto de obras que se han ido realizando se entendieran como de urbanización, que debían integrarse con las calles y plazas colindantes. Así, el conjunto del puerto histórico de

Gijón presenta una infraestructura en buen estado de conservación, con un emplazamiento óptimo junto al casco antiguo y el centro de la ciudad, pero sin unos usos específicos si se exceptúa el de paseo.

No se trata de hacer un puerto; sino de rehabilitar el puerto histórico de Gijón partiendo de esa estructura heredada y disponiendo un nuevo uso, el de puerto deportivo.

El proyecto se realiza con la intención de introducir el conjunto de elementos que componen las instalaciones del puerto deportivo con una solución unitaria y continua. Se pretende con ello aportar una pauta formal común al conjunto, que se supergonga por igual a los valores que posee la estructura de los muelles y diques antiguos.

## DOCUMENTACIÓN:

1. Estado actual. Planta con sombras.
2. 3. 4. 5. Proyecto. Planta general.

2	3
4	5

6. Taller de reparación de embarcaciones y Jardines de Poniente.

7. Vista de la zona de poniente desde la bocana del puerto.

8. Plantas escuela Náutica y Escuela de Vela. Varadero. Alzados y secciones.

10. Perspectiva del Paseo de Fomento, en primer término acceso al paso elevado. Escuela de Vela y al fondo edificio comercial.

11. Edificio comercial. Planta y alzados.

12. Edificio comercial. Planta primera y alzados.

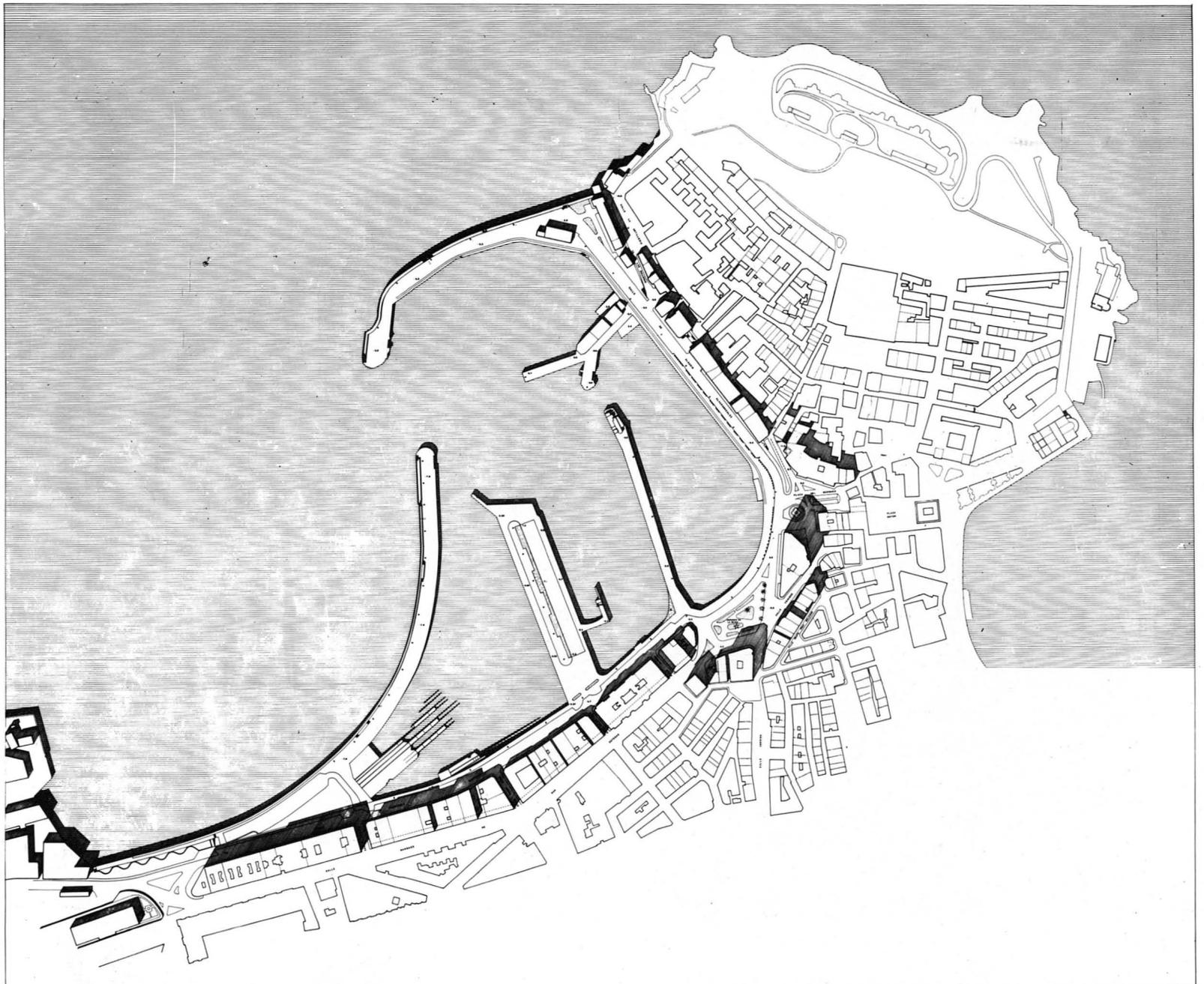
13. Edificio comercial. Vista desde Jardines de la Reina.

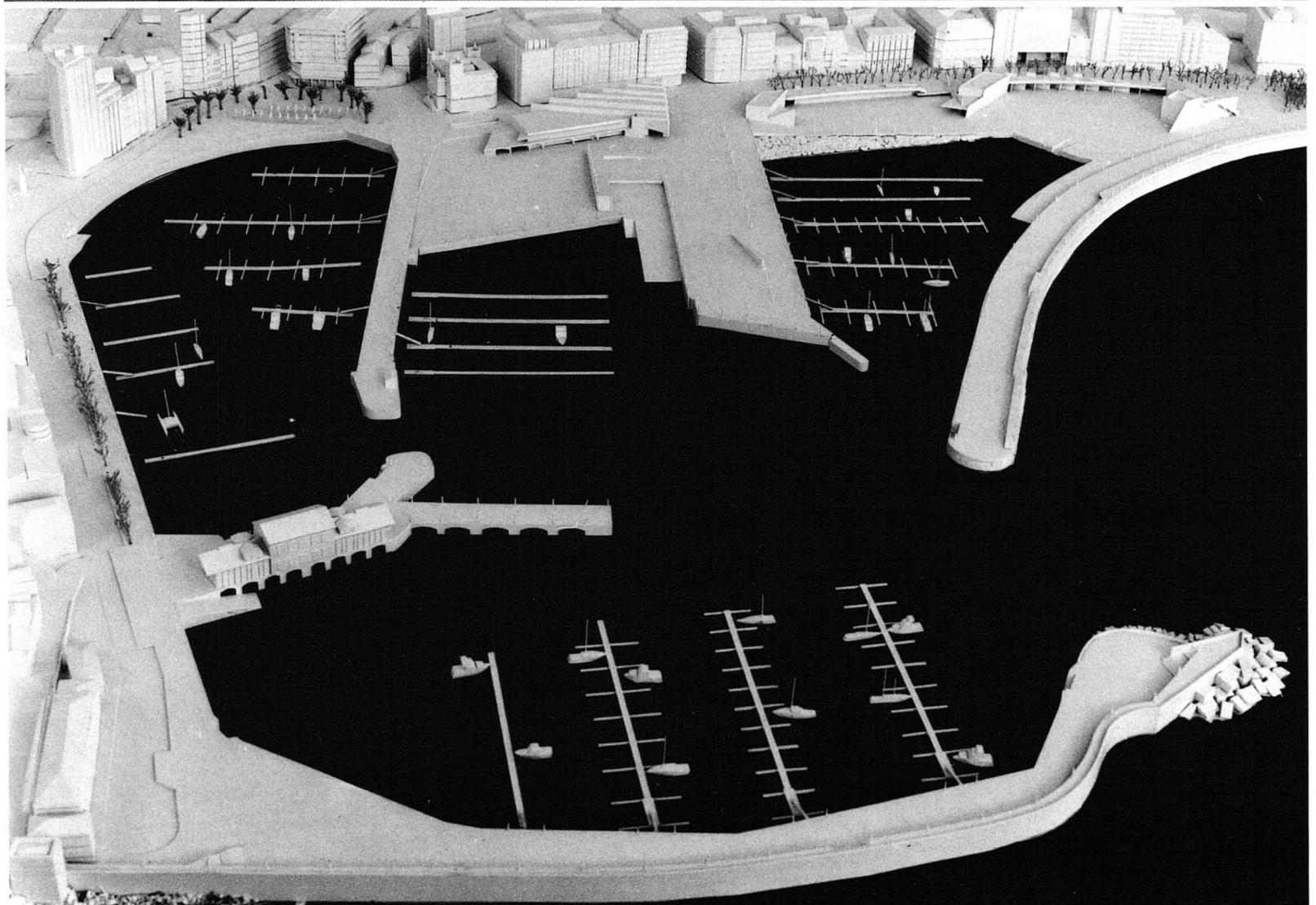
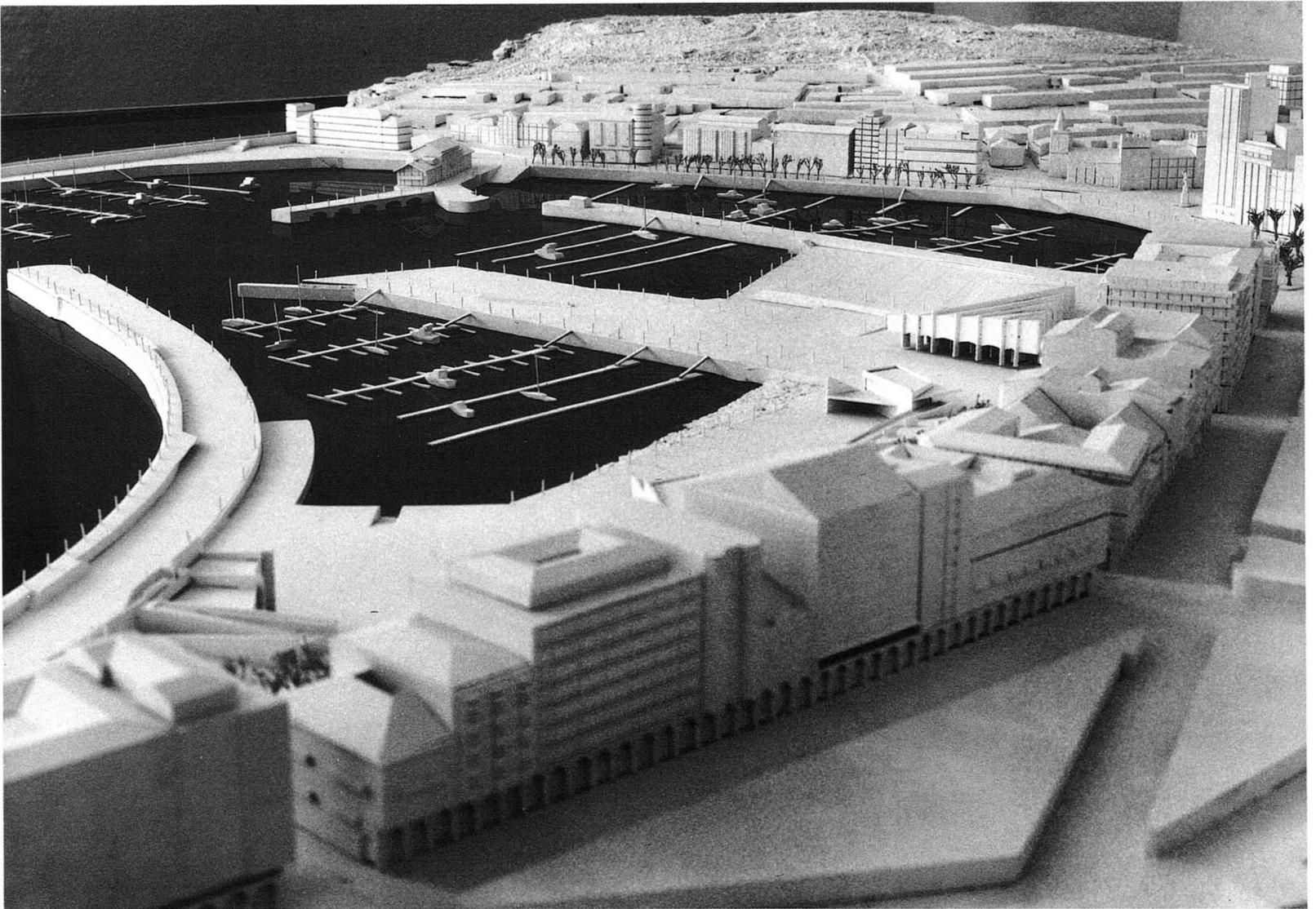
14. Detalles de bancos y pérgola.

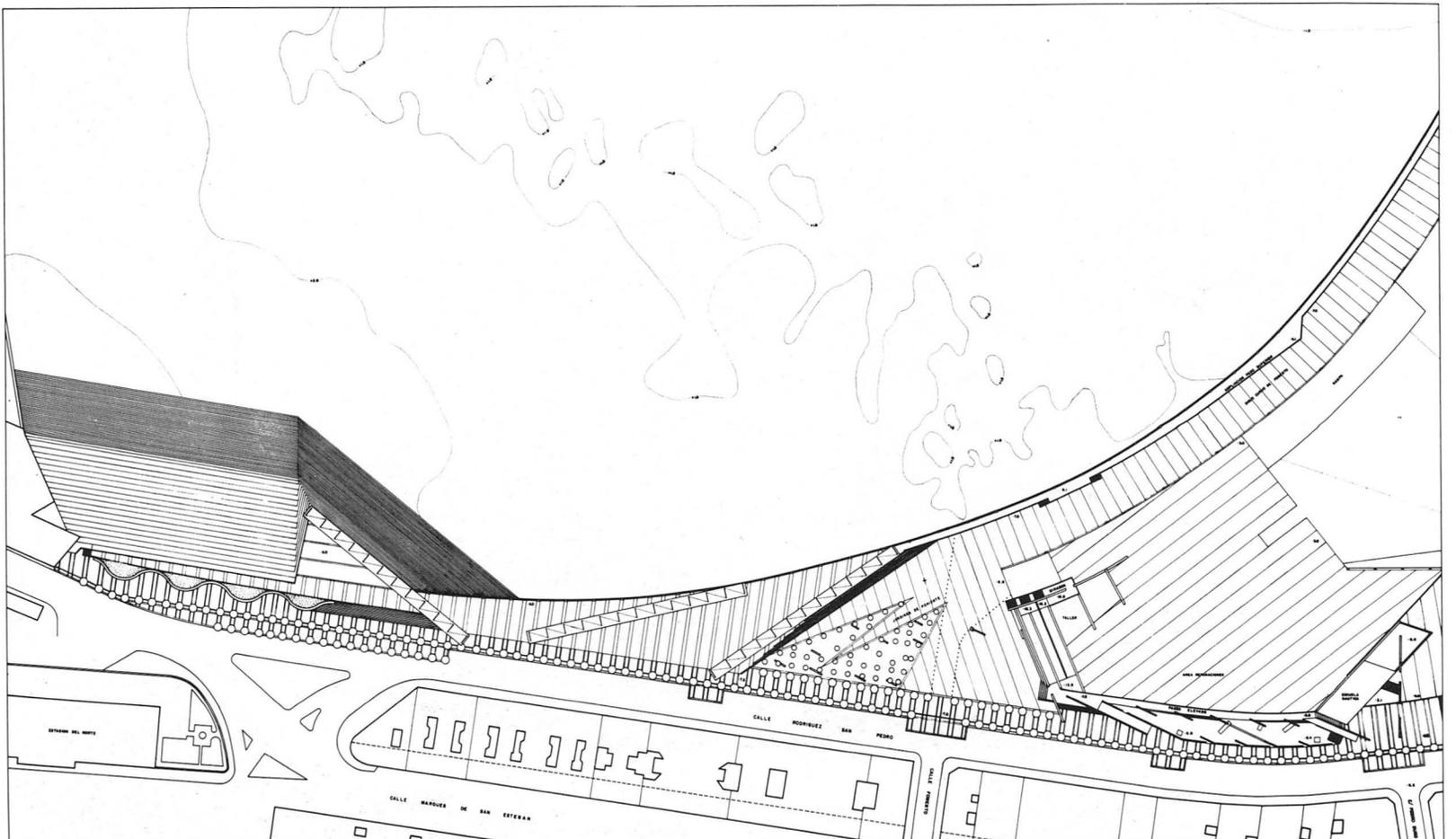
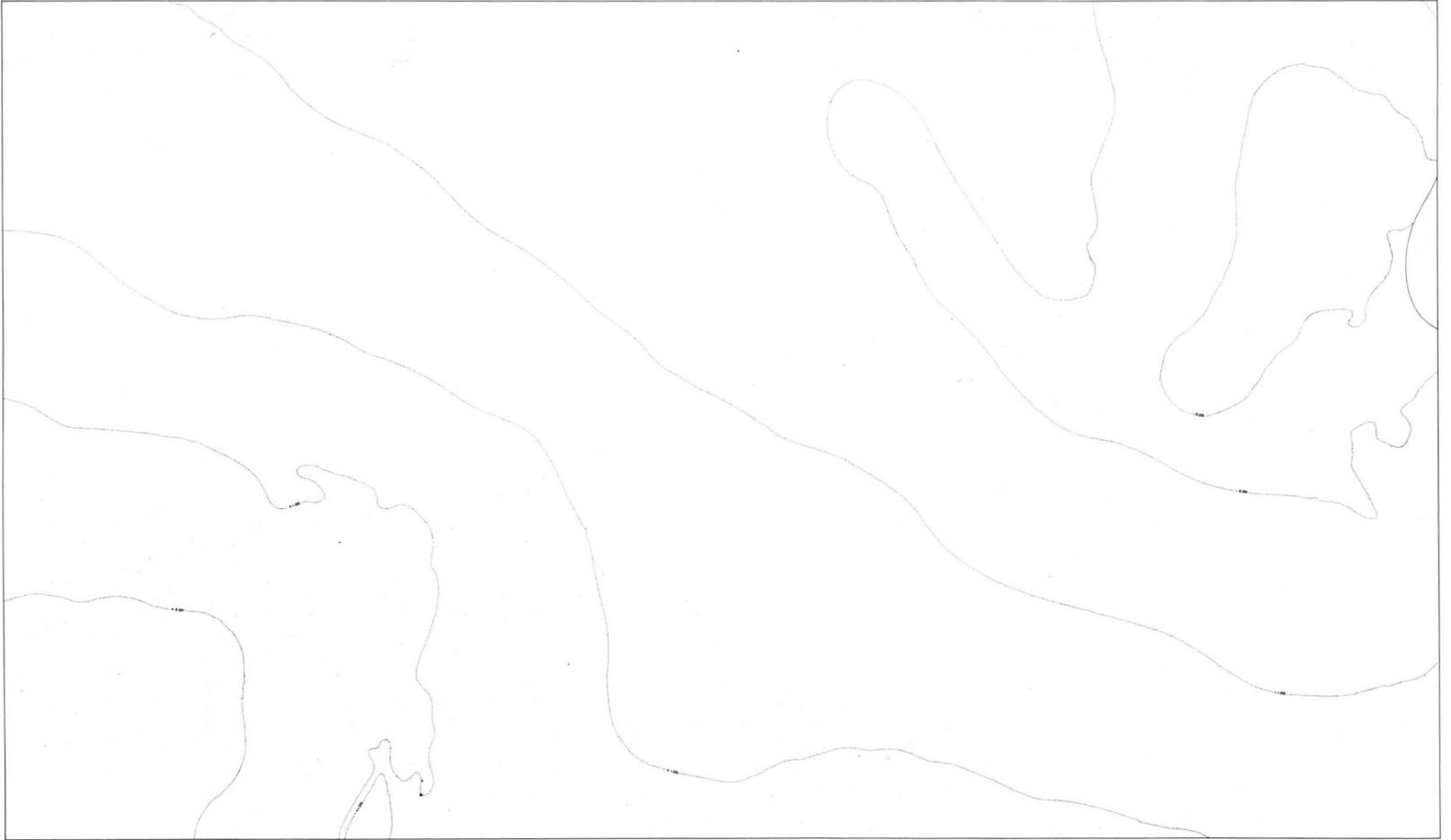
15. 16. Fotos maqueta

17. 18. Restauración de la antigua Aduana que albergará los servicios del Puerto Deportivo.

A partir de esta idea básica el espacio se ha estructurado atendiendo a las condiciones físicas del lugar, en orden a conseguir la debida funcionalidad del puerto deportivo. Ello implica la elección de los espacios marítimos y terrestres más adecuados para la disposición de los diversos puestos de atraque y de la nueva edificación que albergará los servicios





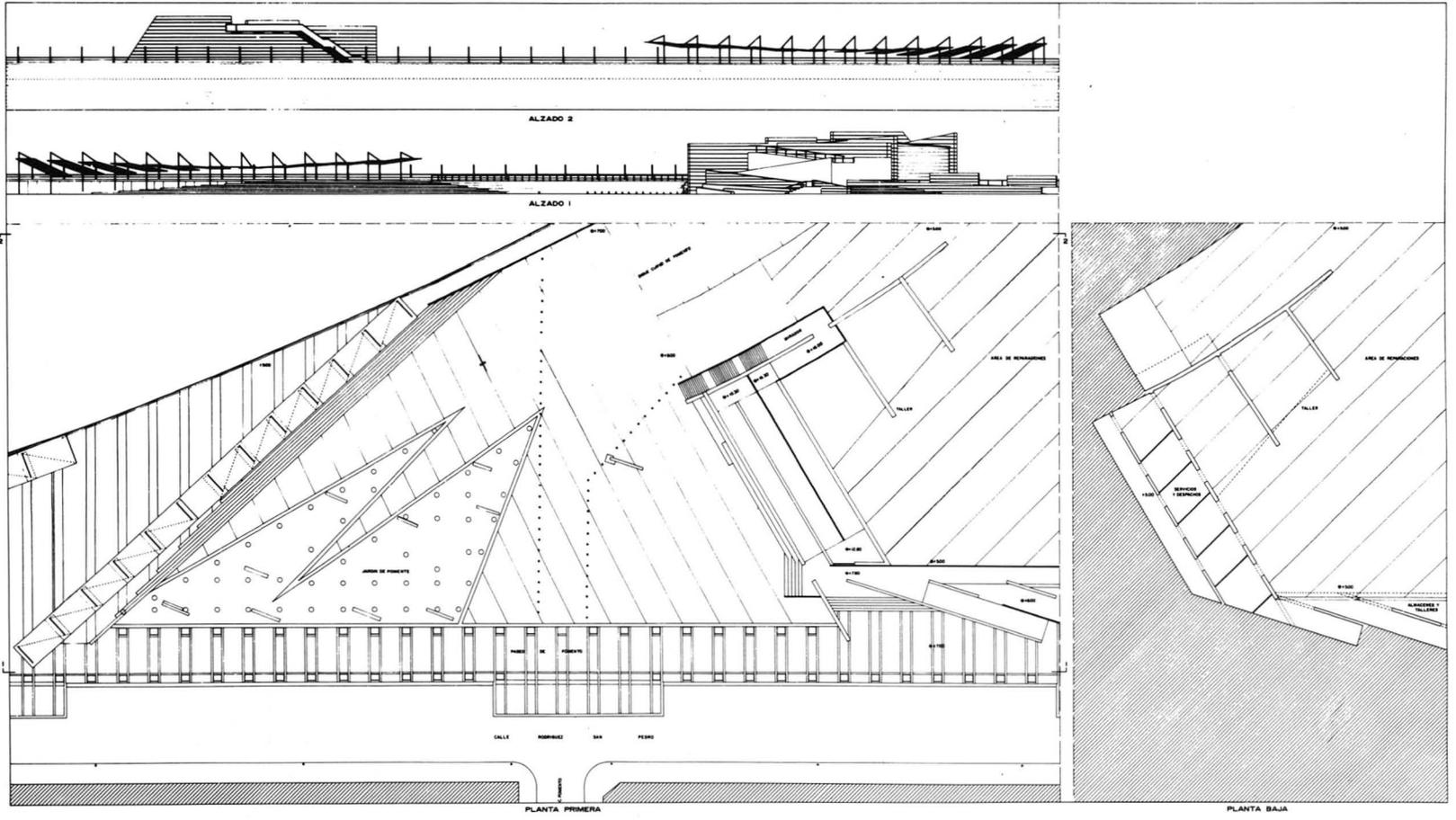




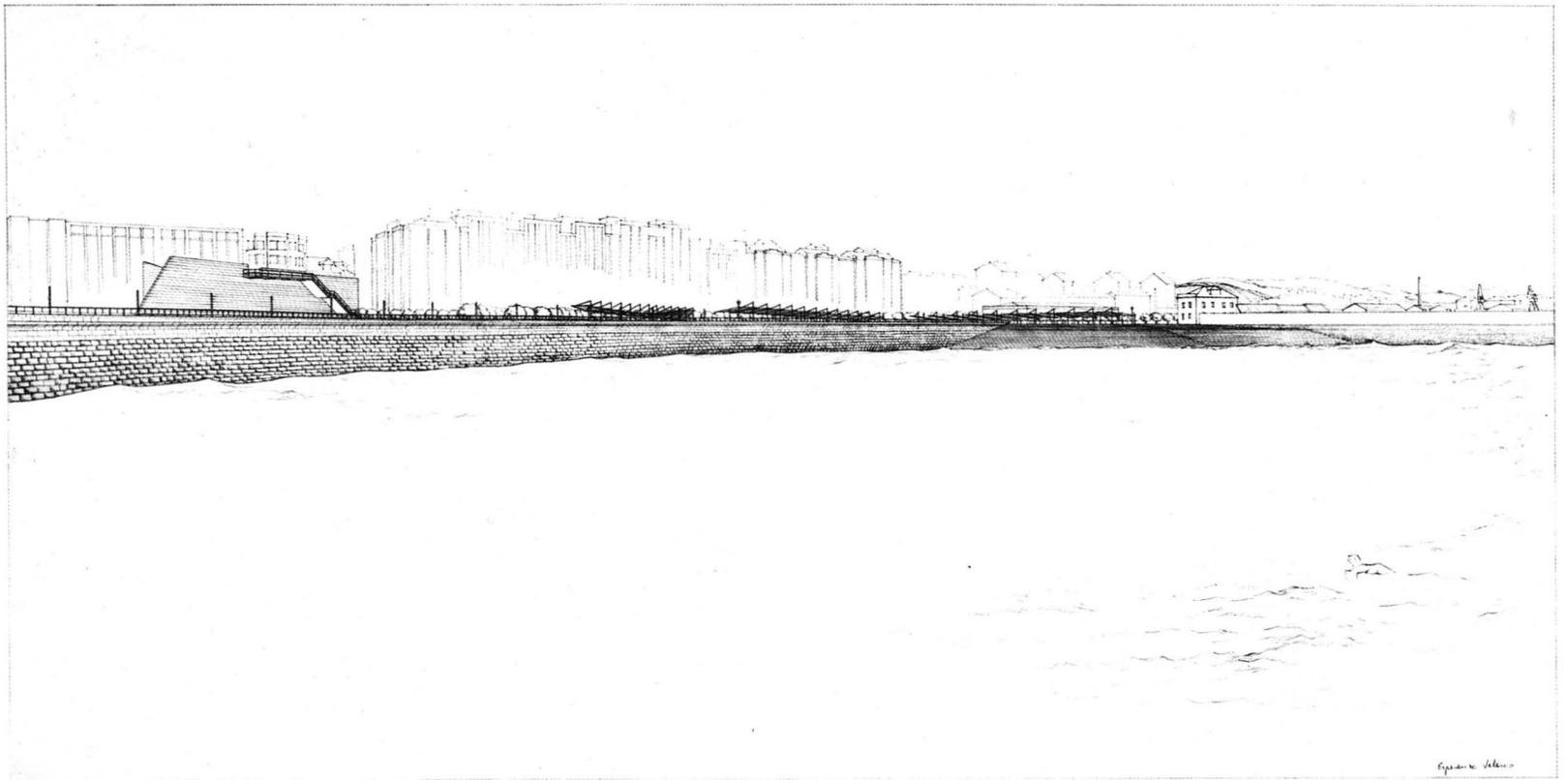
3



5

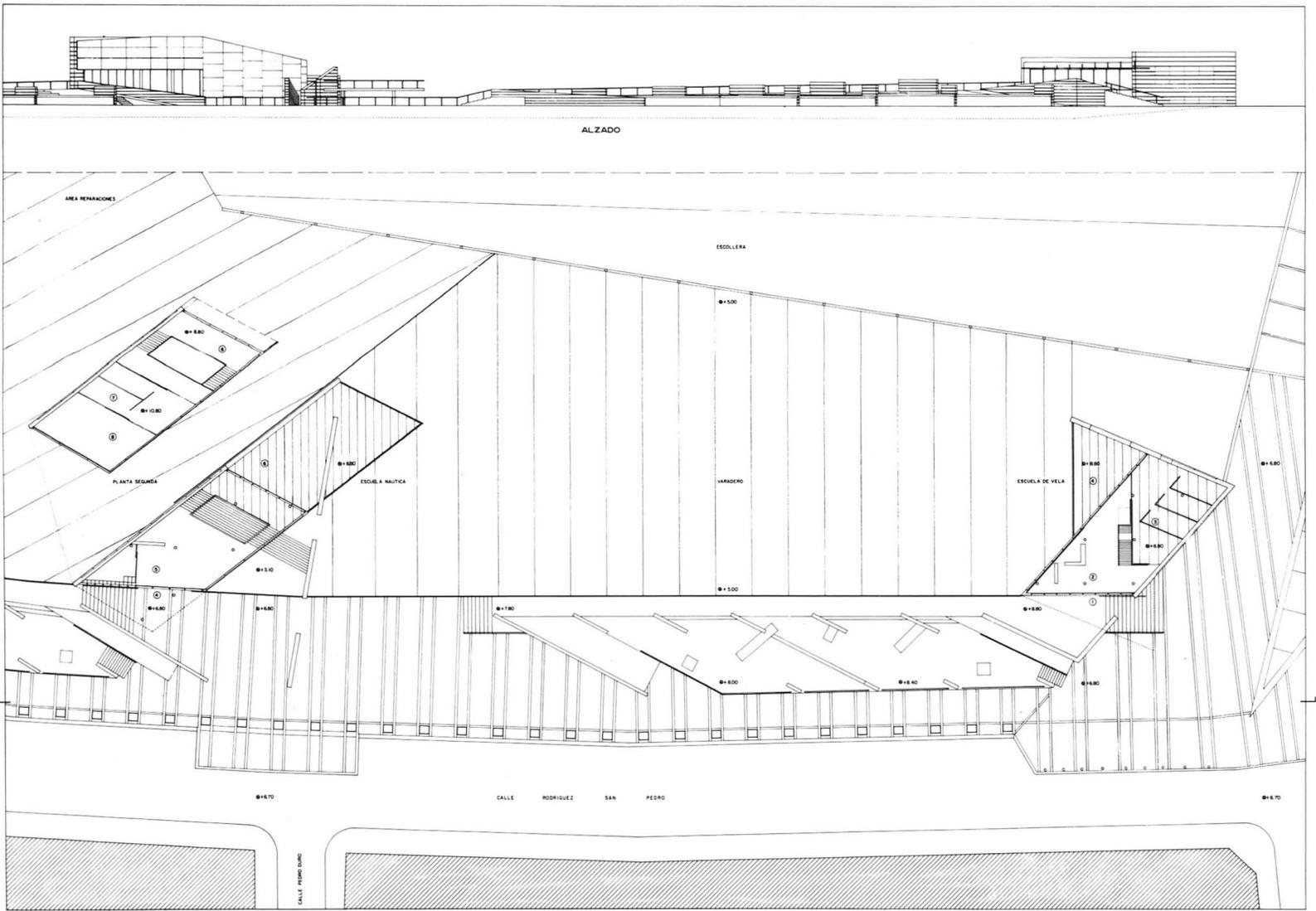


6



8

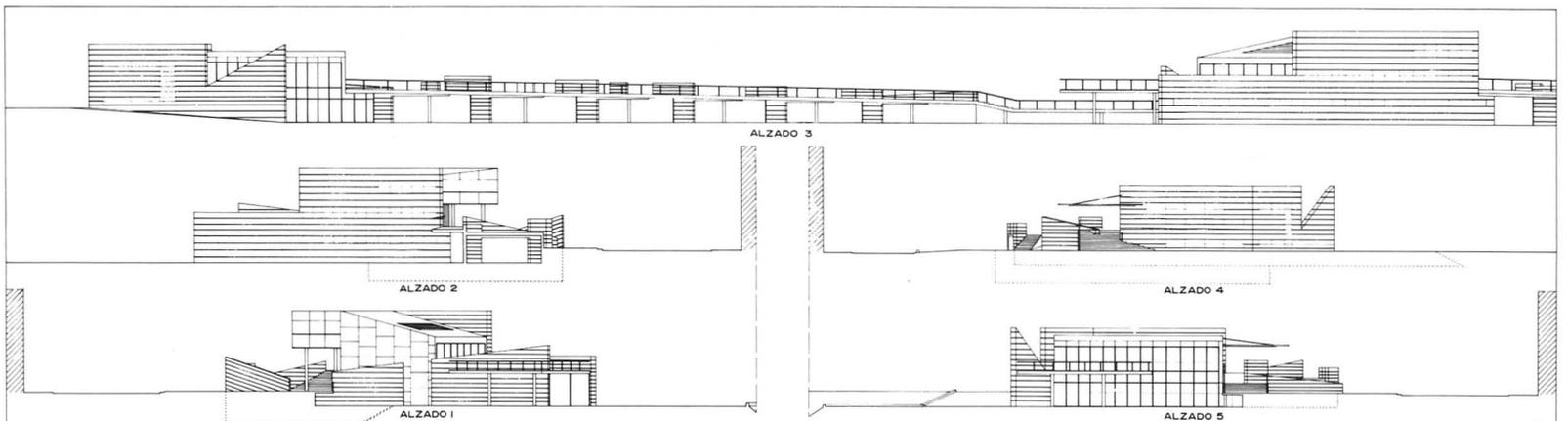
7



ALZADO

PLANTA

8



ALZADO 3

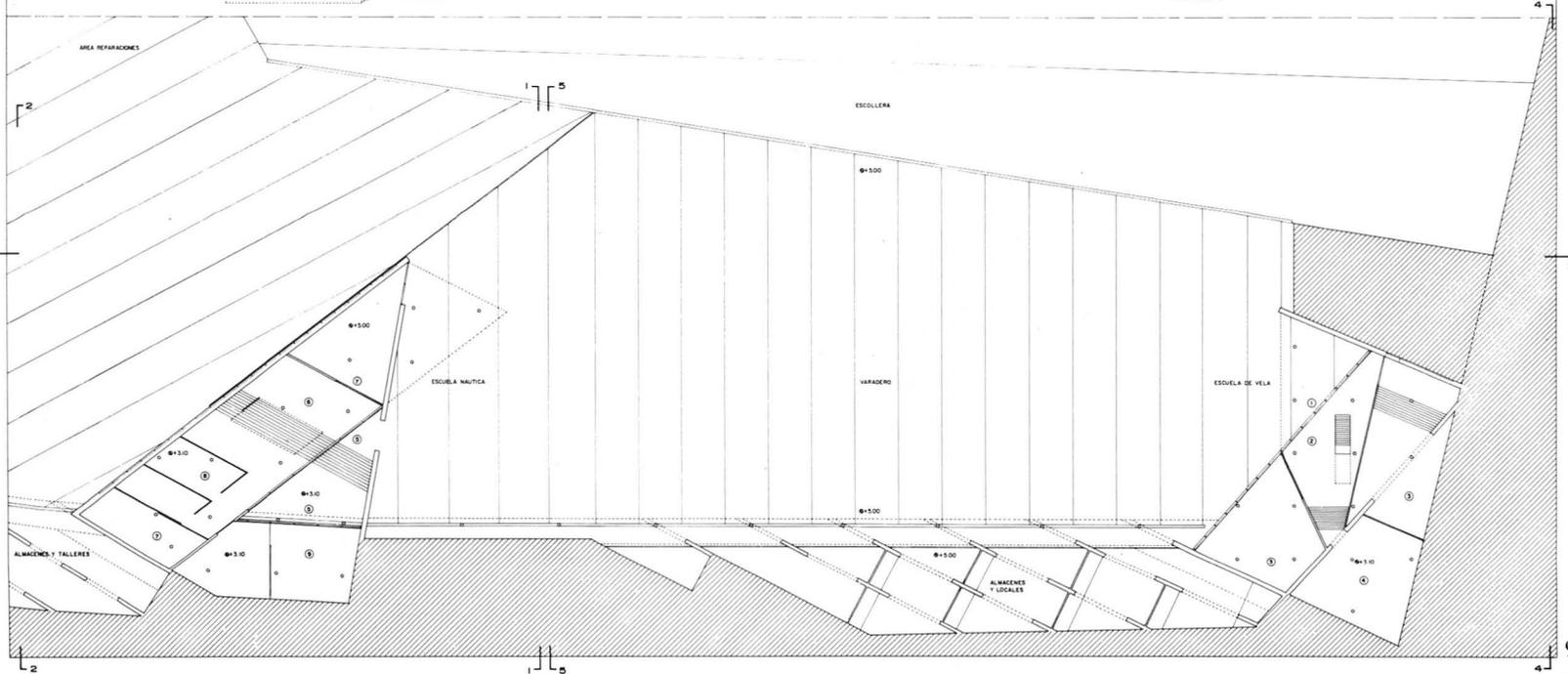
ALZADO 2

ALZADO 4

ALZADO 1

ALZADO 5

4



ESCOLERA

VARADERO

ESCUOLA DE VELA

ALMACENES Y TALLERES

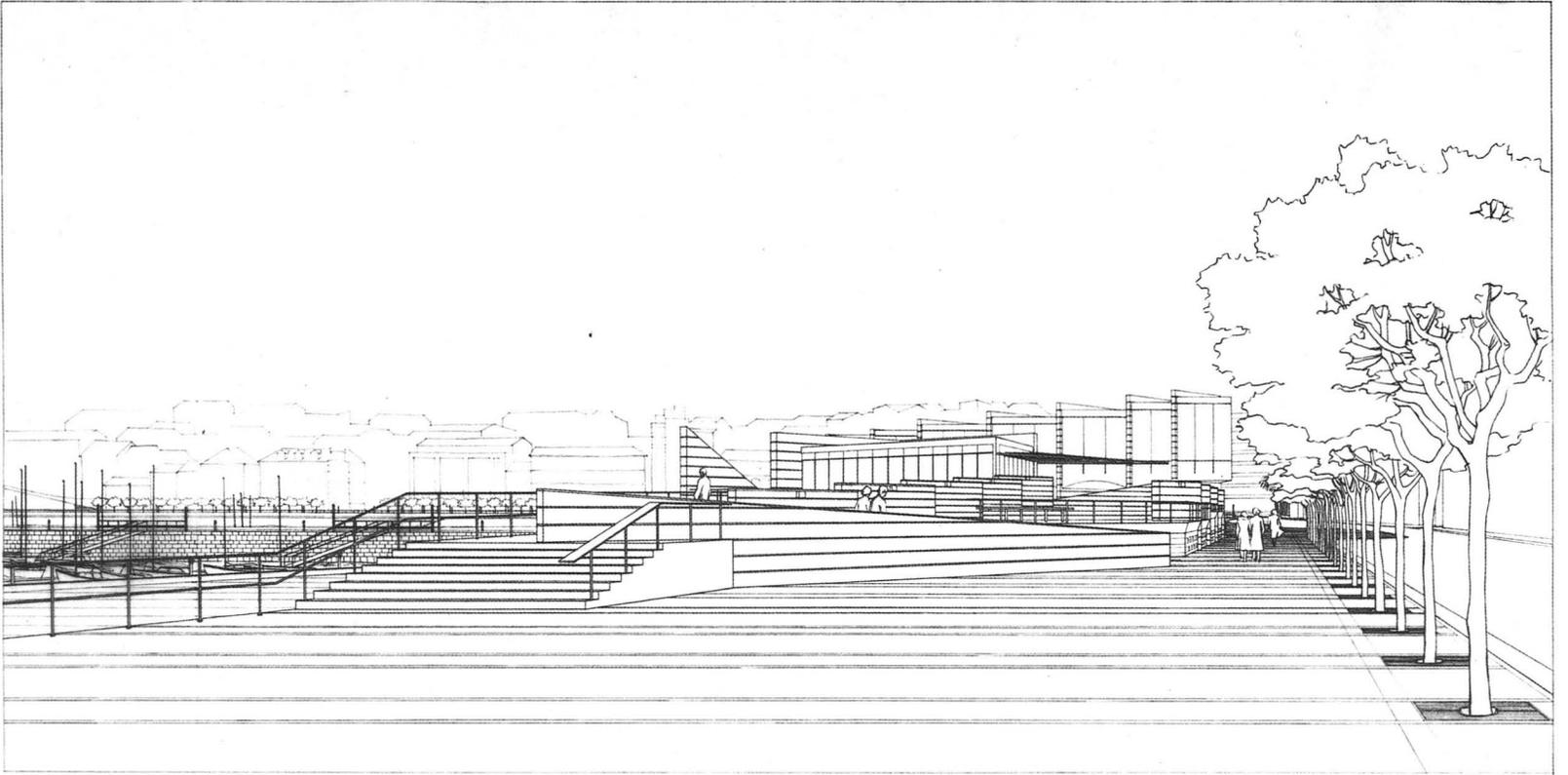
ALMACENES Y TALLERES

2

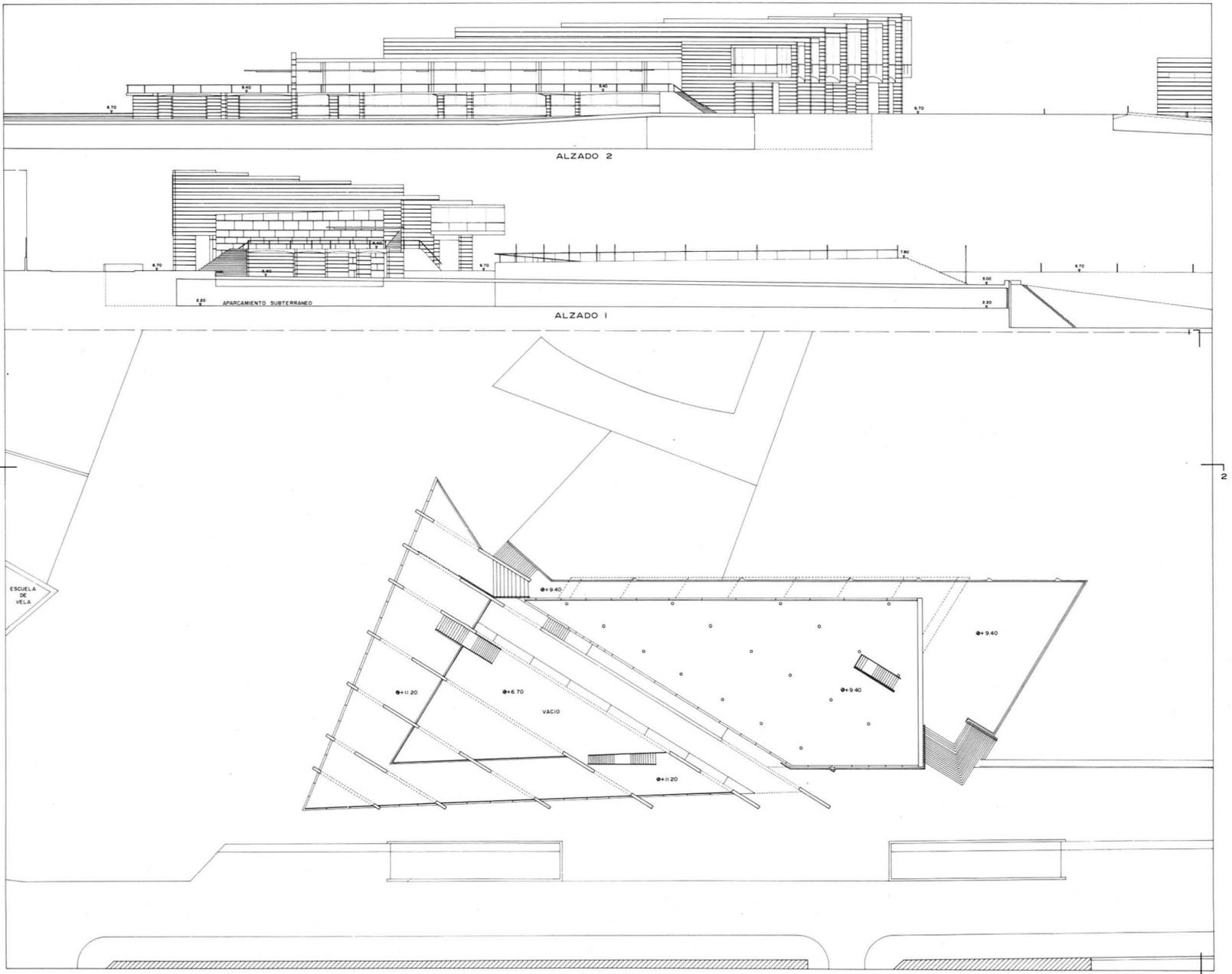
5

9

9

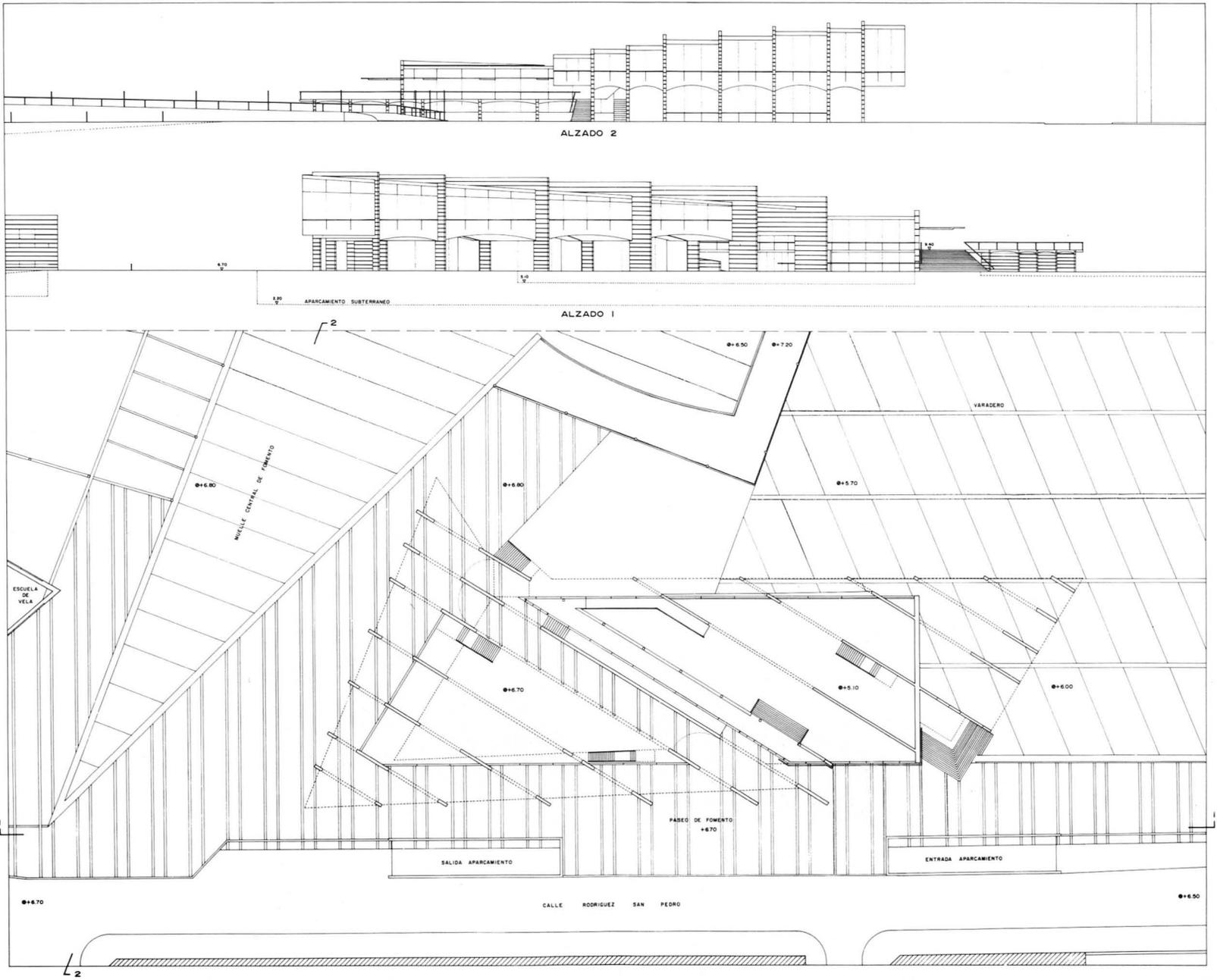


10

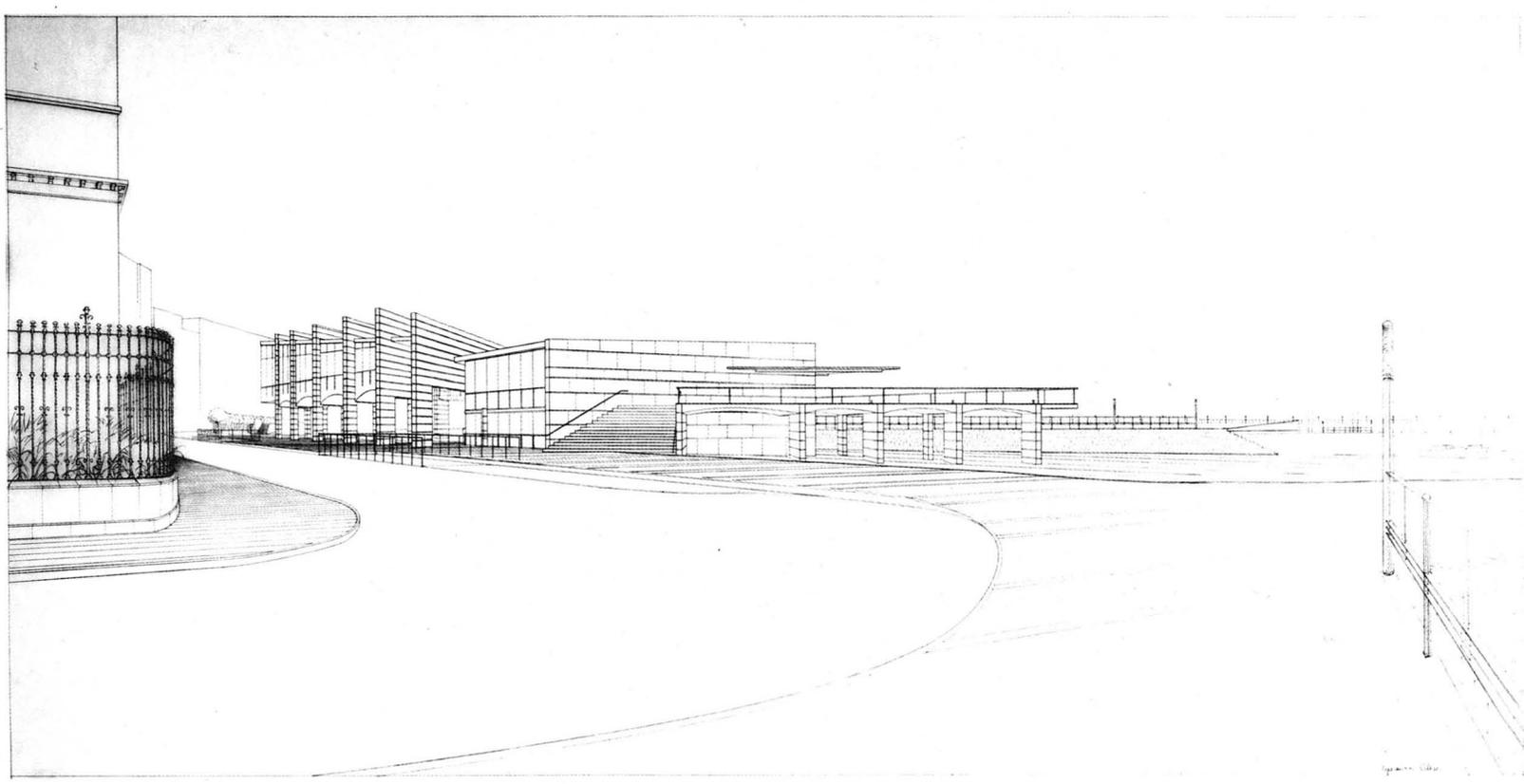


10

11



12



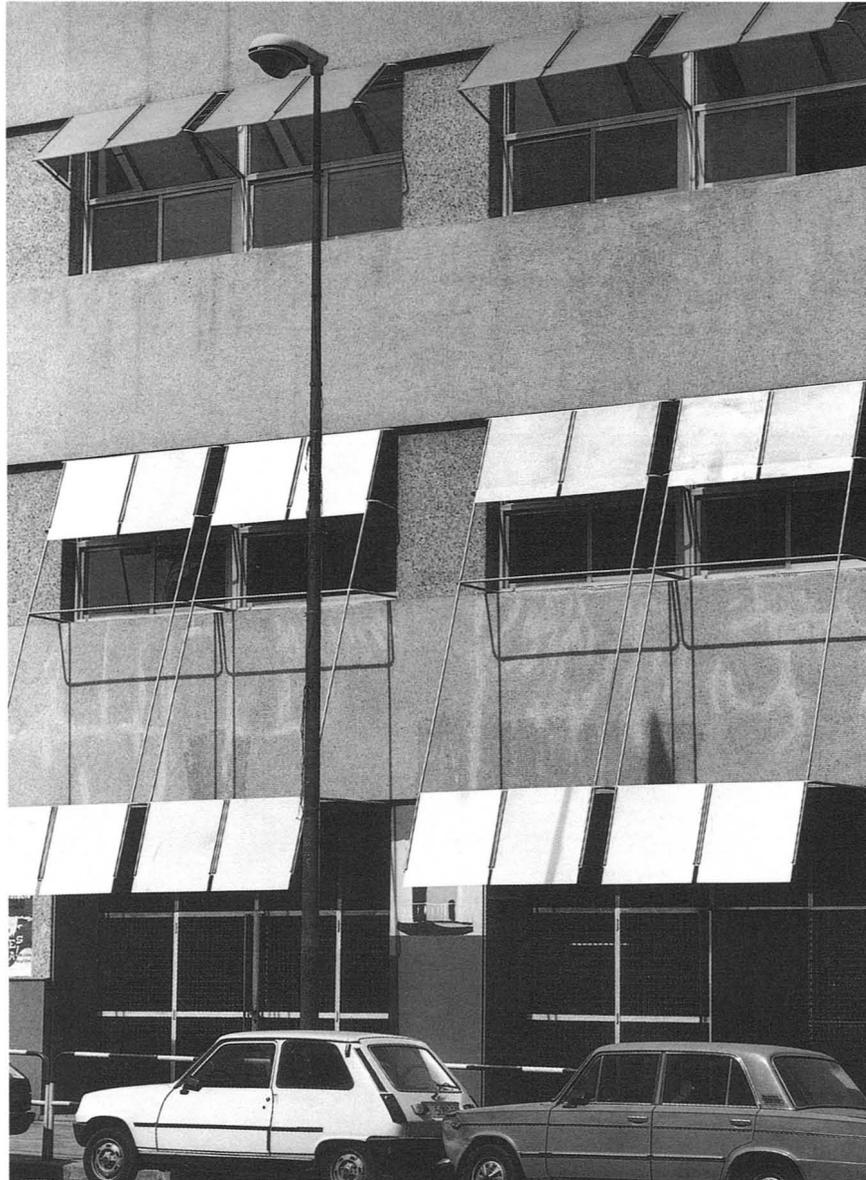
13

11

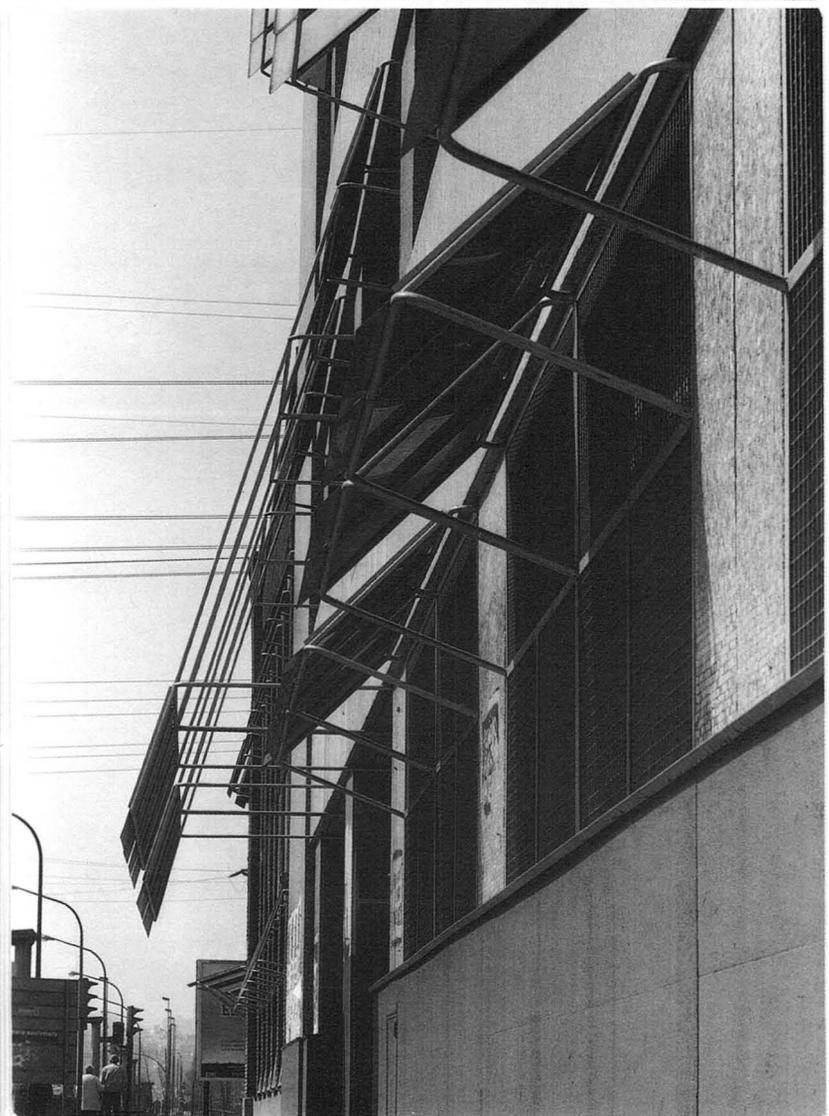
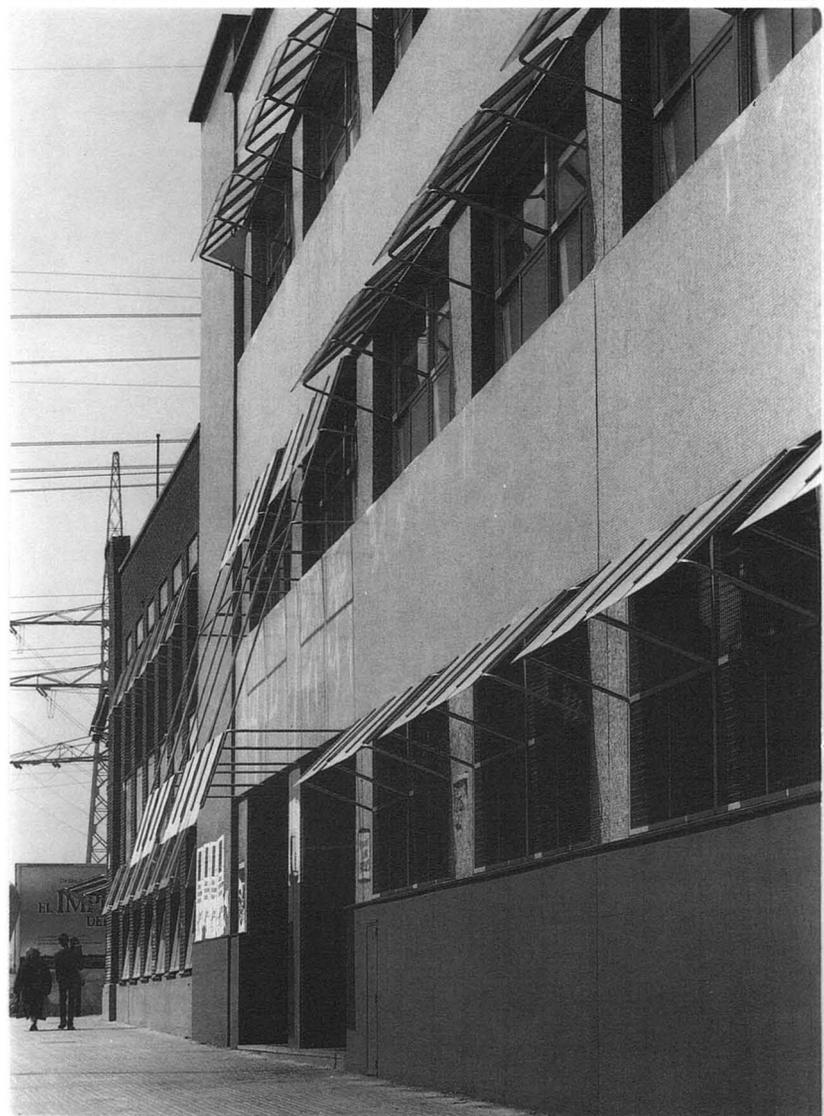
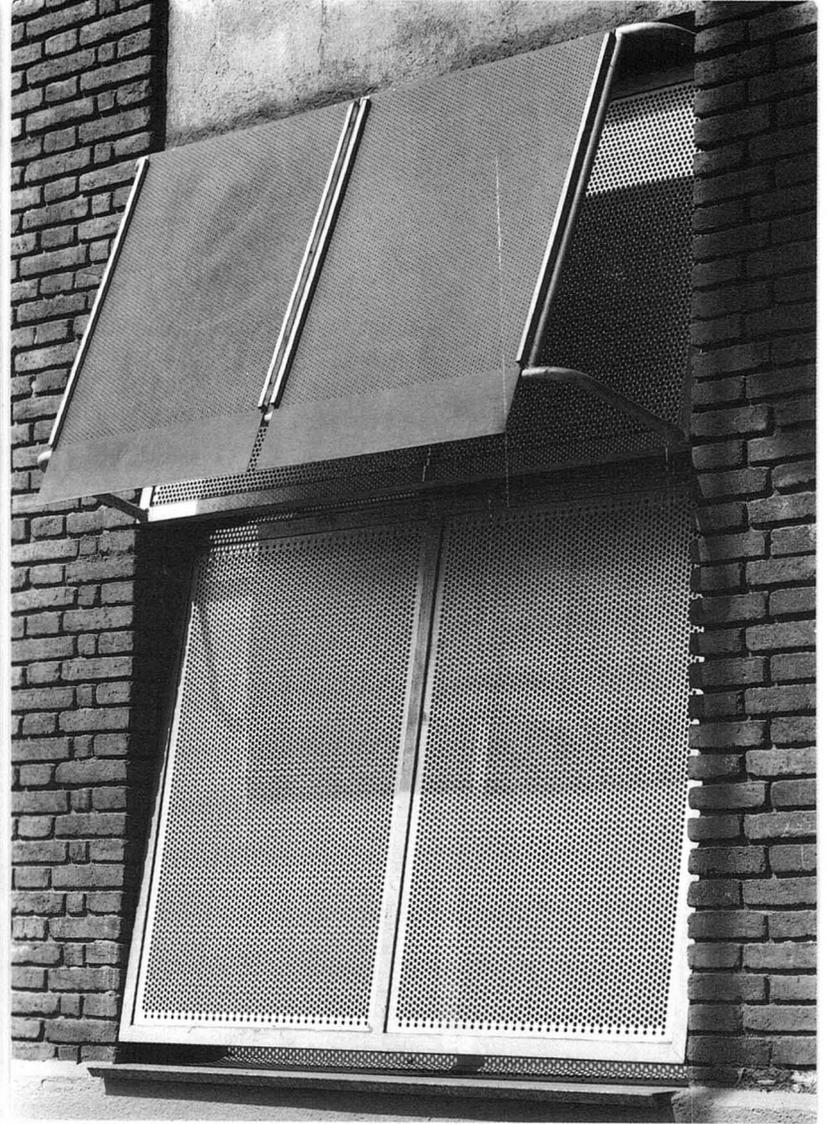
# EDUARDO BRU / PARASOLES

SANTA COLOMA DE GRAMANET (BARCELONA)

1987



FOTOS FERRÁN FREIXA





*EDUARDO BRU / REJAS*

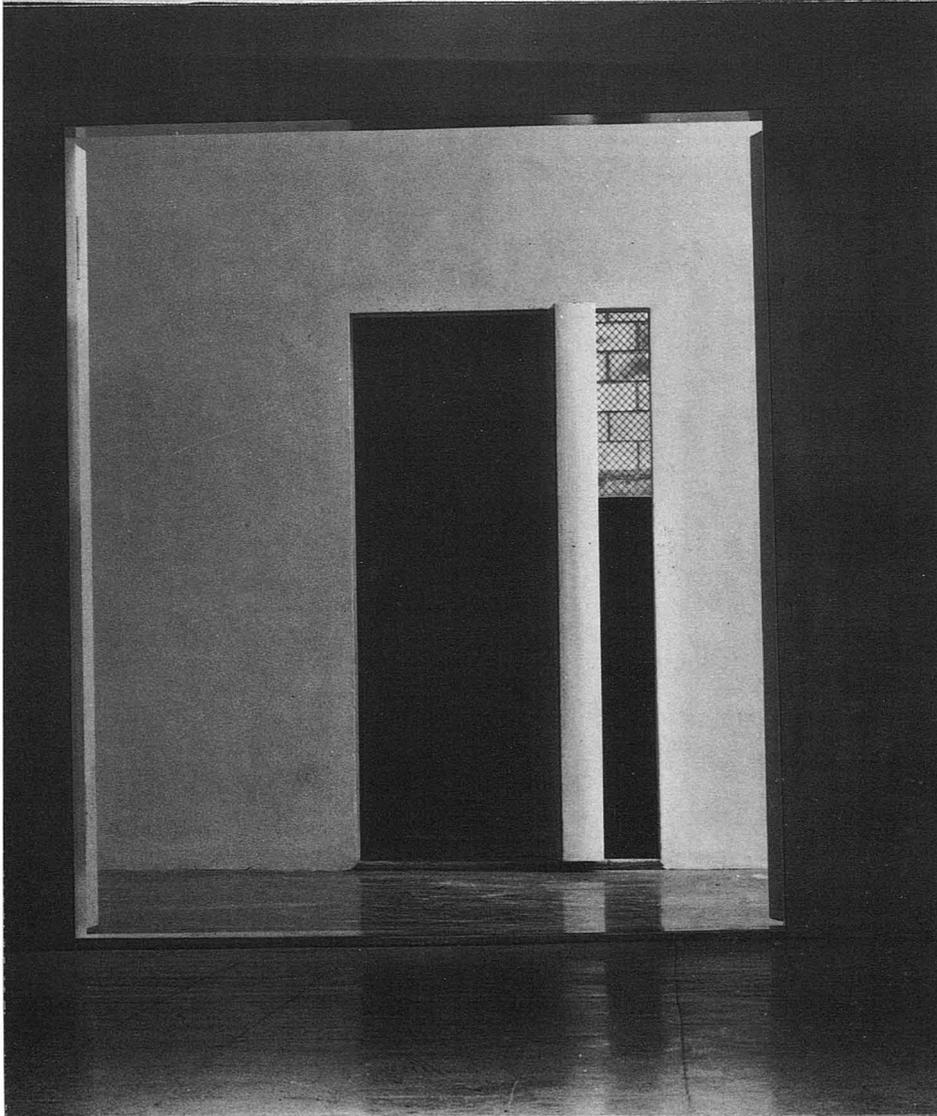
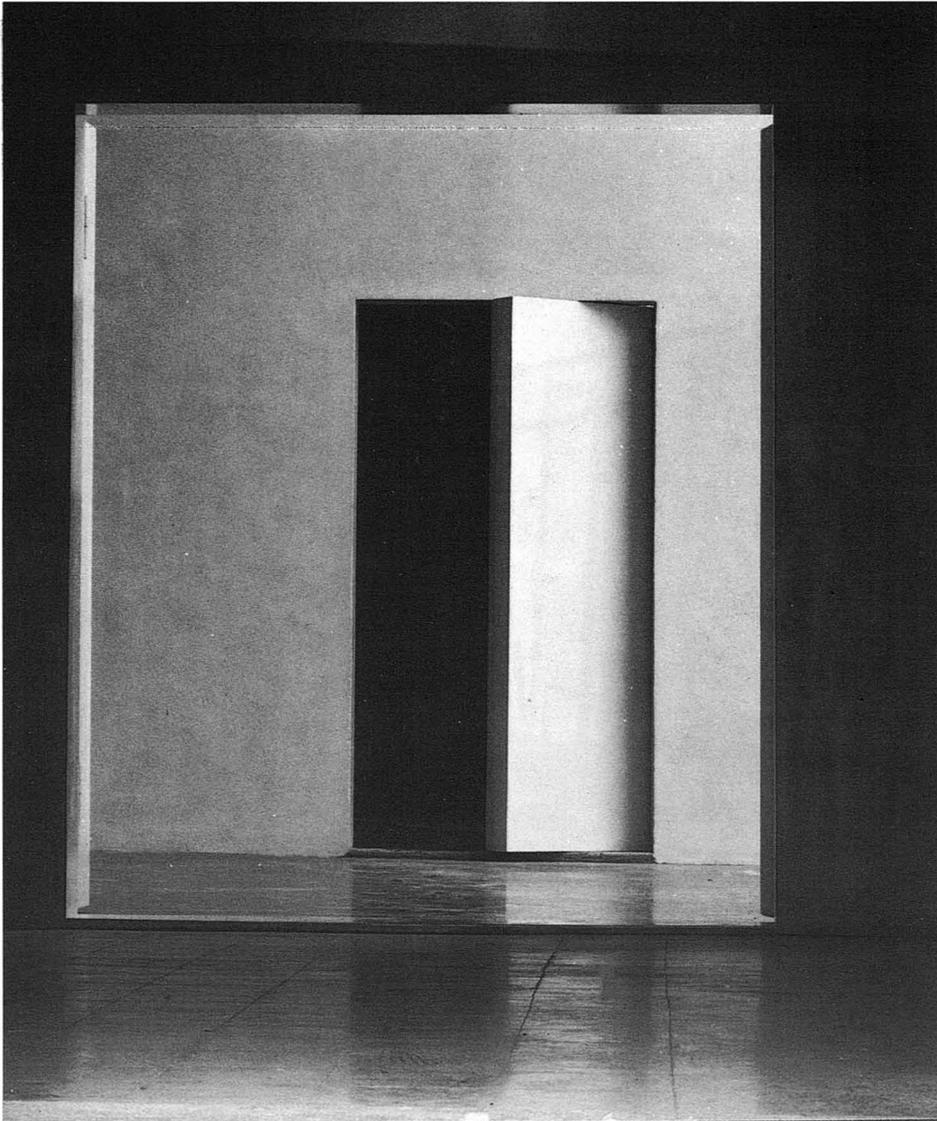
*SANTA COLOMA DE GRAMANET (BARCELONA) 1987*

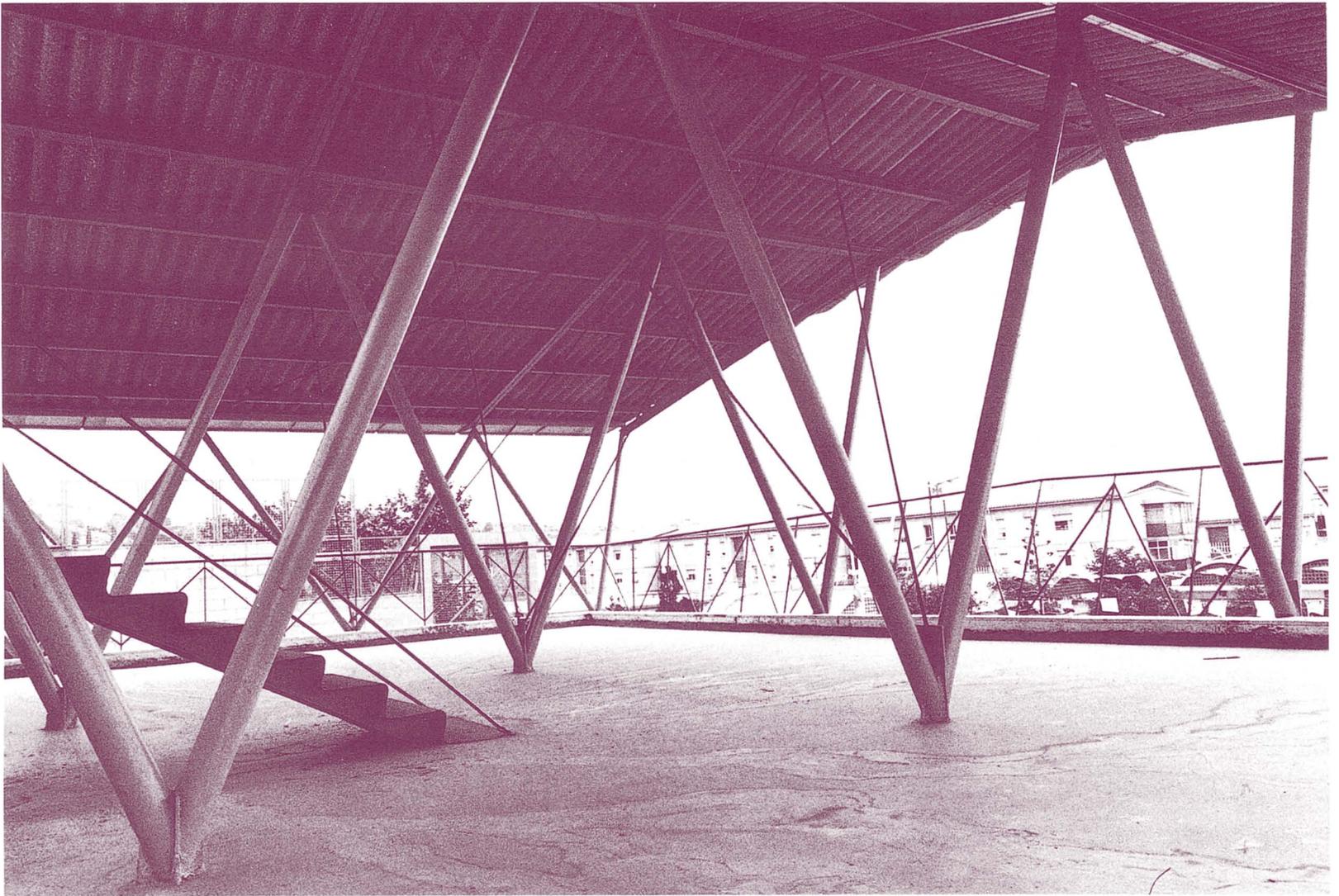
*FOTO FERRÁN FREIXA*

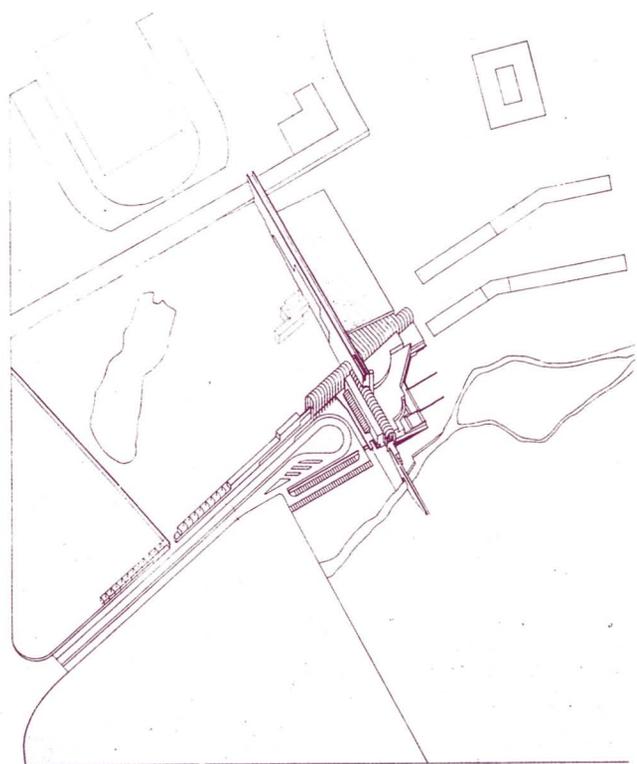


*EDUARDO BRU / CENTRO SOCIAL*

*BADALONA (BARCELONA) 1986*







## PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES E DESPORTOS EM BRAGA

Gonçalo Byrne

1. A Câmara Municipal de Braga decidiu em 1977 dotar o seu Parque Municipal de Exposições com um edifício de grandes dimensões e uso polivalente que deveria constituir o futuro núcleo principal das sucessivas feiras e exposições e em simultâneo um equipamento complementar do Parque Desportivo principal da cidade.

Para tal entendeu nesse mesmo ano lançar um concurso público de arquitectura, no qual foi seleccionado este projecto cuja obra da primeira fase foi inaugurada em Abril do ano passado.

A parte realizada corresponde a essa primeira fase, ou seja, à Grande Nave e respectivos apoios, acessos principais e serviços administrativos, estando de momento em curso as obras da segunda fase basicamente constituída por um auditório de 1.500 lugares e outras salas de reuniões e congressos.

A dimensão de toda a obra, aparentemente ambiciosa para uma cidade localizada na periferia do Porto, entende-se melhor se se tomar em conta que Braga está no centro duma das regiões mais dinâmicas do país.

2. As questões principais postas pelo projecto tinham a ver com o sítio, o programa e a escala da intervenção. Tratava-se de facto dum processo de transformação em que a escala da intervenção subjacente ao programa, por

muito mimetismos estilísticos que se usassem, e a via não era obviamente esta, dificilmente esconderiam a relação conflitual com a geografia do sítio — uma quinta minifundiária entre encosta e rio em que toda a história do uso e o suporte físico se encontravam já profundamente alterados.

O terreno que fora num passado recente de exploração agrícola com um pequeno núcleo de construções de lavoura com uma tipologia bem característica da arquitectura do milho, estava estreitamente ligado ao rio e limitava-se a norte por uma encosta acentuada que forma a base do Estádio municipal construído nos anos quarenta. A nascente um magnífico parque de sabor e desenho romântico com lago, árvores de grande porte e quenas construções (capela, pergolas) de sabor muito local apenas separado por uma plataforma ocupada por uma das estações eléctricas de abastecimento da cidade a ser removida.

Construções rurais de estrutura frágil coexistindo com marcas de grande escala são pré-existenciais que o projecto interpreta na transformação que ele próprio veícula e nas novas relações que estabelece entre as várias partes.

3. A ideia estruturante é simples e clara. A partir das duas entradas pré-estabelecidas ao recinto das feiras, uma ao nível superior junto ao Estádio, outra, a entrada principal, junto ao rio dão origem a dois percursos, um em escadório vencendo o desnível outro em rua coberta que se cruzam, envolvendo ou marginando os diversos espaços de grande ou menor dimensão como se da origem dum assentamento urbano se tratasse.

O muro nascente da grande nave, apoio da cobertura, ganha espessura (ele é constituído por três planos paralelos que se vão desfazendo) de modo a conter os acessos que o percorrem nos lados exteriores e interiores. Estes percursos vão descobrindo gradualmente situações de globalidade ou de pormenor, rompendo ou tapando, num desenho que fragiliza a grande escala que ele contém.

Pedia o programa uma grande polivalência, com a ambiguidade e os necessários compromissos que este termo comporta, no uso da grande nave, grandes exposições-feiras, grandes reuniões, espectáculos e actividades desportivas diversas com público em bancadas, tudo isto com recursos financeiros que afastavam vôos de altas tecnologias.

Sem transformar a flexibilidade no pretexto para um espaço indiferenciado ou fortemente tecnicizado a atenção foi antes no sentido de determinar uma forma bem caracterizada e suficientemente clara nos seus princípios organizativos, com o engenho suficiente às transformações pedidas. Um mecanismo simples de bancadas rotativas permite a transformação de áreas planas (necessárias para exposições) em bancadas inclinadas para acolher o público das provas desportivas. Uma rede de infra-estruturas dissimulada no pavimento permite o equipamento dos stands de exposição sem perturbar o seu uso para a prática desportiva.

4. Uma área central rectangular com um vão livre de 54 x 114 metros é coberta por uma estrutura metálica ligeira de vigas tubulares de pequena secção. Dessa cobertura duas passadei-

ras metálicas ligeiras concentram grande parte dos sistemas de iluminação e sonoros comandados a partir da "régie" central instalada ao lado das cabines dos "média".

A iluminação natural desta grande "praça coberta" e feita a partir de dois lanternins longitudinais a nascente e poente, que iluminam lateralmente o recinto central a partir das bancadas de público.

O pavimento preparado para cargas e desgastes elevados transforma-se para as actividades desportivas através da sobreposição de elementos ligeiros com as características próprias para as diversas modalidades.

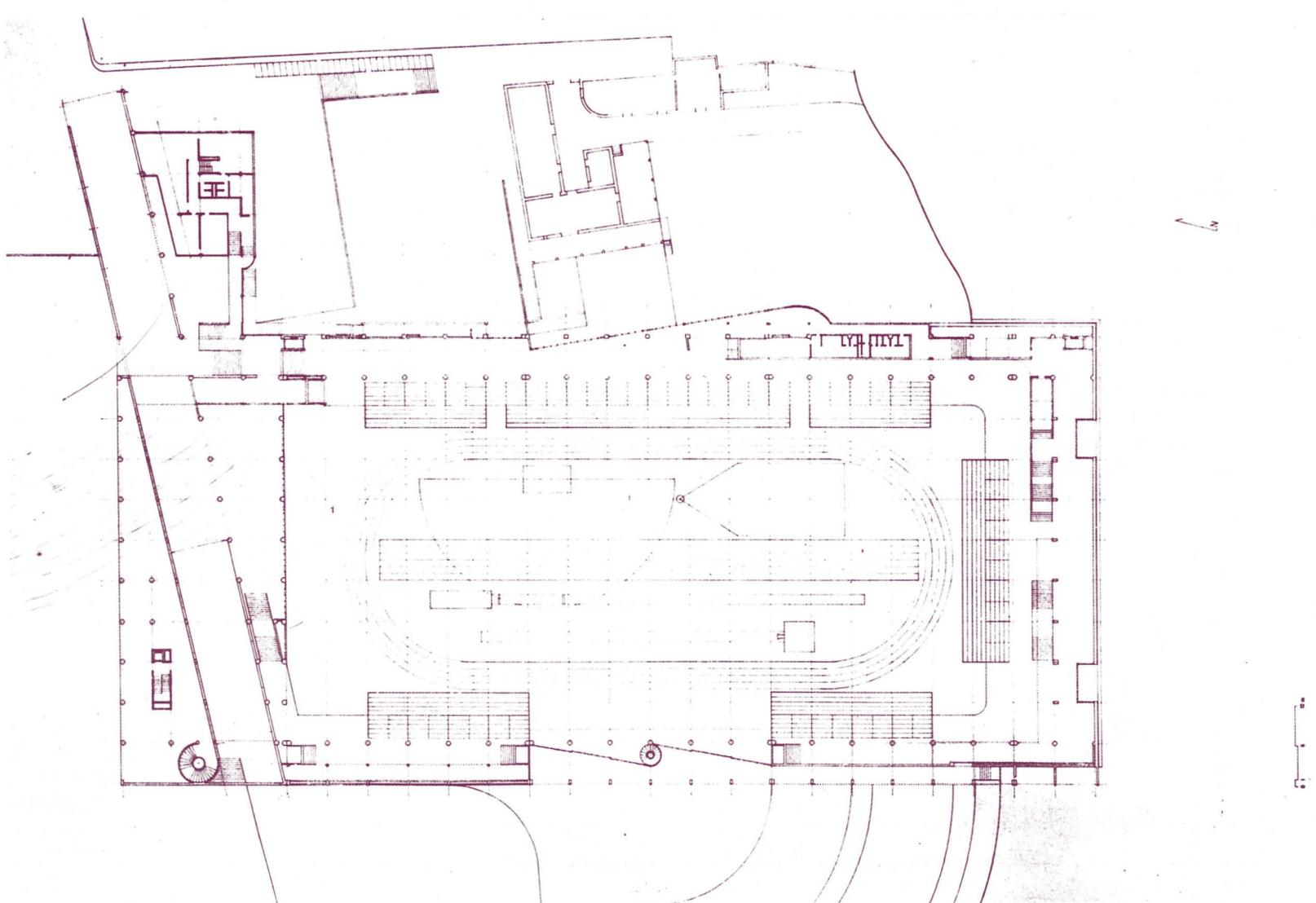
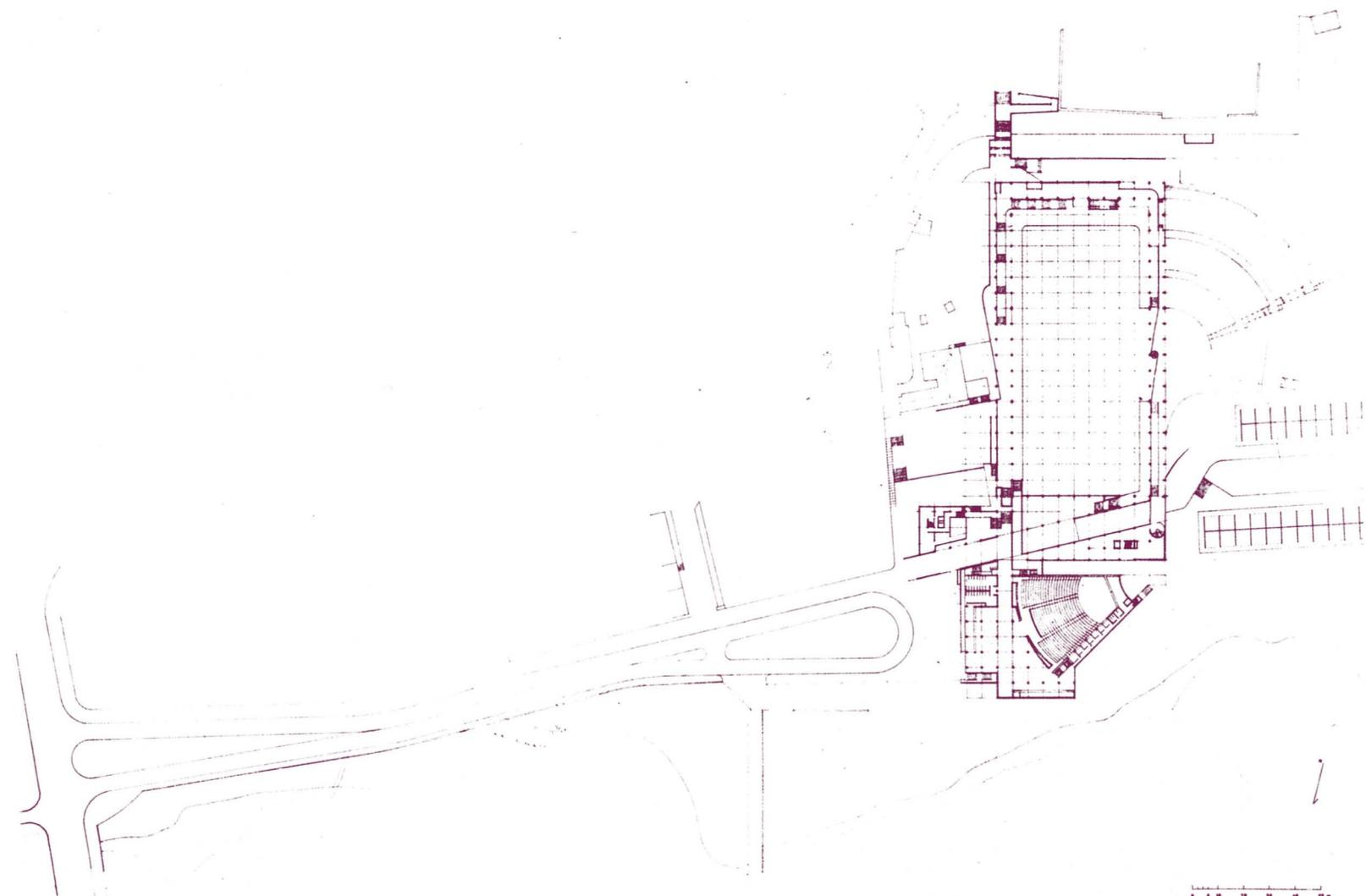
Todos os restantes elementos estruturais são em betão armado segundo malha regular de 6 x 6 metros.

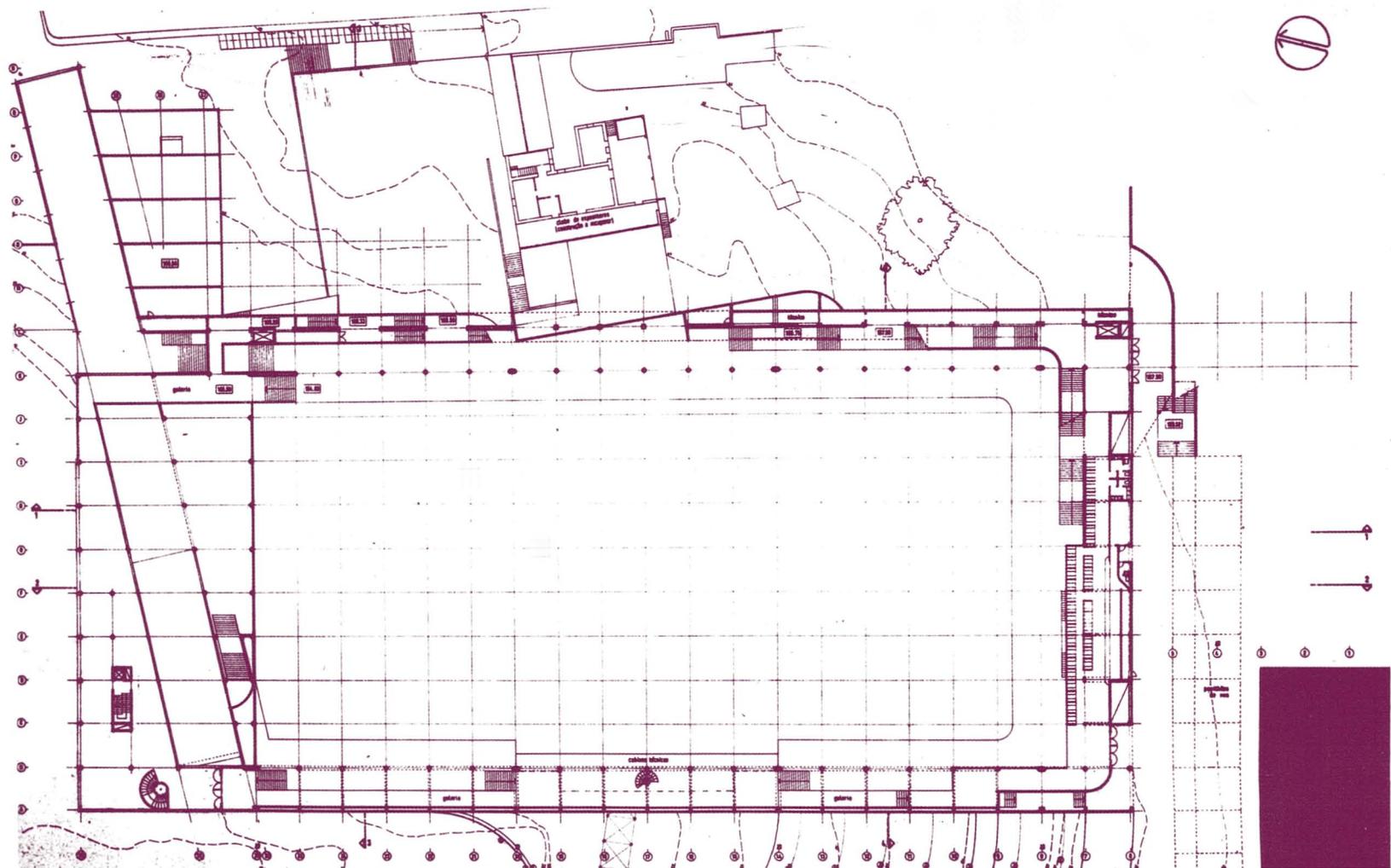
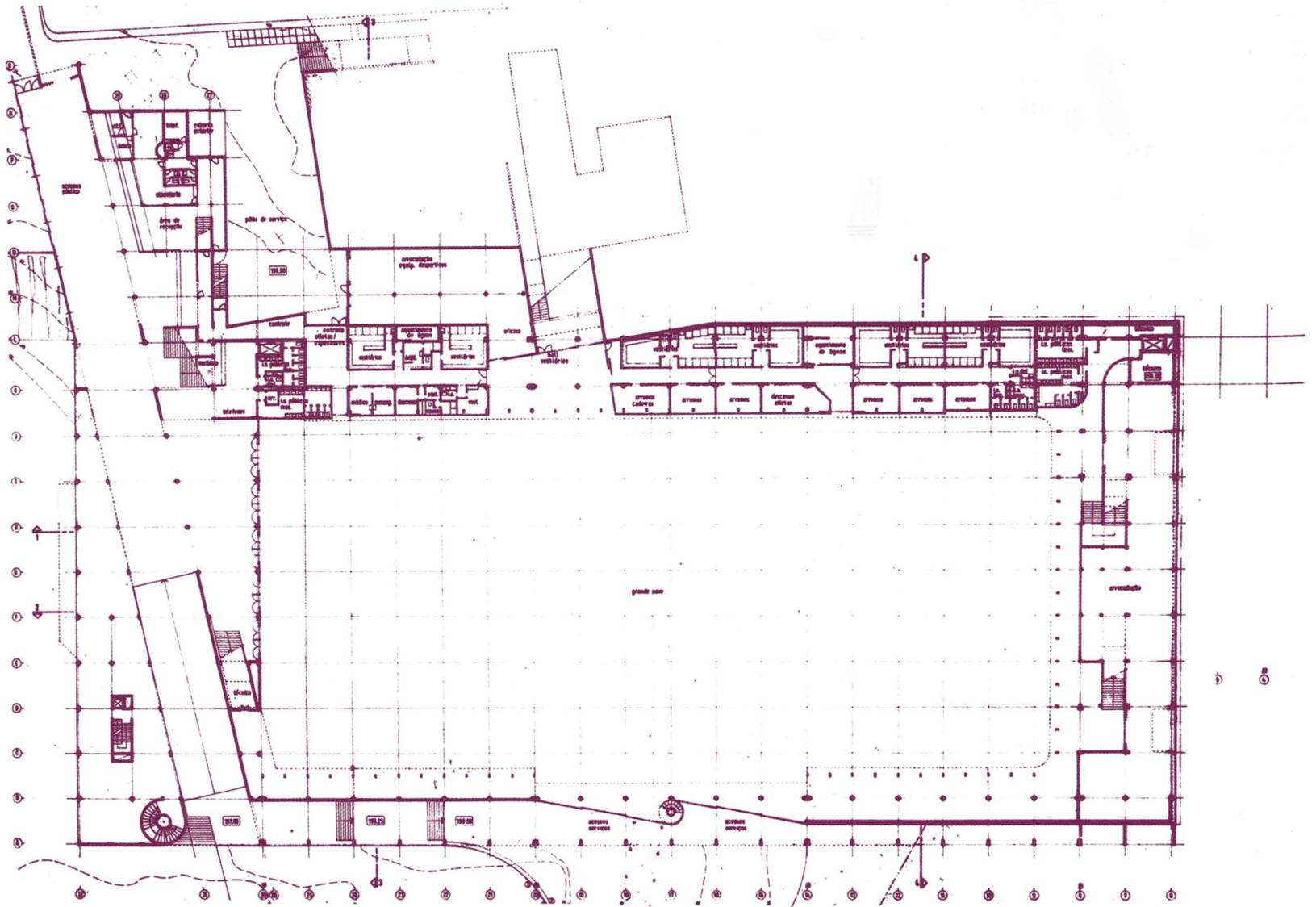
5. Uma grande abertura na parede nascente ajusta-se às dimensões e direcções do conjunto rural formado pela casa e eira revelando-a desde o interior da Nave.

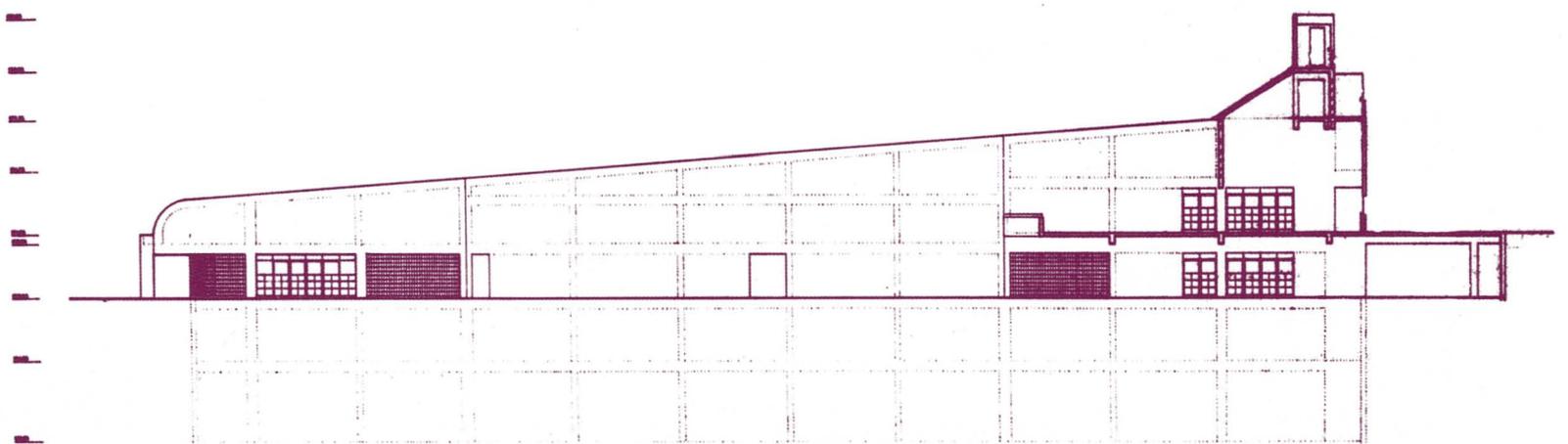
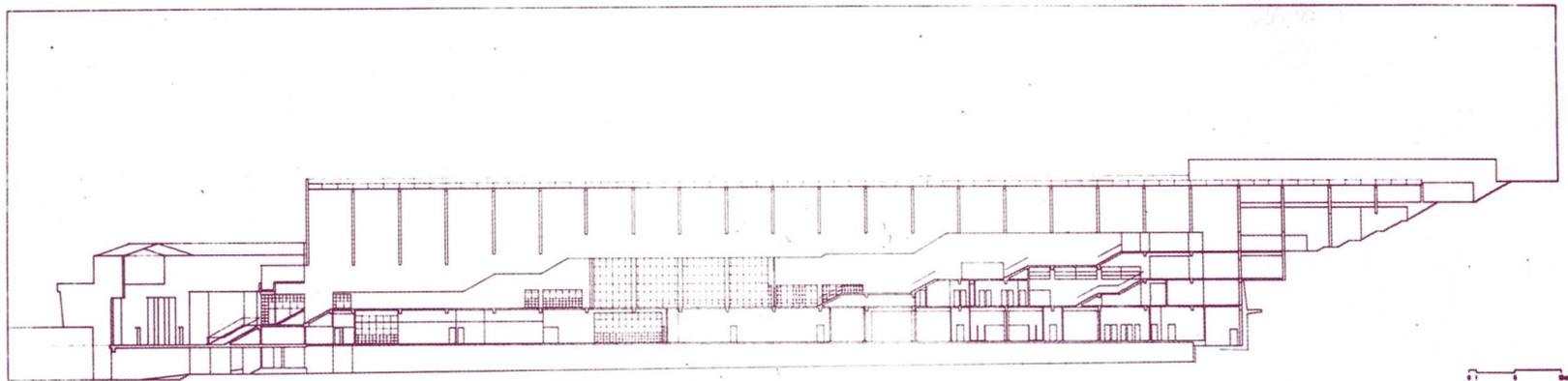
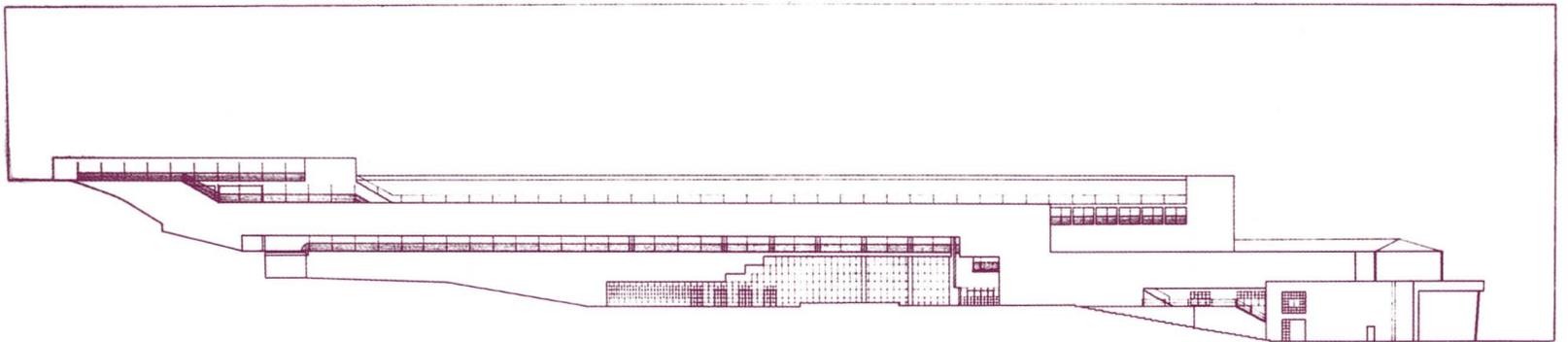
Para esse conjunto, cuja manutenção a um clube de expositores com restaurante bar e salas de reunião.

Uma decisão arbitrária ordenou a sua demolição da obra. Precalços duma arquitectura que deverá estar preparada para sobreviver no frágil equilíbrio dos consensos possíveis com os mal entendidos inevitáveis. Consensos e conflitos que ao fim e ao cabo também fazem parte do caminho do projecto na sua progressiva passagem do incerto ao concreto e finalmente na abertura aos rituais que a vão habitar.

Lisboa, Abril de 1988

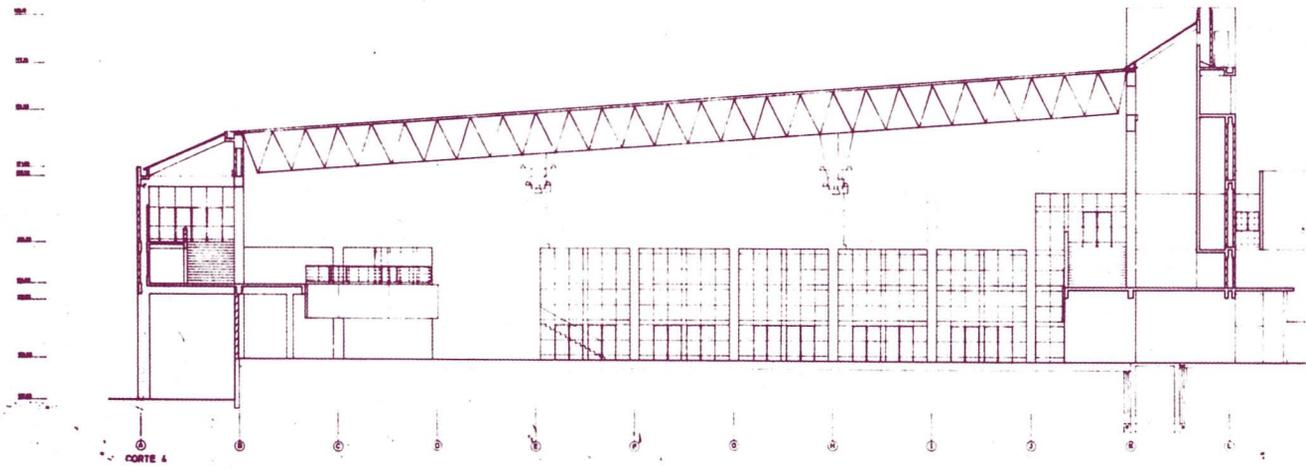
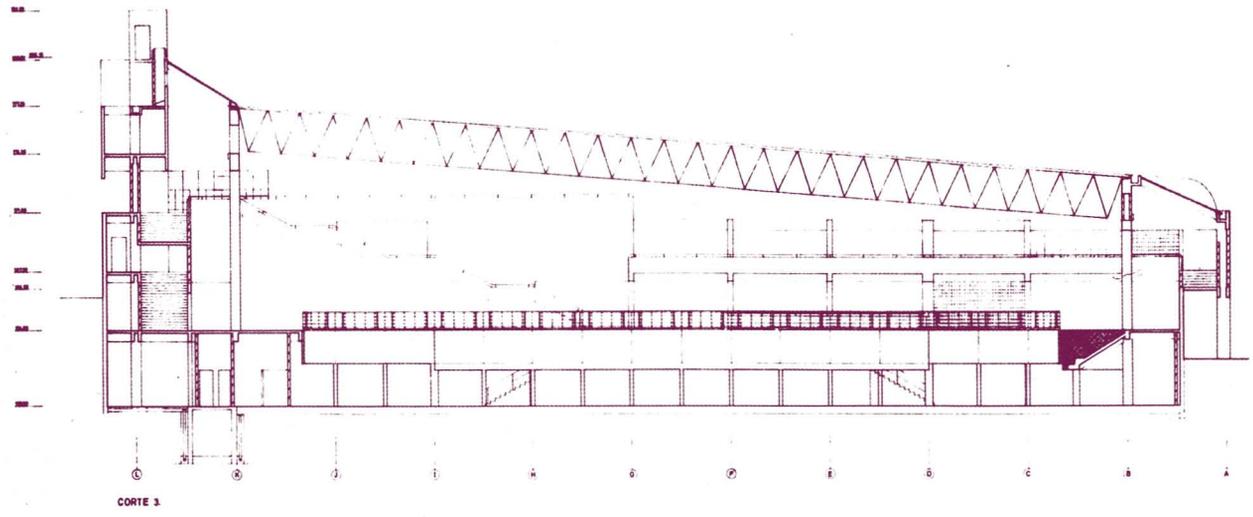


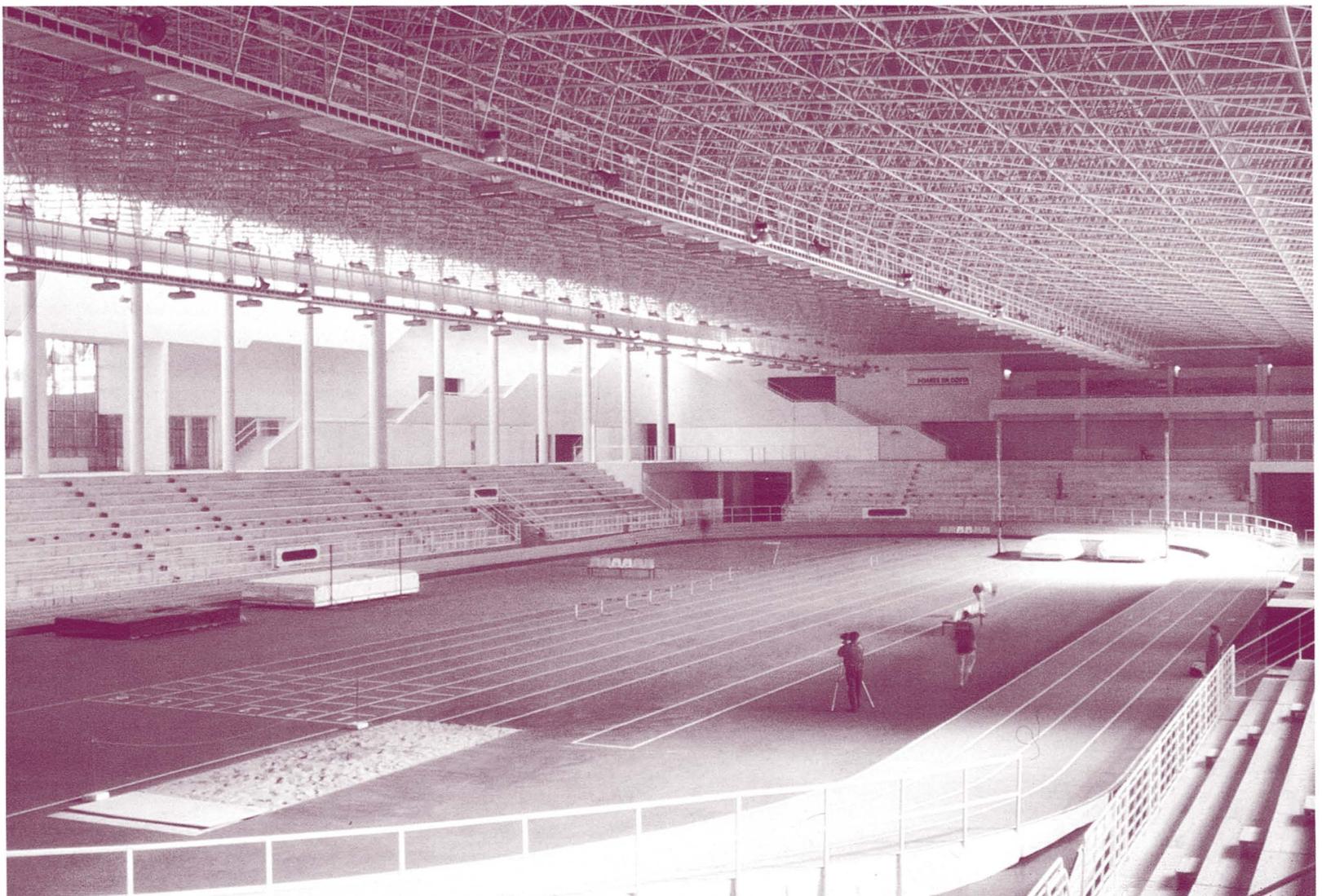
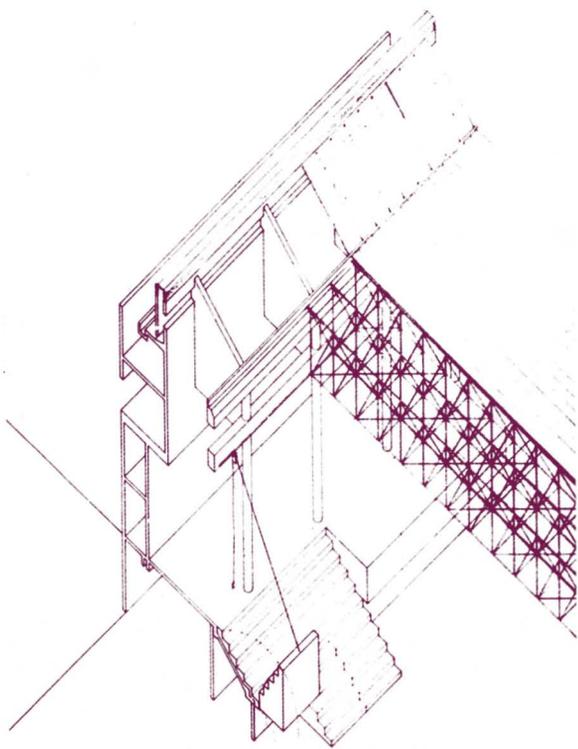




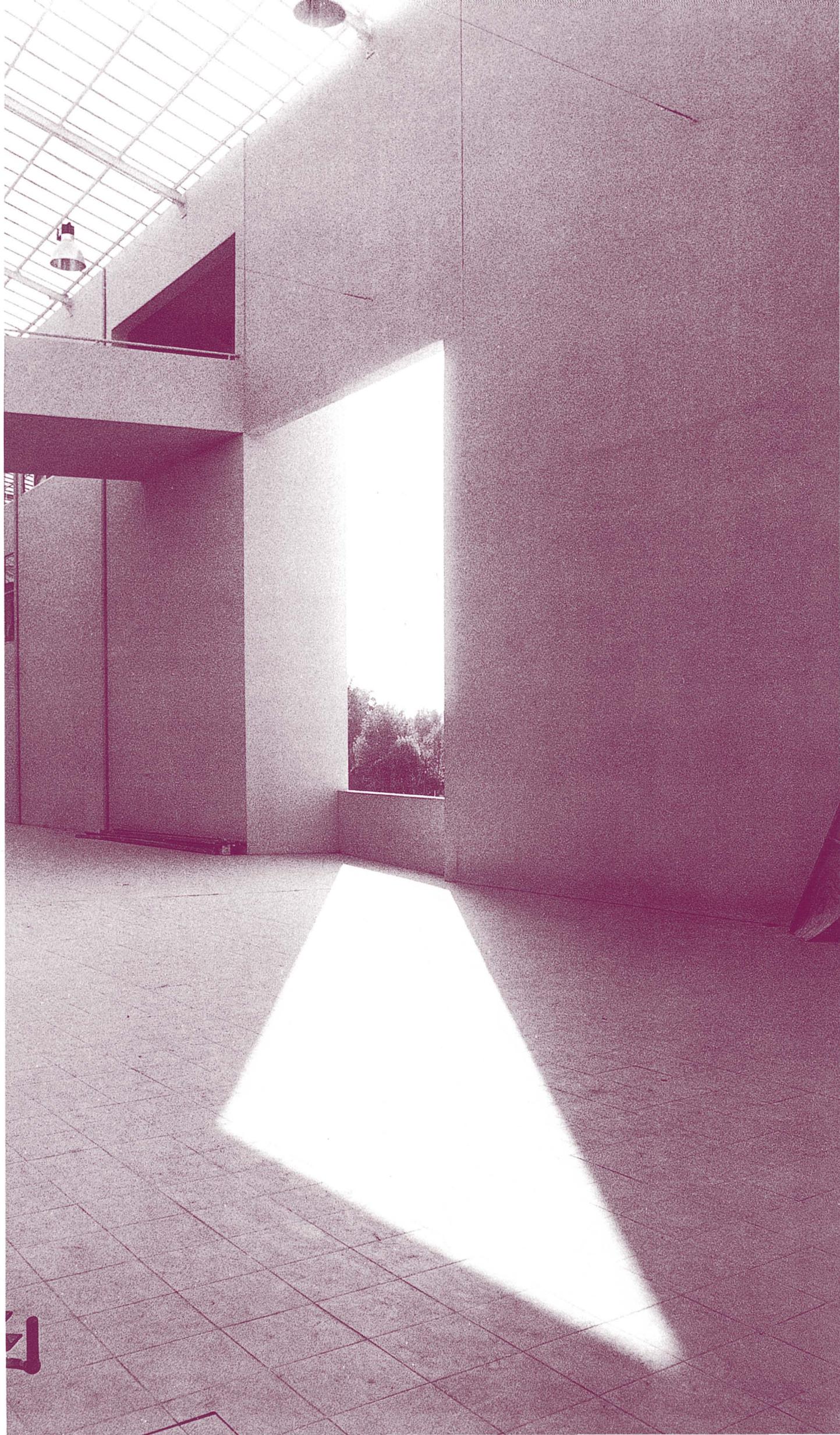
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

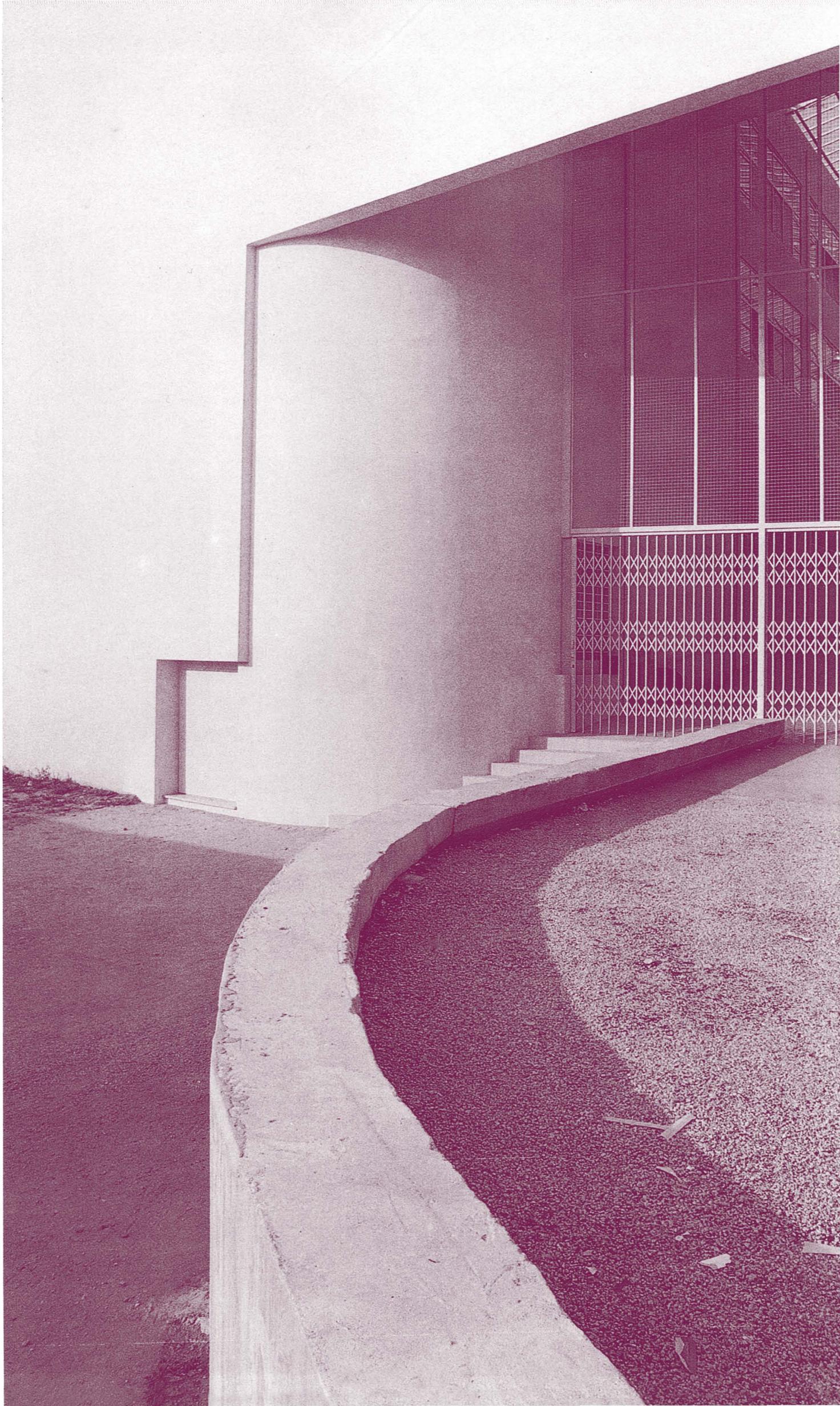
CORTE 7



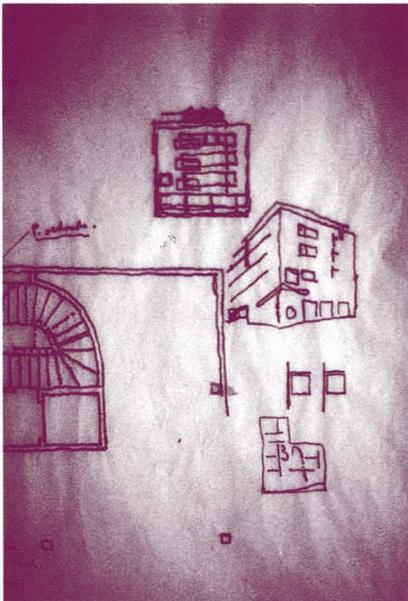












## ENRIQUE CARBONELL

### LA ELEGANTE HETERODOXIA

Hay determinadas arquitecturas cuyo conocimiento de su simple existencia puede resultar más que problemático, debido a la conjunción de factores que las mantienen en planos oblicuos desde las perspectivas convencionales. Esos factores —aparte juicios de valor— suelen ser personales y geográficos en cuanto al obstáculo informativo se refiere, y no pocas veces circunstancias casi de azar provocan el descubrimiento.

Con la atención que últimamente se está dedicando a la PERIFERIA como lugar de esperanzada renovación arquitectónica —véase "Quaderns" n° 175— estos hallazgos se están propiciando. Si resulta que nuestro país es foco de atención como periferia europea, lo que pueda pasar en Murcia se sitúa algo así como en la ultraperiferia. Se da el caso de algunas energías arquitectónicas de alto potencial que cuando aprovechan con contundencia las oportunidades ofrecidas para expresarse plenamente son consideradas a menudo desde el centro como desproporcionadas para tan remoto tema o lugar. Se cierne así el peligro de crear esa atmósfera marginal totalmente improcedente con las expectativas culturales arquitectónicas que se les ha asignado. Por el contrario, cuando las decisiones se generan en el mismo territorio sólo las contradicciones culturales propias del transcurrir de los acontecimientos, conocidas y asumidas, pueden señalar alguna barrera que no es difícil de soslayar, produciéndose así algún resultado satisfactorio que merece la pena ser conocido.

En este marco de circunstancias, donde anécdotas no faltarían para ilustrarlo, discurre la labor de ENRIQUE CARBONELL, de muy contadas piezas realizadas, pero cada una con el carácter testimonial que supone reflejar la situación-resumen de su momento arquitectónico consciente. De ahí que lo último englobe lo anterior, y ofrezca esa otra vuelta de tuerca como aliciente y riesgo al que se enfrenta con dosis variables de experiencia, racionalidad y aventura.

Puede ser de interés la referencia de una visita conjunta a una obra suya aún por terminar, pero suficientemente avanzada como para prever los resultados. Requería que el autor dijese algo menos que lo justo; que se encontrase a distancia suficiente, mas no alejado, para responder a preguntas y dialogar casualmente. Entonces, teniendo un previo conocimiento de la obra anterior, ha resultado una experiencia magnífica y recomendable. En realidad ya es-

taba casi todo ahí, y lo que faltaba participaba aún de la contingencia de ser; el juego del proceso adivinatorio como extrapolación de lo conocido se veía de continuo reafirmando unas veces o contradicho muchas más por quien hasta el último momento daba cabida a posibilidades de mayor compromiso.

En el caso de las viviendas en Alcantarilla. Un par de bloques de apariencia cúbica, muy cercanos entre sí, implantados rotundamente en un degradado borde urbano, a pocos meses de quedar totalmente terminados. Son viviendas de promoción pública destinadas, en principio, a familias de estrato social bajo, y siendo un trabajo de firma colectiva, nuestro autor asume personalmente los aspectos que se han de valer como piezas de atención en el desarrollo de su trayectoria. No voy, pues, a describir el proyecto, sino a detenerme en lo que evidencia una característica para mí definitiva de la última etapa de E. C.: su grado de heterodoxia.

Es difícil ser heterodoxo en arquitectura, pues toda norma ya ha sido violada y sabemos que muchas transgresiones de ayer se han convertido hoy en discursos normales. Por ello cuando así se habla hay que referirse a tiempo y lugar. Para ser heterodoxo hay que dejar claro qué es la ortodoxia. Los proyectos de E. C. se han inscrito siempre en un planteamiento racional distinguido formalmente por un exquisito diseño y unas texturas estudiadas, con referencias tanto a De la Sota como a Scarpa, por citar algún nombre ya directamente contrastado. El edificio de Cajamurcia, con José María Torres, propone, entre otras cosas, un repertorio formal de acabados de total coherencia en su diversidad, y que supone, a mi juicio, un ejercicio que agota experiencias y marca una línea de imagen corporativa en los sucesivos.

Pronto comienza la práctica disconforme, de igual elaboración diseño referido a materiales y texturas menos convencionales en el campo de los acabados al uso, y que por superponerse a los anteriores adquiere un carácter subversivo. Una muestra de ello es la identificación del edificio Cajamurcia con rótulos encargados a E. C. con posterioridad a la terminación de aquél, donde se advierte la habilidad para implantar una forma más evolucionada de resolver el encargo sobre un telón de fondo que es su propia obra anterior. Estos elementos constituyen el guiño a la vez provocador y respetuoso de todo el conjunto.

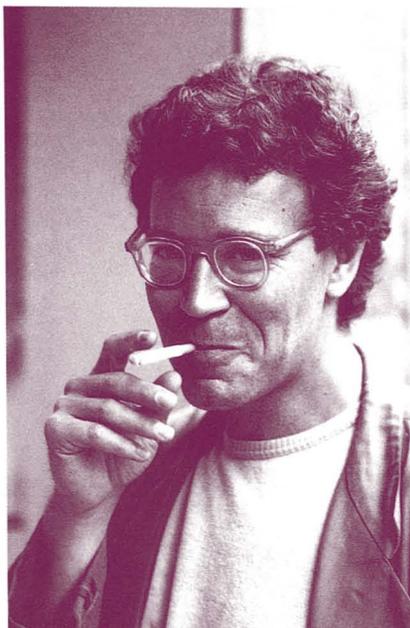
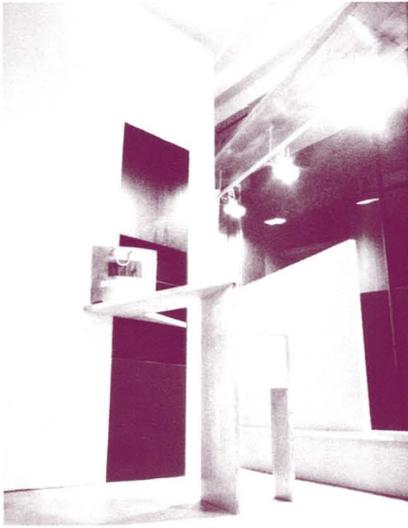
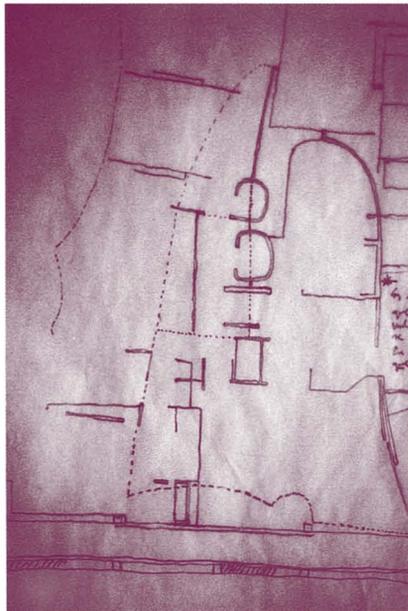


FOTO PACO SALINAS



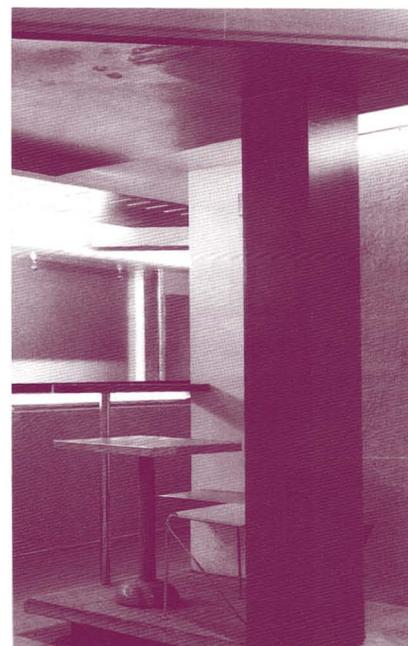
*De materiales y formas pasará a contaminar la propia racionalidad de los proyectos. Mas quiere dejar constancia de que contamina un determinado orden sin perder la referencia a éste último; y ahí es donde queda patente la heterodoxia; su pedagógica heterodoxia.*

*Volviendo a las viviendas en Alcantarilla, ya desde la visión lejana se advierte la falta de una conformidad ante los planteamientos acostumbrados. Los bloques son dos piezas de iguales dimensiones, superficies planas y continuas, y, sin embargo, su disposición los distingue entre sí. Cada bloque se parte en dos por efecto de un total cambio de textura exterior, y esa es la referencia que nos delata su distinta orientación, ya que su volumen cúbico no lo hace. La alternativa que se produce en una visión global de carácter al conjunto. Es en estos detalles donde uno siente la inercia del lastre repetitivo. Lo mismo ocurre con las ventanas; no es que no sean iguales en cada planta, sino que la descomposición en fracciones de lo que tuvo que haber sido una sola sorprende e incluso llega a turbar al no tener la inmediatez de un razonamiento, que sin embargo uno intuye al observar que en todo aquel conjunto se advierte una ley. De nuevo se juega a negar lo establecido; la impecable factura y la belleza del resultado nos hace esperar del interior más de una explicación que trascienda lo meramente formal.*



*En cada bloque hay un gran patio. Observamos la coherencia de criterio: son parecidos, pero no iguales; sus plantas, que podrían haberse resuelto en formas elementales, se ven convulsionadas por la presencia de espacios comunes —escaleras, ascensores,...— dramáticamente incrustados en los perímetros, que a su vez siguen los criterios de las fachadas "Es la energía que generan estos espacios la que hace estallar en mil fragmentos las ventanas del exterior".*

*El interior de las viviendas se está escapando continuamente del corsé que imponen las normativas. Son sutiles escapatorias que se concretan en determinadas inflexiones de la planta, colocación de armarios y puertas, y, sobre todo, la luz. Las ventanas "estrelladas" se reparten por toda la pared creando una atmósfera lumínica uniforme y graduable a voluntad. El juego aparentemente aleatorio llena de sugerencias formales la habitación, que en otros casos hubiese devenido impersonal o anodina. Constatamos, pues, el tambaleo de algún dogma. El fenómeno se multiplica en las zonas de dúplex, con secuencias especiales que individualizan cada unidad.*



*Pero es en las escaleras generales donde se encuentra la voluntad de un "más difícil todavía". Pantallas de hormigón las envuelven por todos sus lados menos uno; por éste penetra la luz a través de un muro de baldosas de vidrio que recorre en su totalidad de altura del edificio. El hormigón acusa todo tipo de huellas en su ejecución despreocupada: vestigios de Aceros, manchas de lechada, cejas de tablas,... El vidrio contrasta con su textura la aspereza del marco que lo rodea. Todo aquello contiene la belleza extraña por la que pasan muchas obras antes de ser acabadas. "Hemos decidido que esto quede como está; para mí ya está acabado". Y lo evidencia el que los yesos en techos y paredes se interrumpan limpiamente formando un contorno que respeta la escalera. Toda la pieza adquiere un dramatismo expresionista que la obliga a ser contemplada como algo más que una escalera. Participa del "arte povera", e incluso, dada su génesis, es también un "object trouvé". La barandilla, aún inexistente, será una gruesa plancha de hierro que recorrerá el hueco de alto en bajo. He aquí un generador de energía.*

*Se advierte el paso adelante y la capacidad de asumir riesgo tras dejar los terrenos civilizados y premiados que supusieron casos como el bar "La Madrileña", planteado también en su momento como "propuesta salvaje", y de cuya colonización se están beneficiando tantos otros locales similares. Cuando E. C. ha resuelto recientemente una mínima tienda de ropa femenina, aparte la rotundidad del lenguaje formal por él tan conocido, a través de luz y materiales agrios tratados con auténtico mimo, ha recurrido al juego dinámico de la transformación, del movimiento de superficies y la posibilidad de desaparecer y aparecer tras ella. Un interior que es una máquina digna de los escenarios de Meyerhold donde se vende y compra roca.*

*Finalizando el recorrido, no sin cierta complicidad, flota latente la sospecha de que esta obra de arquitectura puede recorrer, una vez terminada, la trayectoria distinta de una sucesiva intervención de los ocupantes descontrolada por el autor; lo que sería un fracaso ante una postura social "ortodoxa". "Hago sólo ARQUITECTURA".*

Murcia, octubre 1988

Juan A. Molina Serrano, nacido en 1944 y Arquitecto desde 1969. Murcia.

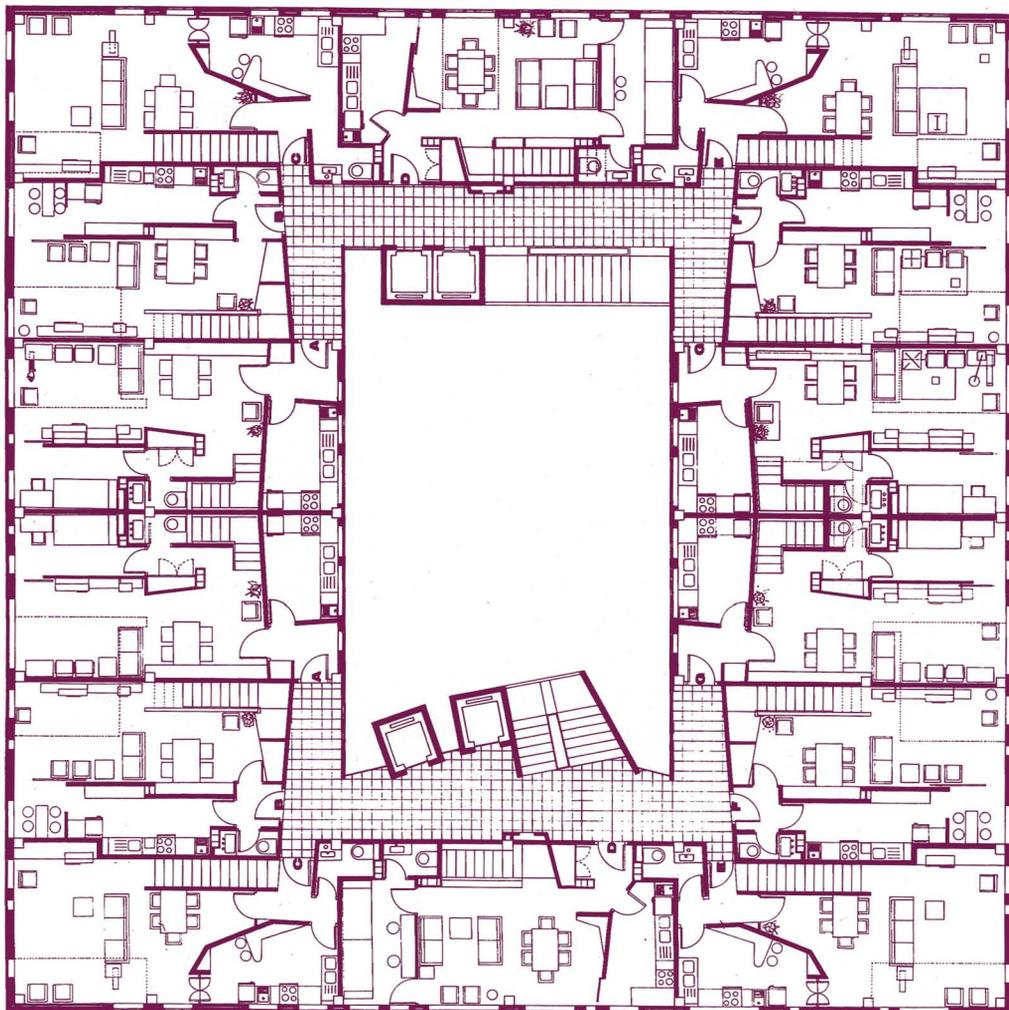
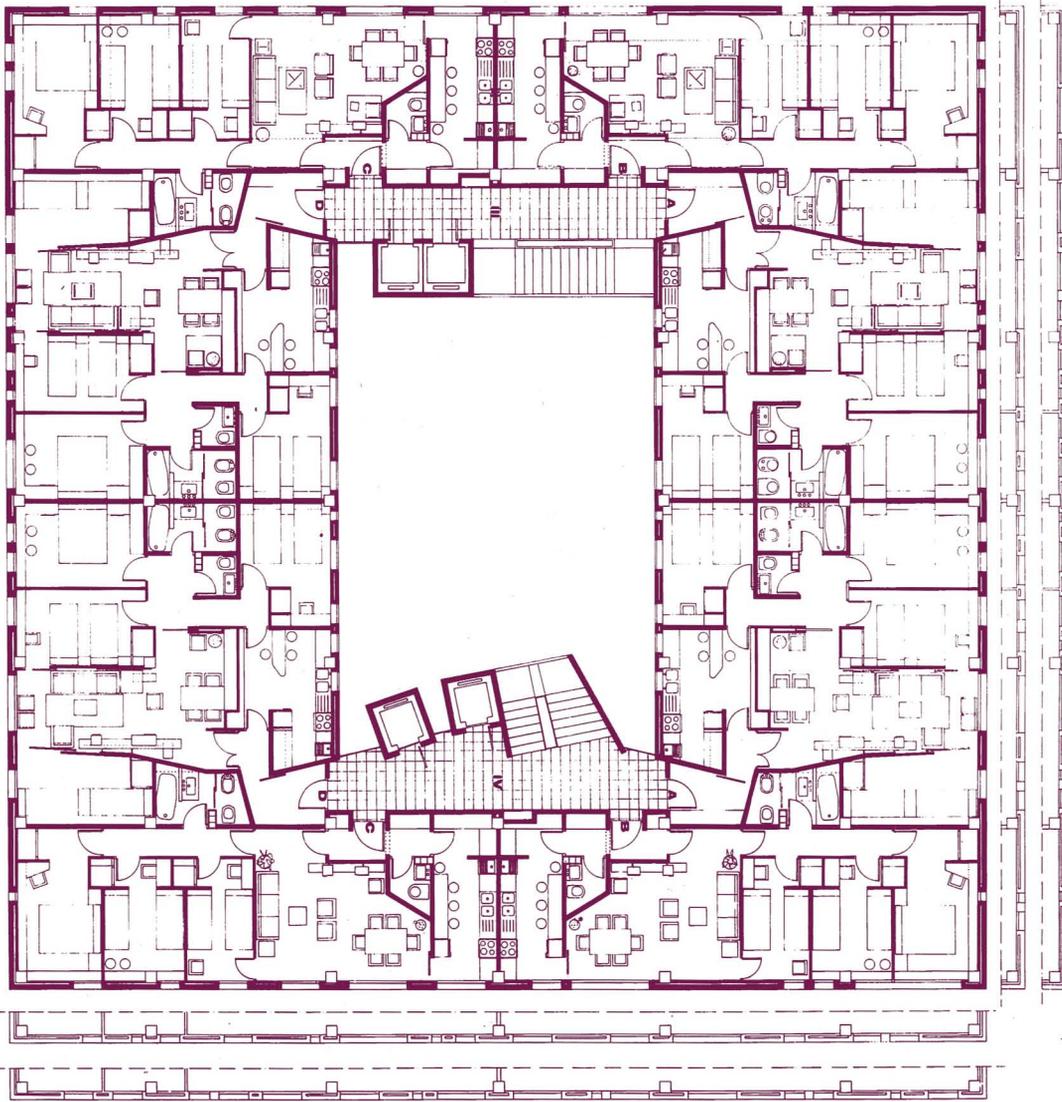
*ENRIQUE CARBONELL*

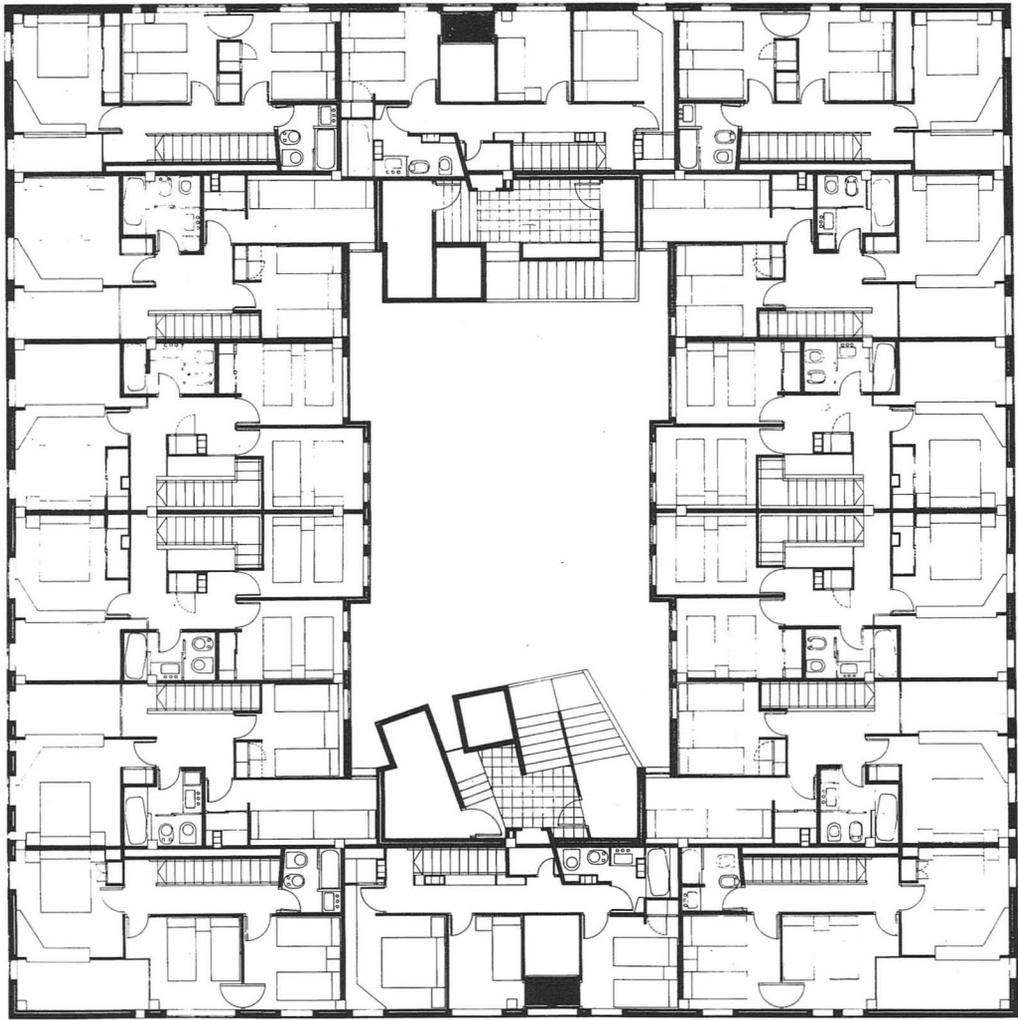


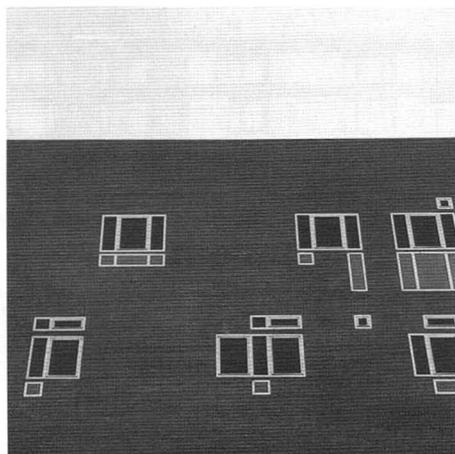
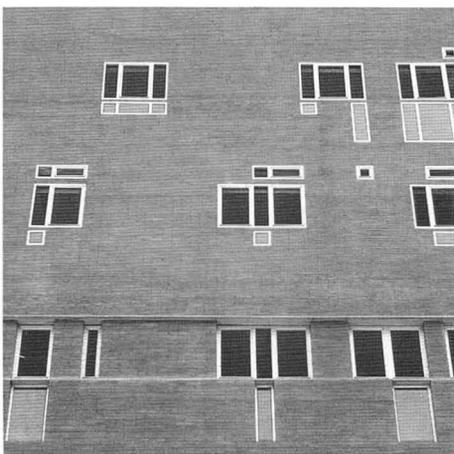
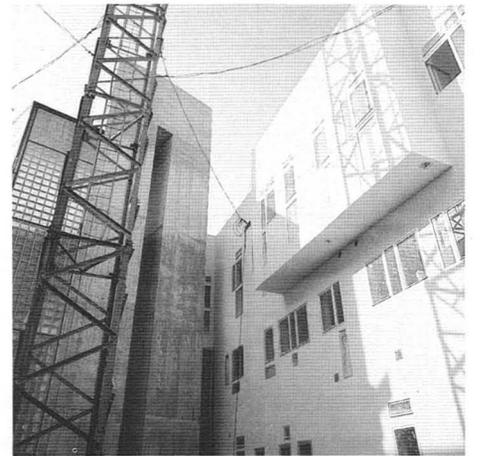
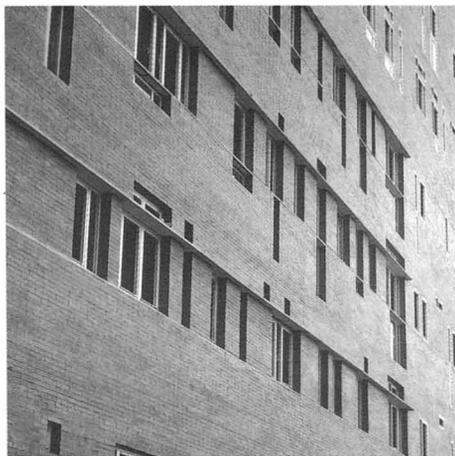
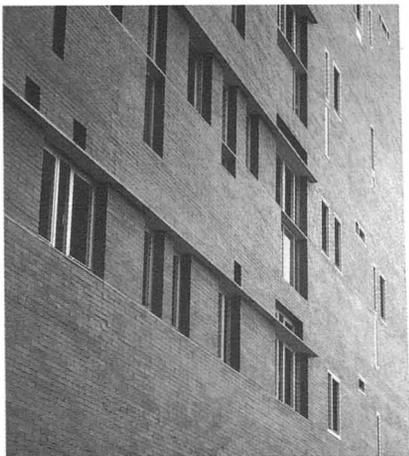
*VIVIENDAS EN ALCANTARILLA*

CON  
VICENTE M. GADEA  
ANTONIO ALVAREZ  
MIGUEL MORENO



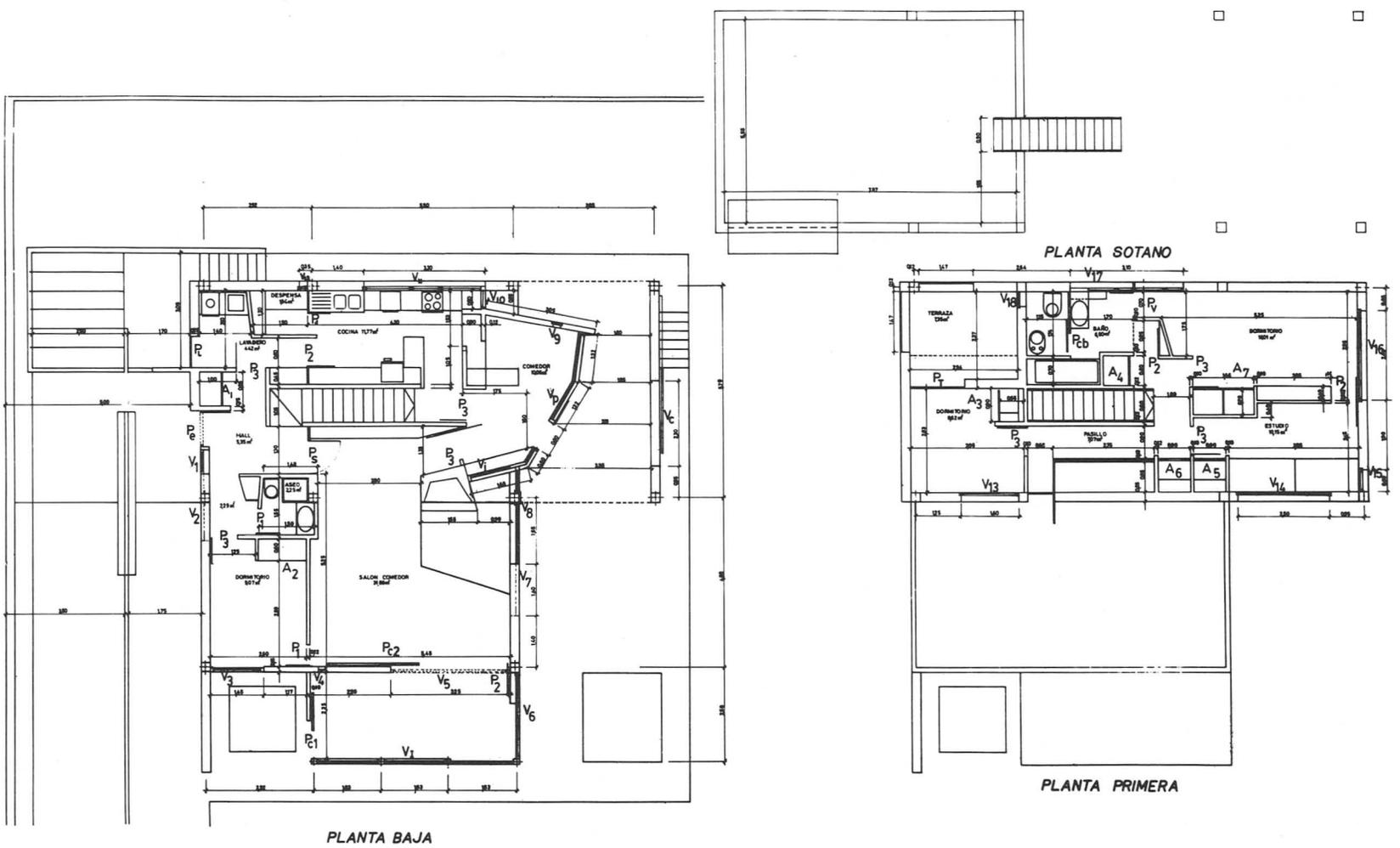




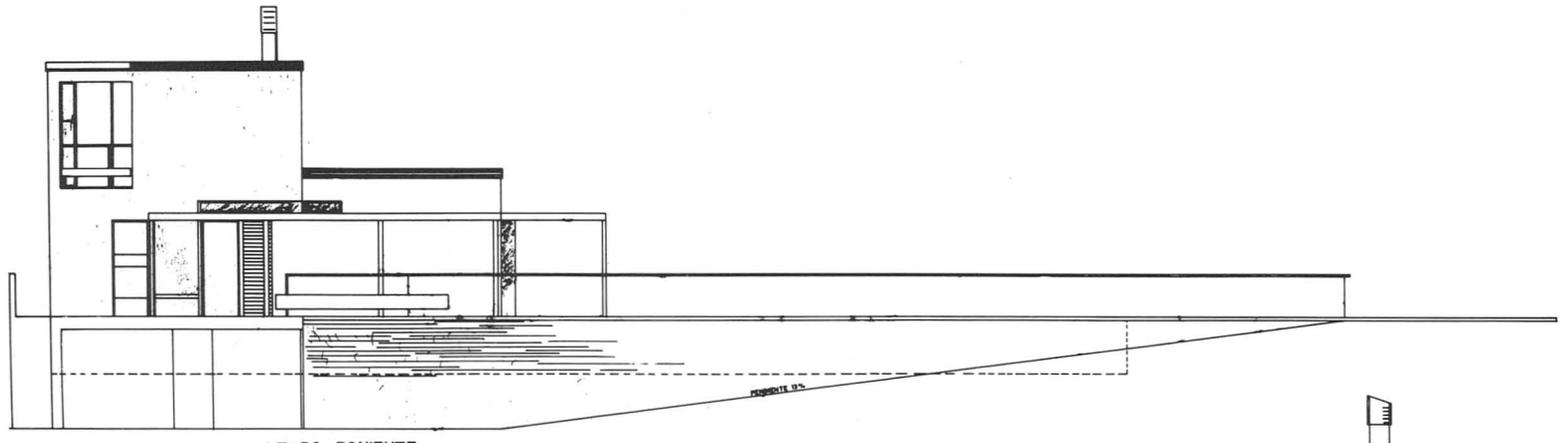




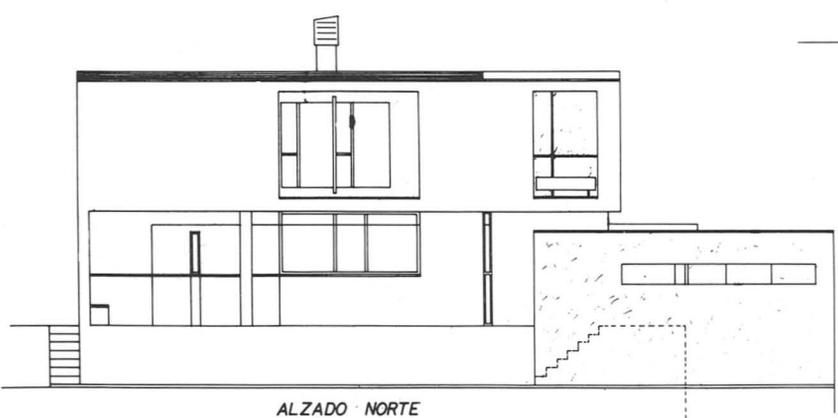
# CASA 1 EN LA ALBERCA



ENRIQUE CARBONELL



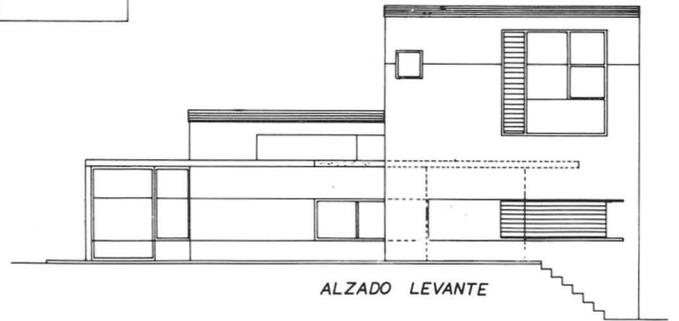
ALZADO PONIENTE



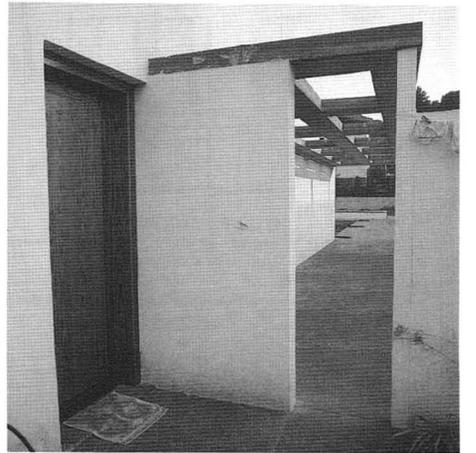
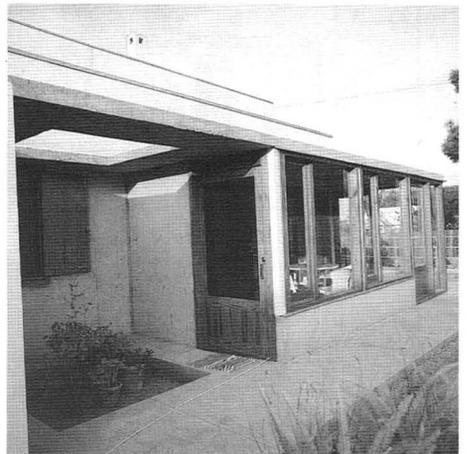
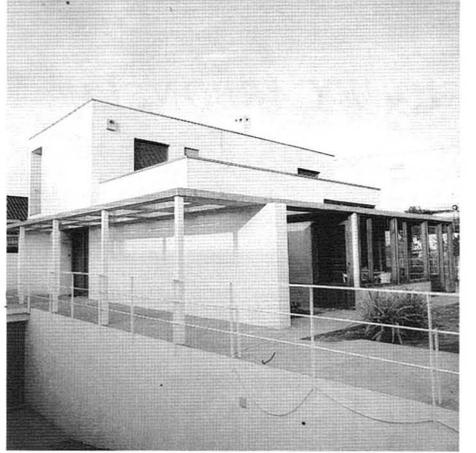
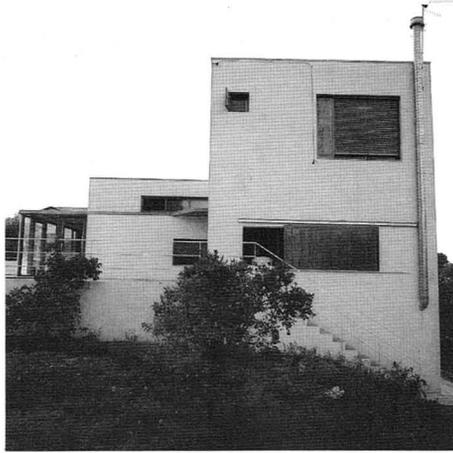
ALZADO NORTE

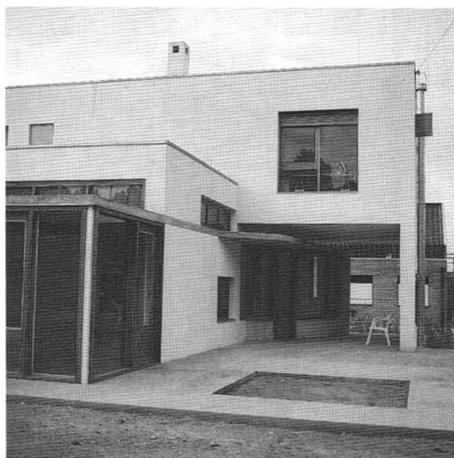
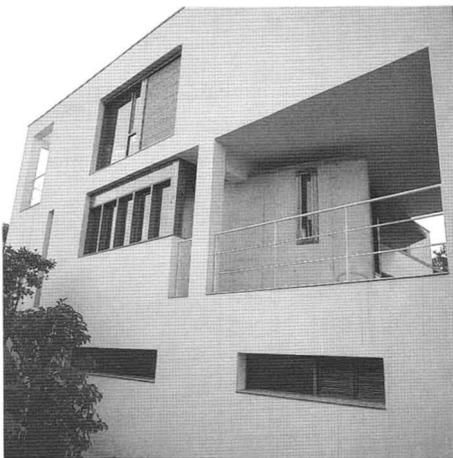
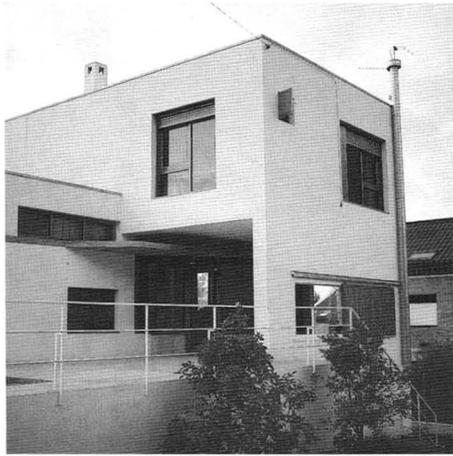


ALZADO MEDIODIA

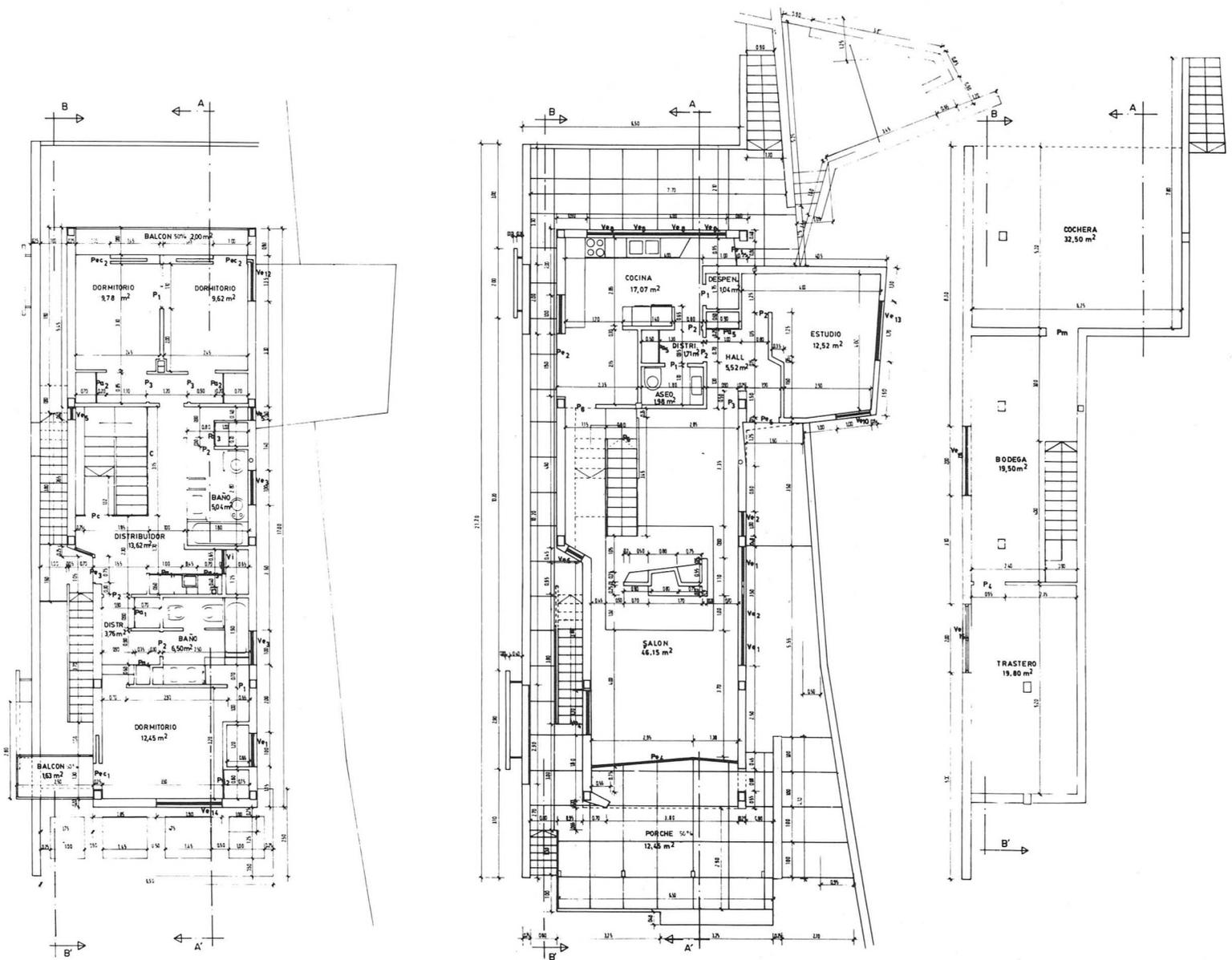


ALZADO LEVANTE

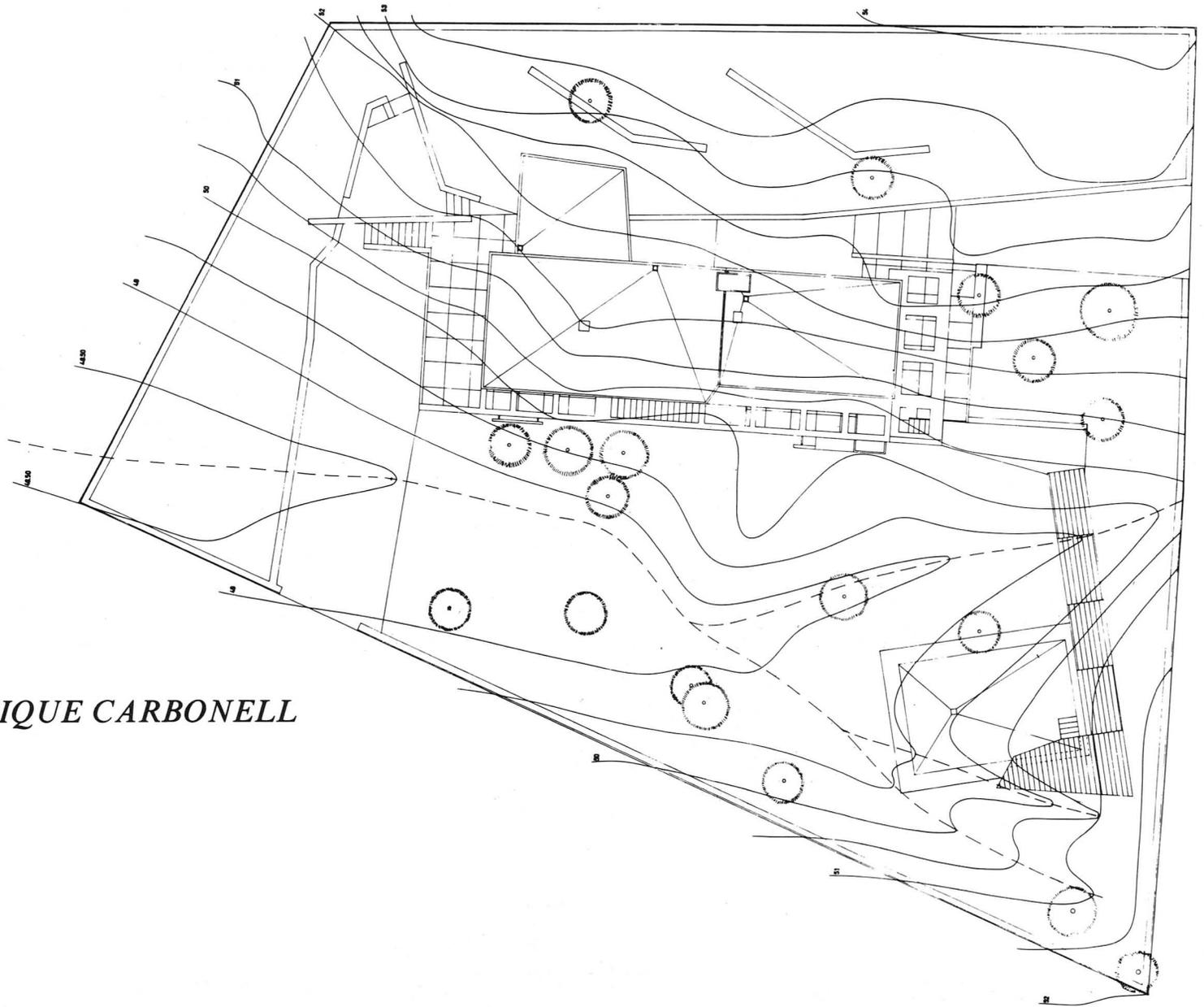




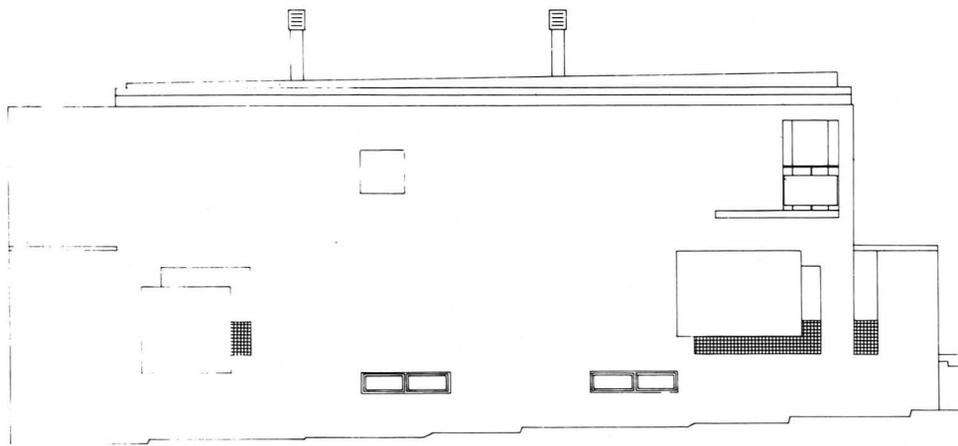
# CASA 2 EN LA ALBERCA



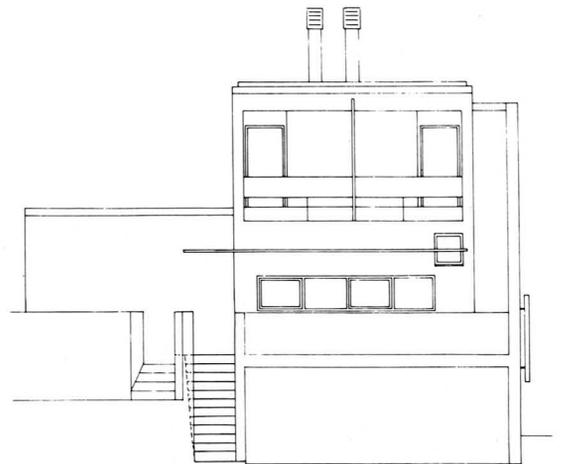
COTAS Y SUPERFICIES



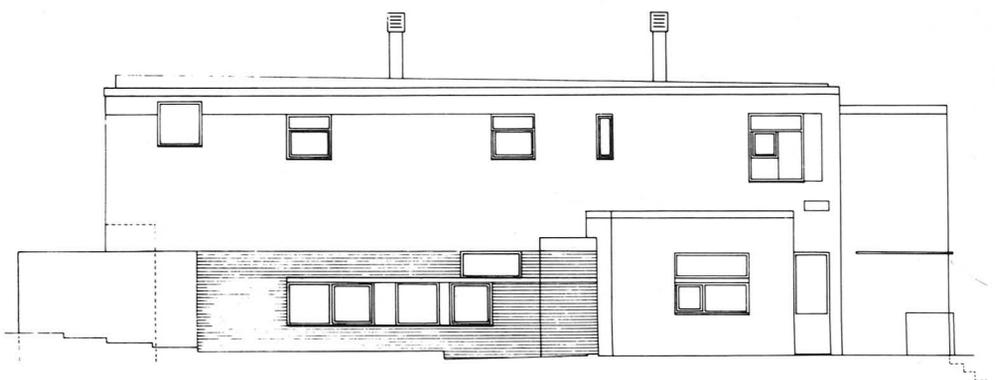
*ENRIQUE CARBONELL*



ALZADO PONIENTE



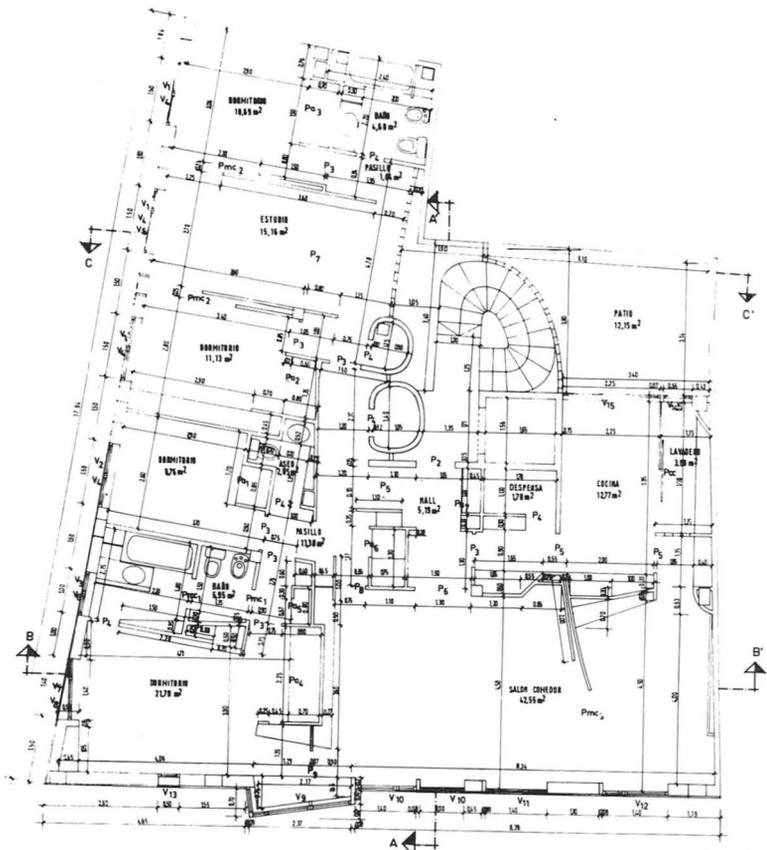
ALZADO NORTE



ALZADO LEVANTE



ALZADO MEDIODIA



SUPERFICIE UTIL DE VIVIENDA 1.2 y3 160,15 m<sup>2</sup>  
 SUPERFICIE CONSTRUIDA DE VIVIENDA 1.2 y3 193,68 m<sup>2</sup>

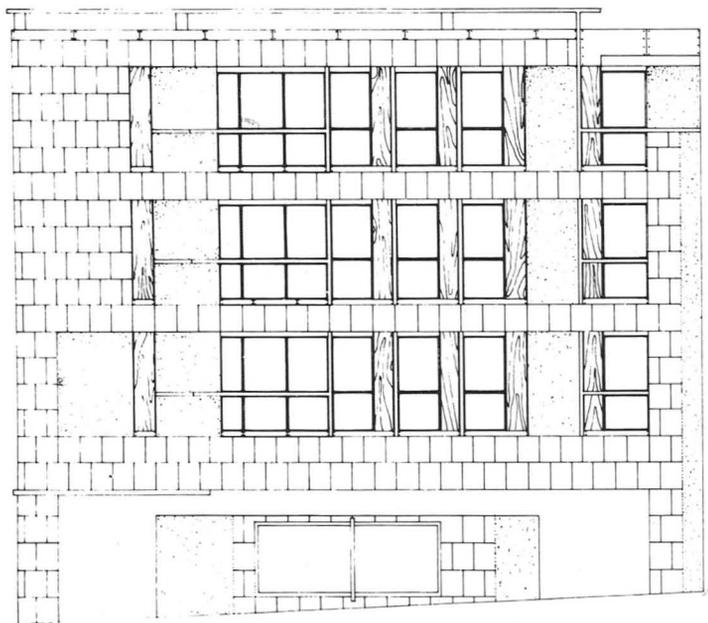
COTAS Y SUPERFICIES



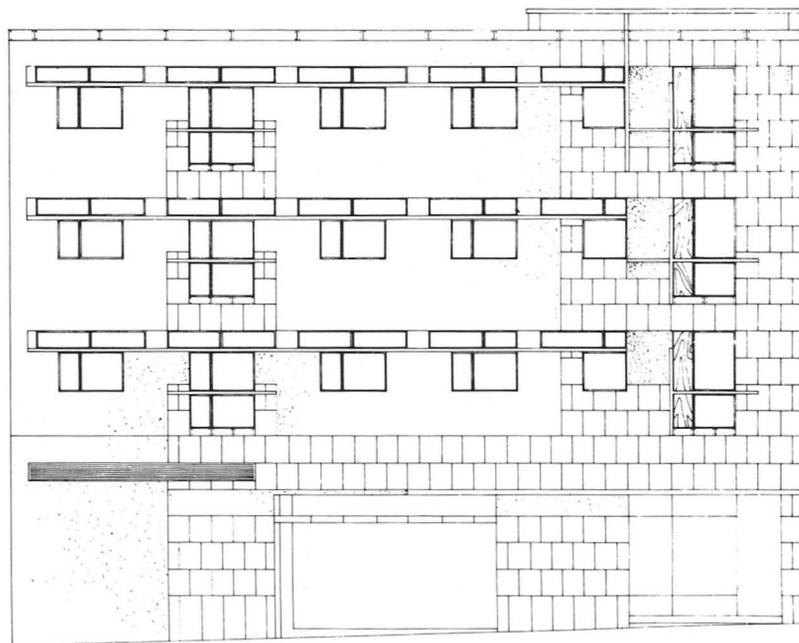
MOBILIARIO

VIVIENDAS EN MURCIA

ENRIQUE CARBONELL



ALZADO AV. CANALEJAS

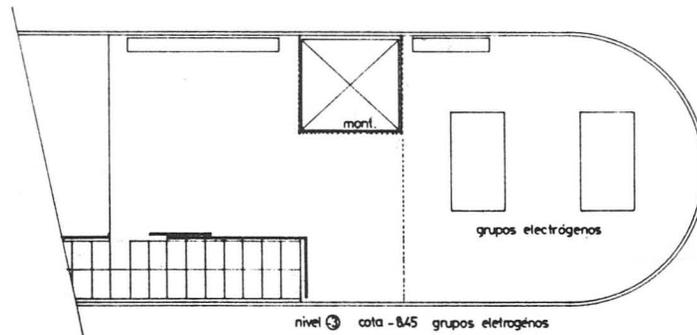
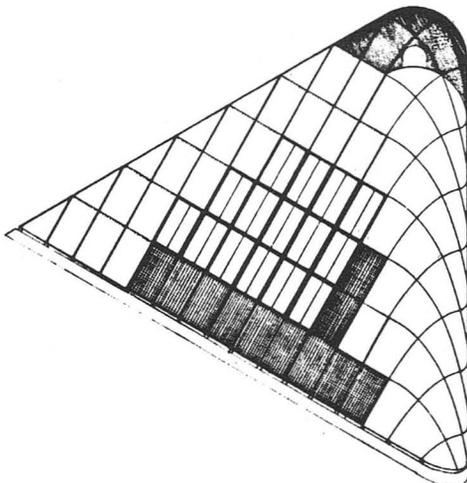
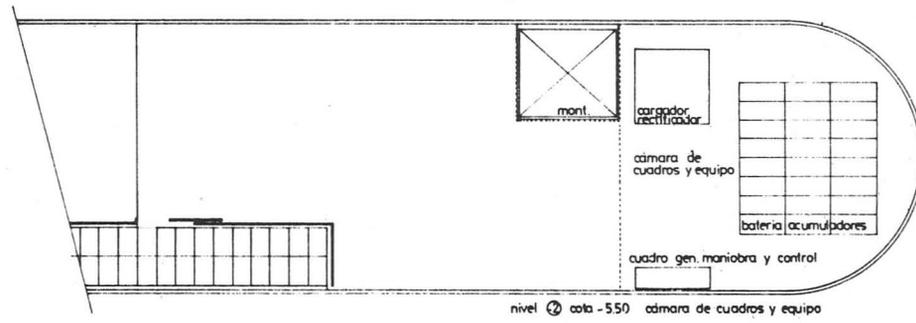
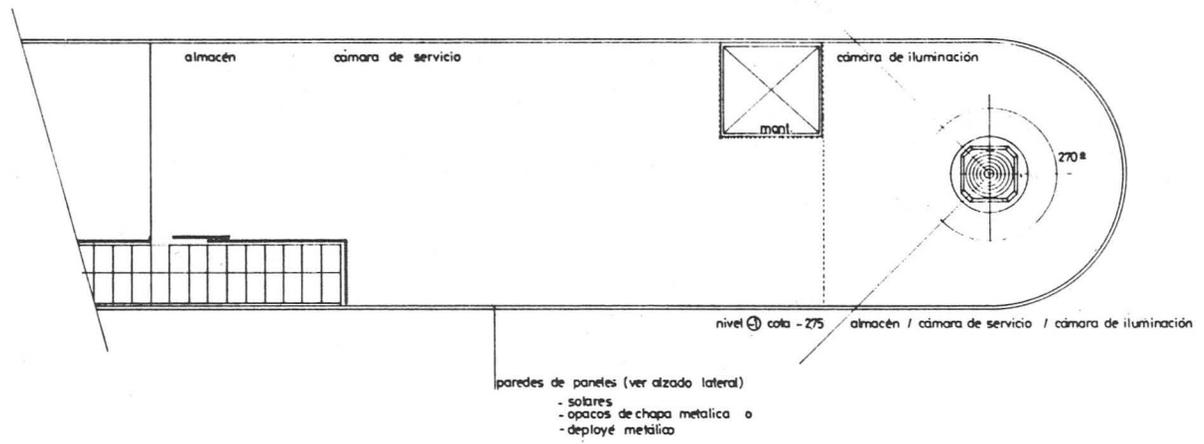


ALZADO C/ MATADERO

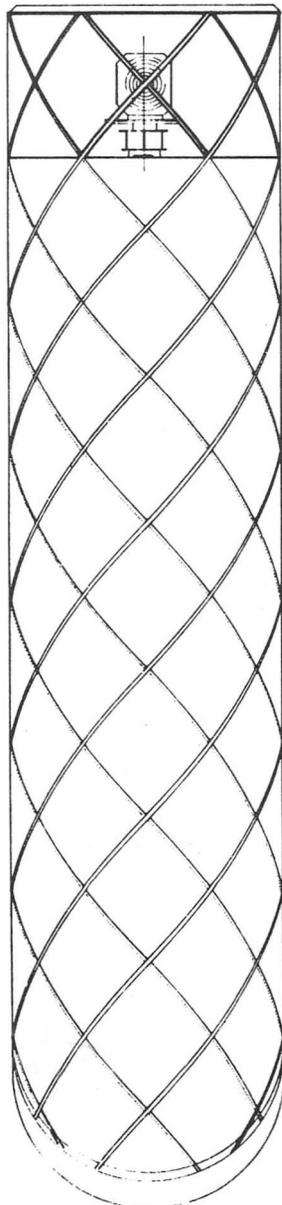
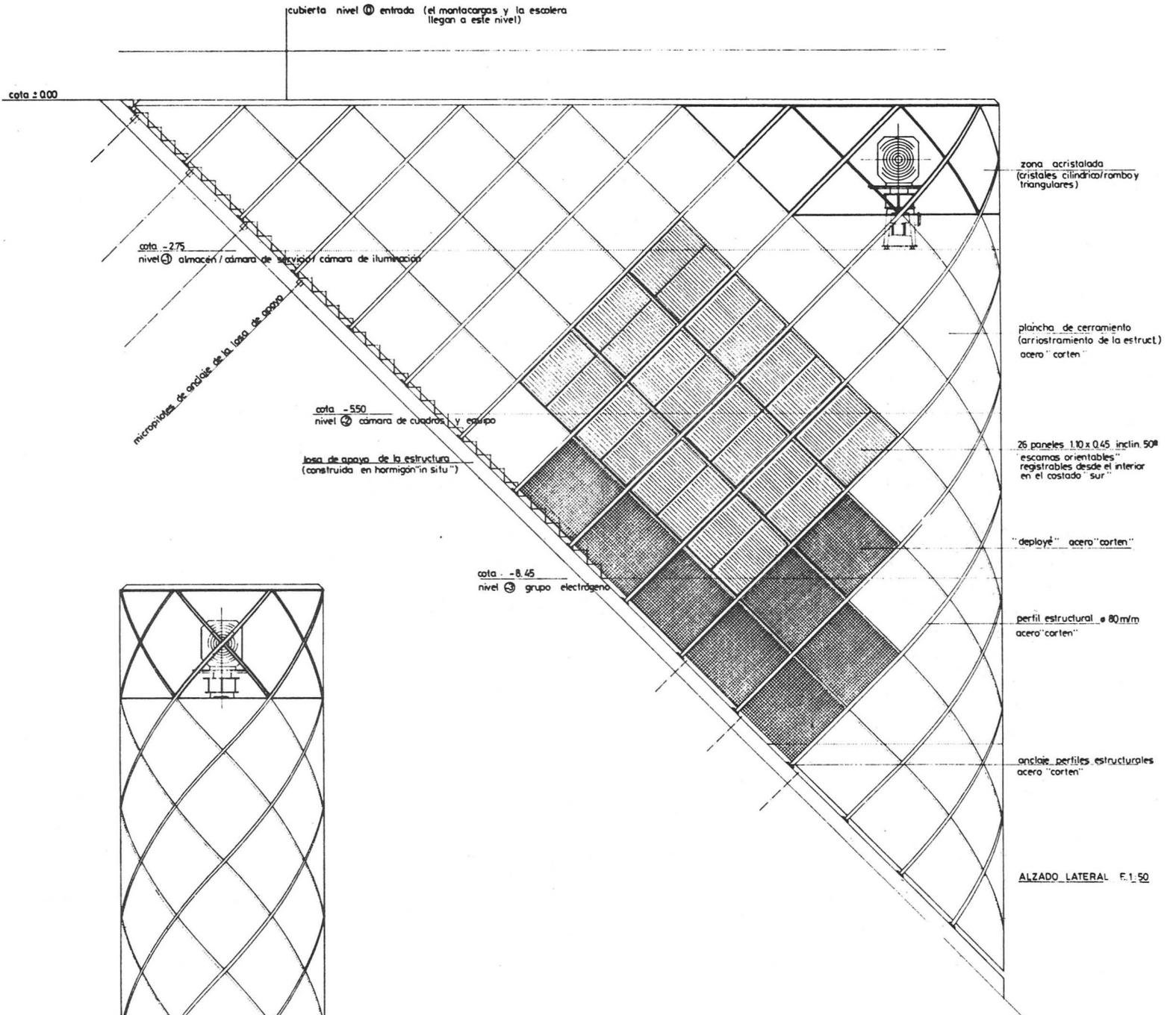
# UN FARD

EDUARDO CALAFELL





PLANTAS E.1:50

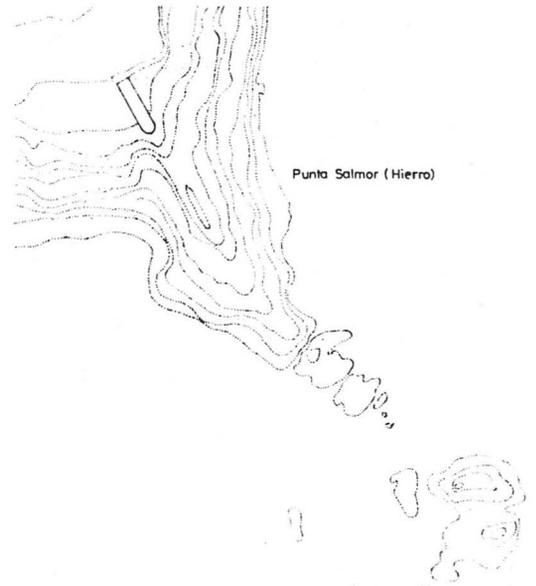


Este diseño ha sido realizado para PUNTA SALMOR (Hierro). Sin embargo, con pequeñas modificaciones de orientación y número de los paneles, así como algún ajuste a diferentes topografías sería adecuado también para:

- PUNTA ALDEA (Las Palmas GC.)
- MOJÓN BLANCO (Lanzarote)
- GRAN TARAJAL (Fuerteventura)
- PUNTA GORDA (La Palma)
- PUNTA PELIGRO (Gomera)

El material base para la realización de la obra es el acero corten que tanto por su color como por sus particulares características es el idóneo para esta realización. La losa de apoyo será de hormigón in situ anclada en el terreno con micropilotes.

mayo 1988



ALZADO\_FRONTAL\_E.1:50

## JOSÉ MARÍA TORRES / PROYECTO PARA UNA VIVIENDA EN UNA URBANIZACIÓN

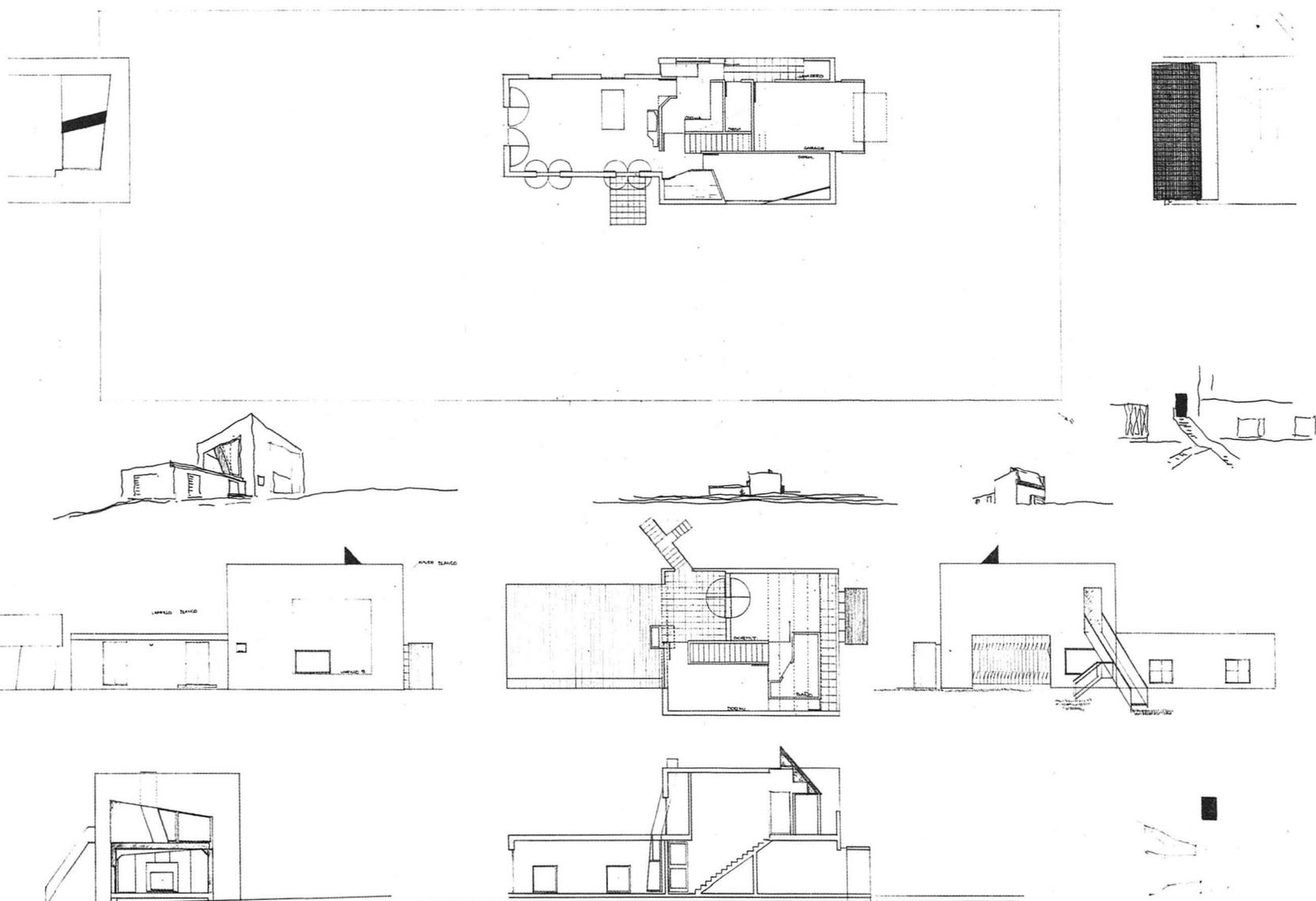
*De esta casa no conocí nunca ni al cliente ni el solar. vino el encargo a través de otro amigo, Higinio. Quería convencer al propietario que el proyecto que él tenía que construir era muy malo. No se hizo ni uno ni otro. Lógico.*

*Yo trabajé imaginando lo que ocurre en estas casas: el viernes por la tarde llega la familia en coche. lo deja en el garaje. Desde allí pasan a la cocina y dejan lo que han traído para ese fin de semana y empezarán a abrir puertas. Y todo se ventila y los niños salen al jardín, etc., etc.*

*Luego llega el domingo por la tarde y todo sucede al revés: se van cerrando puertas, se montan en el coche, salen marcha atrás y se van.*

*Yo lo único que hice fue darle un poco de forma a todo esto.*

*La casa era de ladrillo blanco y estucado blanco. El tejado inclinado de gresite amarillo y el tubo de la chimenea rojo.*

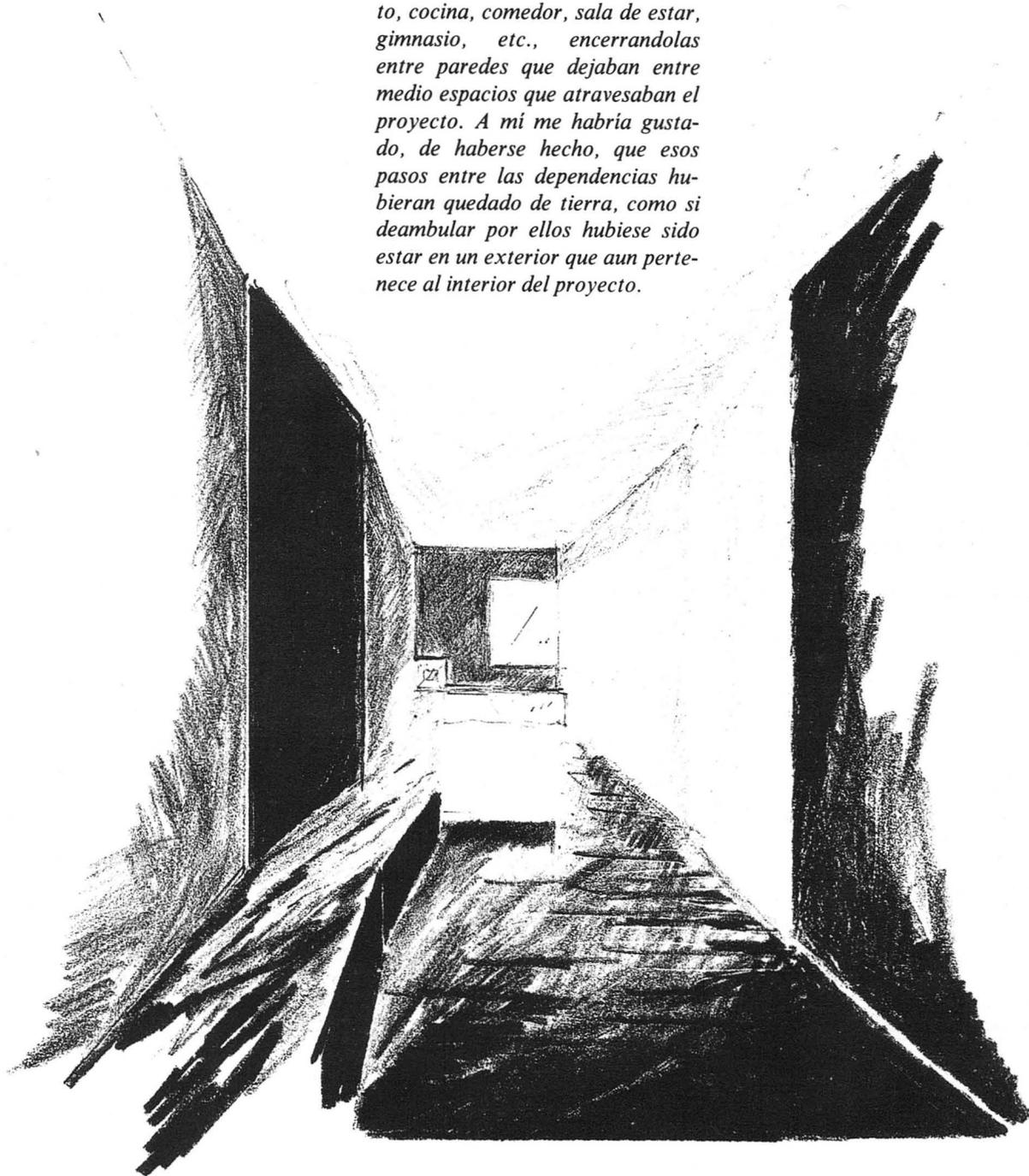


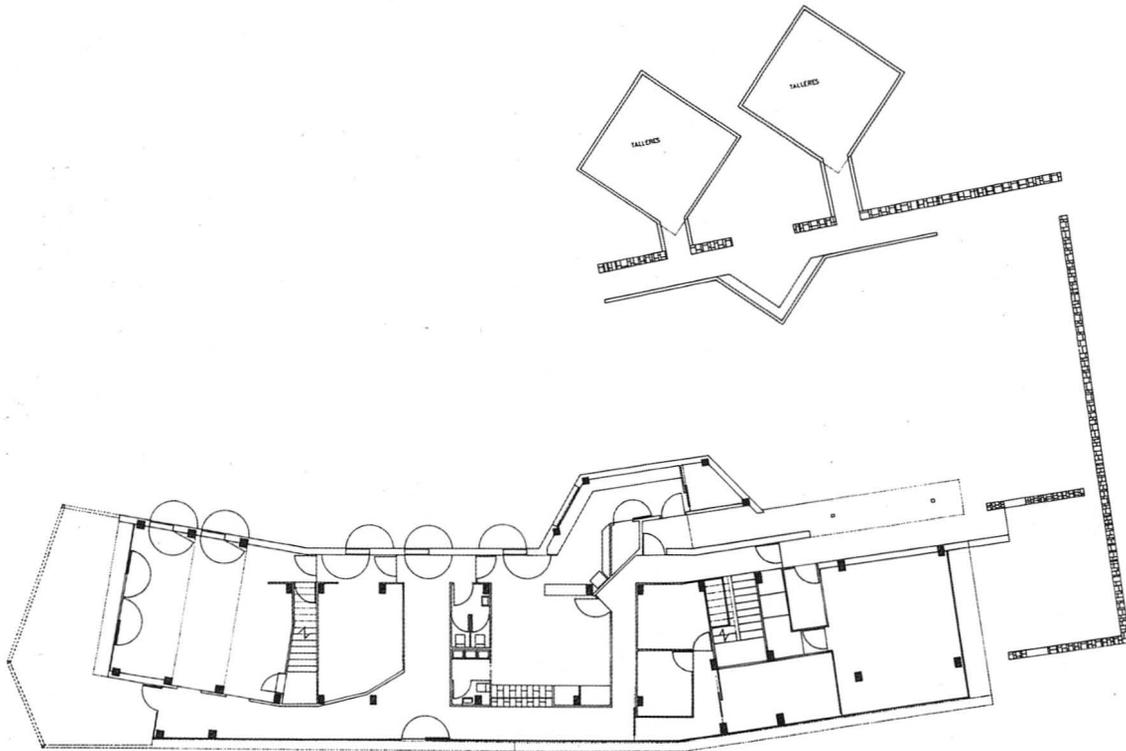
*JOSE MARIA TORRES  
PROYECTO DE RESI-  
DENCIA JUVENIL EN  
CIEZA 1985.*

*En medio de un paisaje árido tenían que colocarse un conjunto de habitaciones para personas que habían sido toxicómanos. Era una habitación especial sin espacio para estar en ella, pues sólo iba a ser utilizada para dormir.*

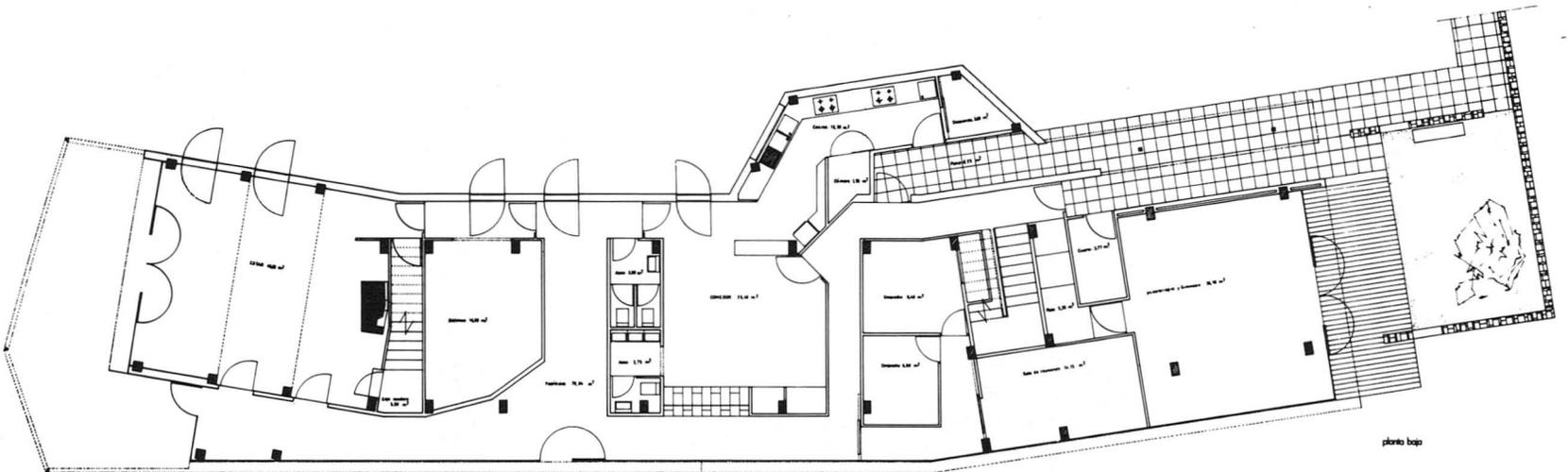
*Como en tantos viejos y clásicos proyectos fue también aquí el trabajo sobre esa habitación lo que hizo evolucionar el proyecto: de una primera habitación más propia de una residencia de estudiantes, a un espacio pensado para dos camas que encuentra en ese zig-zag esa condición más compleja, y a la vez más concreta, de esa habitación "distinta" donde actividades como estudiar, o charlar en ellas quedaban excluidas.*

*En P. Baja, era el hacerse de las partes funcionales del proyecto, cocina, comedor, sala de estar, gimnasio, etc., encerrandolas entre paredes que dejaban entre medio espacios que atravesaban el proyecto. A mí me habría gustado, de haberse hecho, que esos pasos entre las dependencias hubieran quedado de tierra, como si deambular por ellos hubiese sido estar en un exterior que aun pertenece al interior del proyecto.*

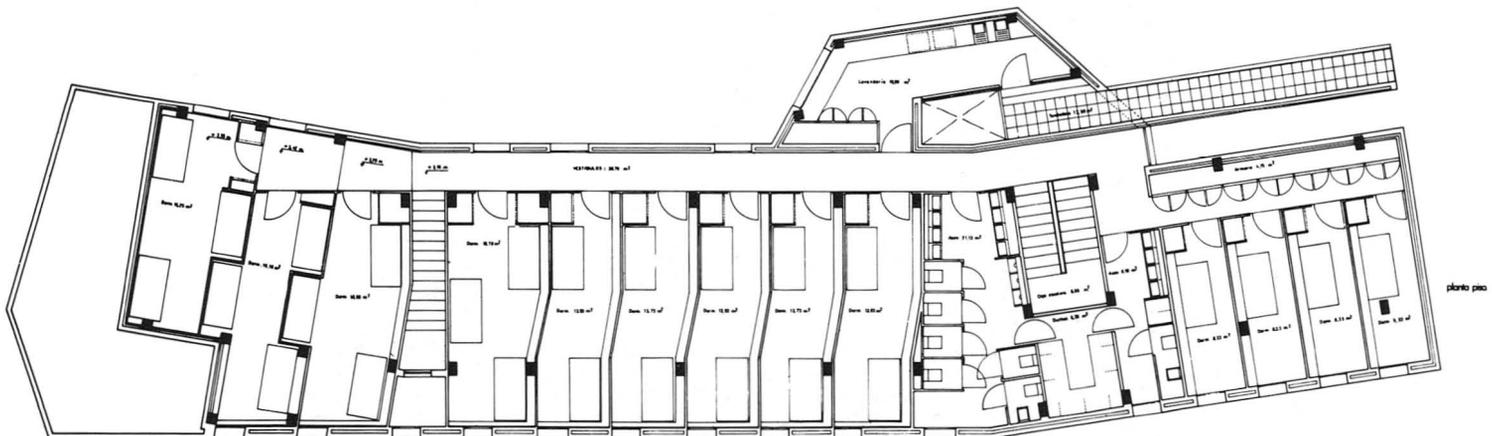




plano de emplazamiento.

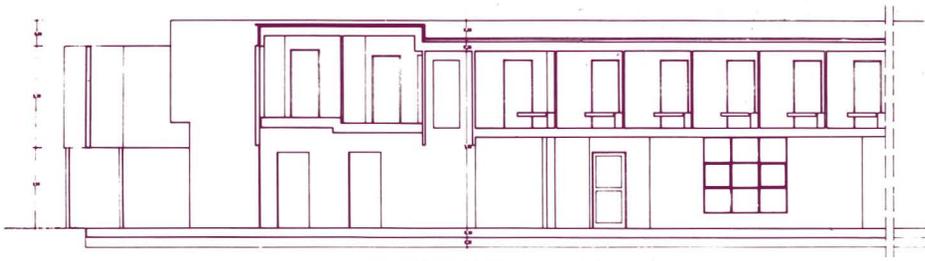


planta baja

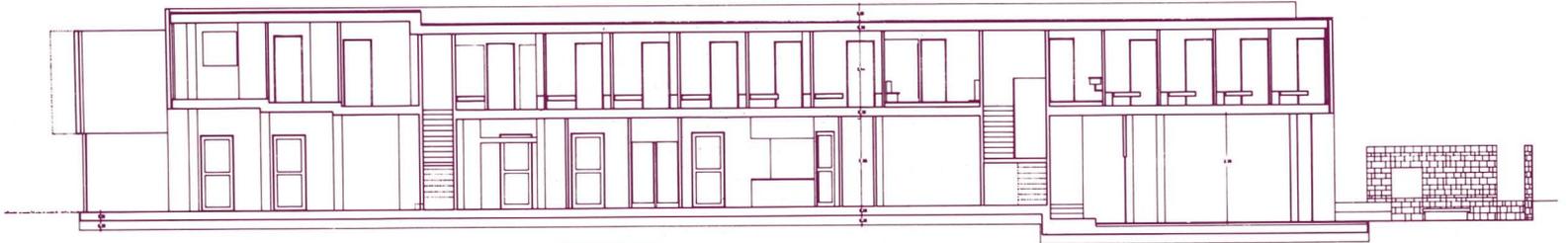


planta piso

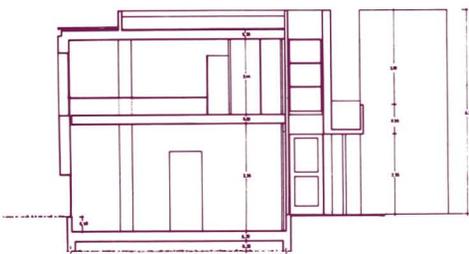
PROYECTO BASICO de CENTRO JUVENIL en CEZA, MURCIA.  
 ARQUITECTO JOSE MI TORRES PANGAL.



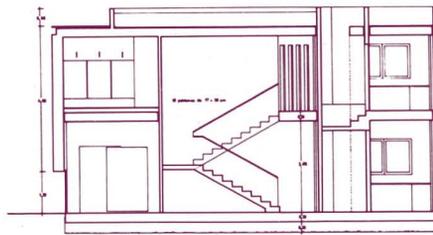
SECCION LONGITUDINAL POR PISO



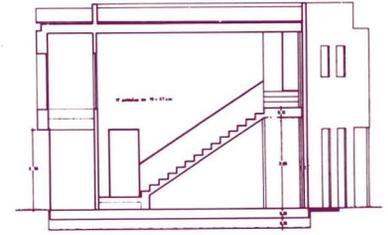
SECCION LONGITUDINAL



SECCION TRANSVERSAL POR GYMNASIO

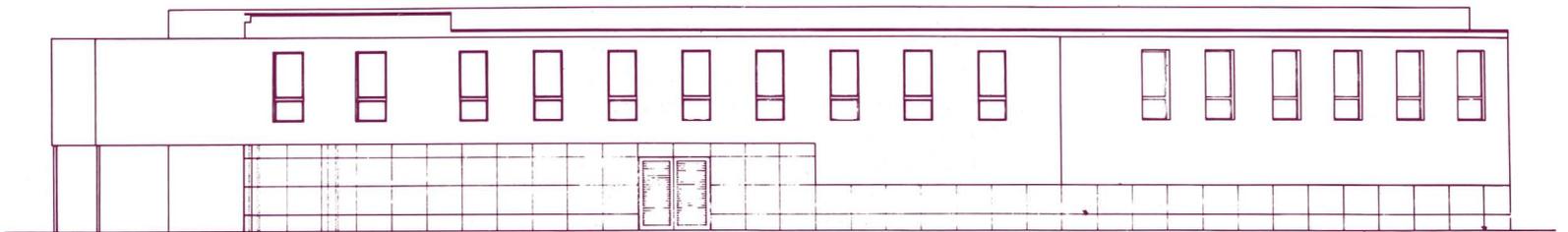


SECCION TRANSVERSAL POR ESCALERA DOBLE

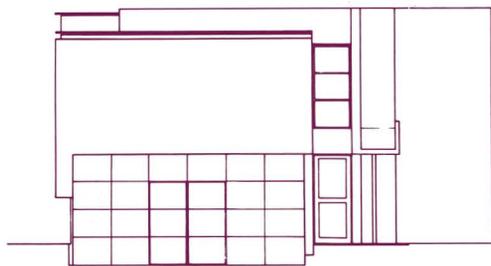


SECCION TRANSVERSAL POR ESCALERA SENCILLA

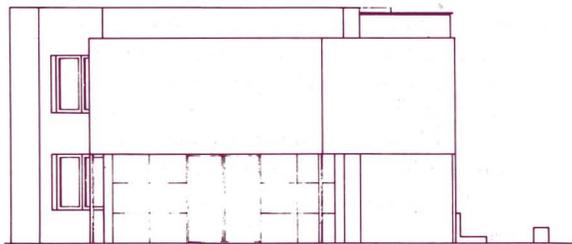
PROYECTO BASE de CENTRO JUVENIL en CEZA, MURCIA.  
ARQUITECTO JOSE M<sup>a</sup> TORRES PADAL



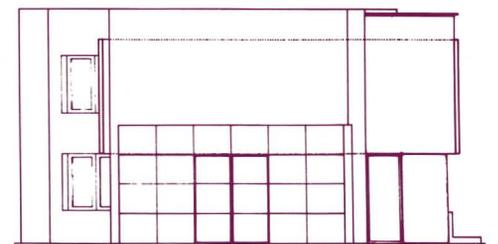
ALZADO SUR



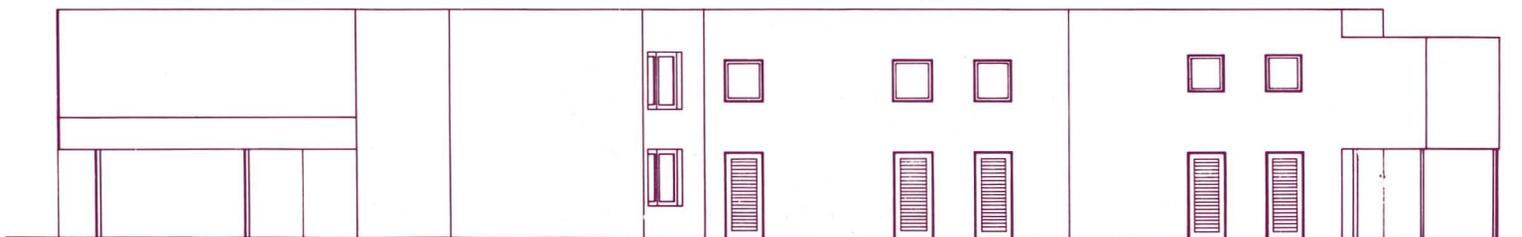
ALZADO ESTE



ALZADO OESTE



SECCION ALZADO OESTE



ALZADO NORTE

PROYECTO BASE de CENTRO JUVENIL en CEZA, MURCIA.  
ARQUITECTO JOSE M<sup>a</sup> TORRES PADAL

# ALEJANDRO DE LA SOTA

## EL MAGISTERIO INTERIOR

*La práctica de la arquitectura puede resultar, a veces, angustiada. Y no tanto por las limitaciones que impone el contexto cultural, sino también, con mucha frecuencia, por las que se derivan de la falta de criterio seguro entre los propios arquitectos. La multiplicidad de opciones y, aún más, el exceso de literatura en su más estricto sentido ideológico, constituyen la base en que se asienta tanto la frivolidad como la duda más lógica.*

*Si puede suscribirse en el "no son genios lo que necesitamos ahora" al margen de algunas suspicacias. "la grande y honrosa orfandad" no deja de ser una llamada de atención sobre la necesidad de guías, de maestros.*

*Sin embargo, encontrarles entre la algarabía que en los últimos tiempos nos envuelve, no resulta fácil. Porque entre sus características no está, generalmente, la de llamar la atención de forma innecesaria. Su provocación es mucho más sutil y más profunda. Afecta al origen del problema, busca causas, cuestiona resultados, plantea alternativas.*

*Para casi todos los maestros, la soledad es la situación desde la que se puede elaborar el pensamiento autónomo, quizás el fin último de un camino que conduce sin remedio al aislamiento. Buscar la coherencia interna, tan imposible en términos absolutos, es un objetivo que sólo puede alcanzarse con la persistencia. Alejándose de los cantos de sirenas, el primero de todos el aplauso de los necios.*

*El rigor, cada vez más estricto, es la regla más segura para el conocimiento. Buscar ansiosamente entre nosotros quien puede servirnos de maestro, caracteriza nuestra condición de naufragos sin remedio. Hacerlo con prisas buscando respuestas y eludiendo planteamientos, parece consecuencia de nuestras dependencias.*

*La falta de rigor y de memoria, la autocomplacencia de los frívolos, lo trivial del sistema económico y político se conjuran en favor de una confusión que aprovechan en su beneficio los mercaderes del Templo. En este oscuro panorama aparecen, a veces, luces persistentes: los maestros.*

*No son otra cosa que una permanente referencia. Esto es lo que importa. Saber en todo caso dónde buscar el ejemplo: lo que "debe" y no tan sólo lo que "puede" hacerse. Algo verdaderamente incómodo como casi todo lo necesario.*

*Más allá del ingenio que reflejan algunas soluciones, de la brillantez deslumbrante de propuestas concretas de la sutileza o de la fuerza que se expresa en las obras más plenas, producto en cualquier caso de cualidades personales, está la actitud que las hace verdaderas. Aún siendo admirables las obras de muchos arquitectos, no es fácil entre ellas rastrear una senda. Hay que encontrar su trazado en las soluciones concretas, en cualquier caso irreproducibles.*

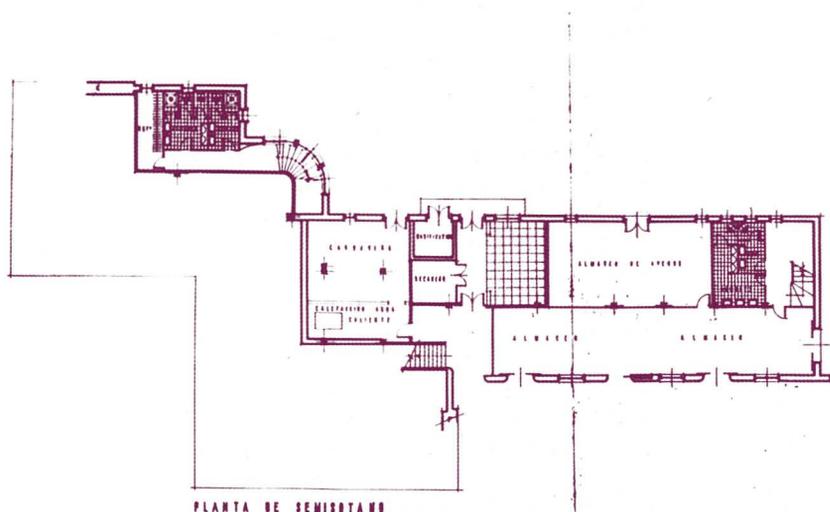
*El esfuerzo que supone el seguir un camino personal sólo puede mantenerse si se apoya en convicciones profundas y son estas las que busca el verdadero discípulo. El maestro asume el papel de eslabón de una cadena que se prolonga más allá de sí mismo. El discurso moral que emana de sus obras es el vínculo final que justifica su existencia. No es una cuestión trivial el papel de conciencia pública que asume el maestro. Ha de ser verificable la actitud, de carácter ético, para que el ejemplo resulta transmisible. La lección principal es de comportamiento. Se basa en la exigencia indeclinable. De ella, encaminada a la perfección, surge su fuerza. En el propio rigor se nutre su belleza.*

*Efectivamente, no son "genios" lo que necesitamos. Tan sólo maestros verdaderos.*

*Conoci a Alejandro de la Sota hace ya mucho tiempo. Le presentí desde el principio. Hoy sigue siendo, para mí, el maestro.*

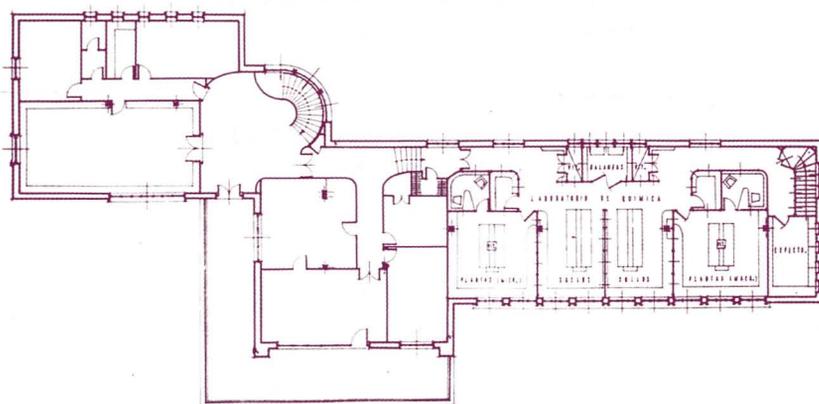
*Miguel Angel Baldellan  
21-VI-88*

# MISION BIOLOGICA EN SALCEDO



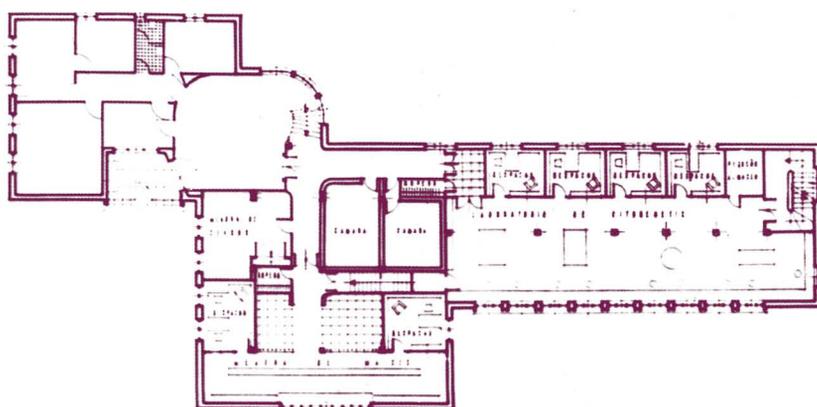
PLANTA DE SEMISOTANO

ESCALA 1-100



PLANTA ALTA

ESCALA 1-100



PLANTA BAJA

ESCALA 1-100

PROYECTO DE EDIFICIO PARA LABORATORIO EN LA MISION BIOLÓGICA DE GALICIA.(PONTEVEDRA)



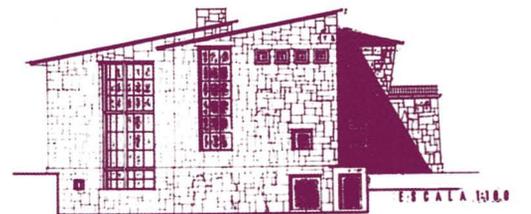
ALZADO PRINCIPAL



ALZADO LATERAL DERECHO

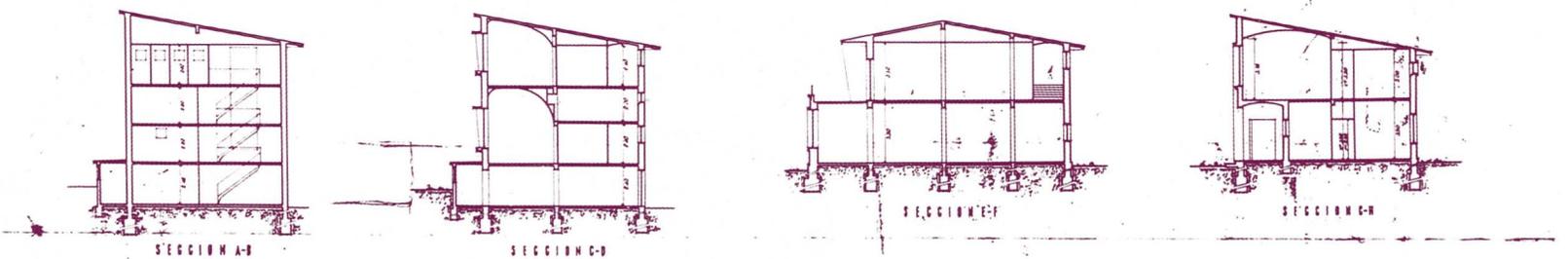


ALZADO POSTERIOR



ALZADO LATERAL IZQUIERDO

PROYECTO DE EDIFICIO PARA LABORATORIO EN LA MISION BIOLÓGICA DE GALICIA.(PONTEVEDRA)



SECCION A-B

SECCION C-D

SECCION E-F

SECCION G-H

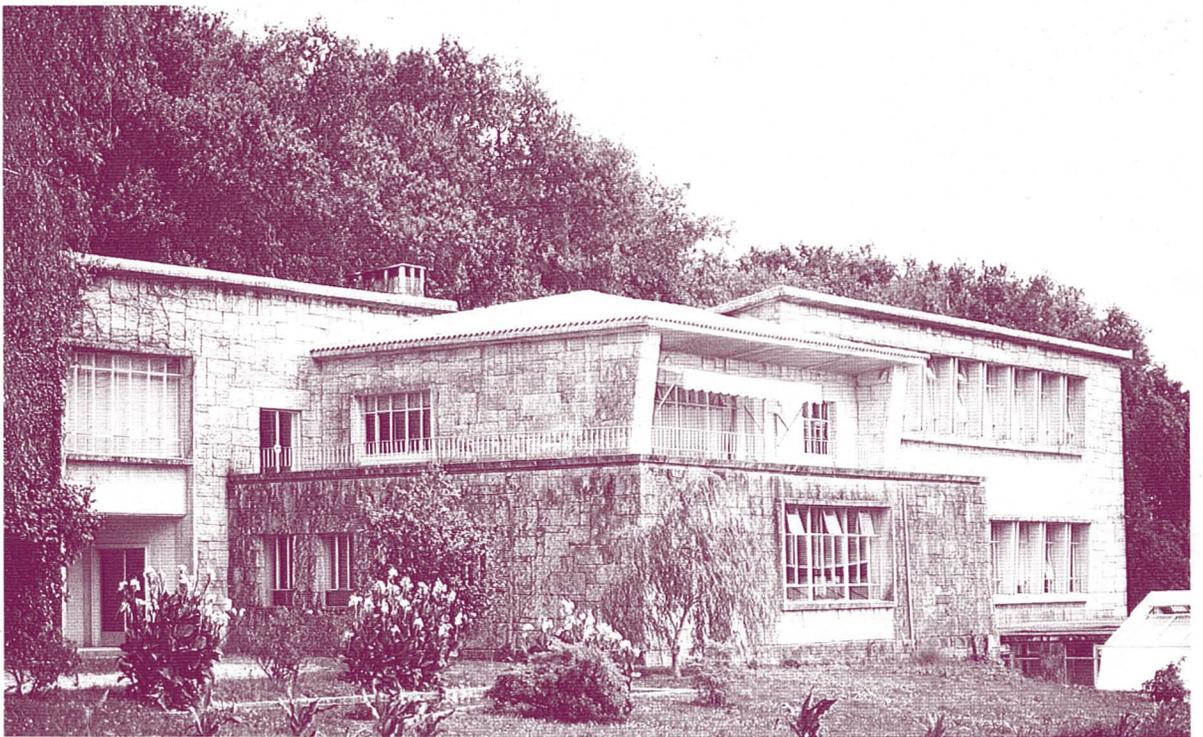


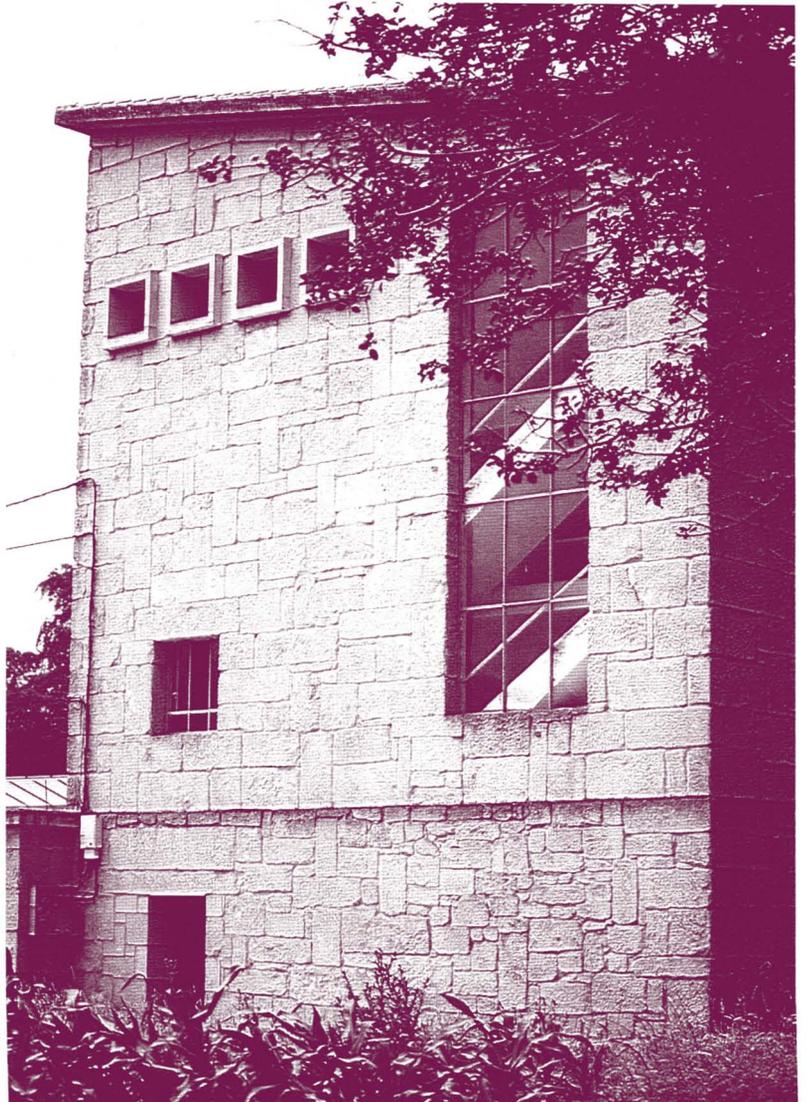
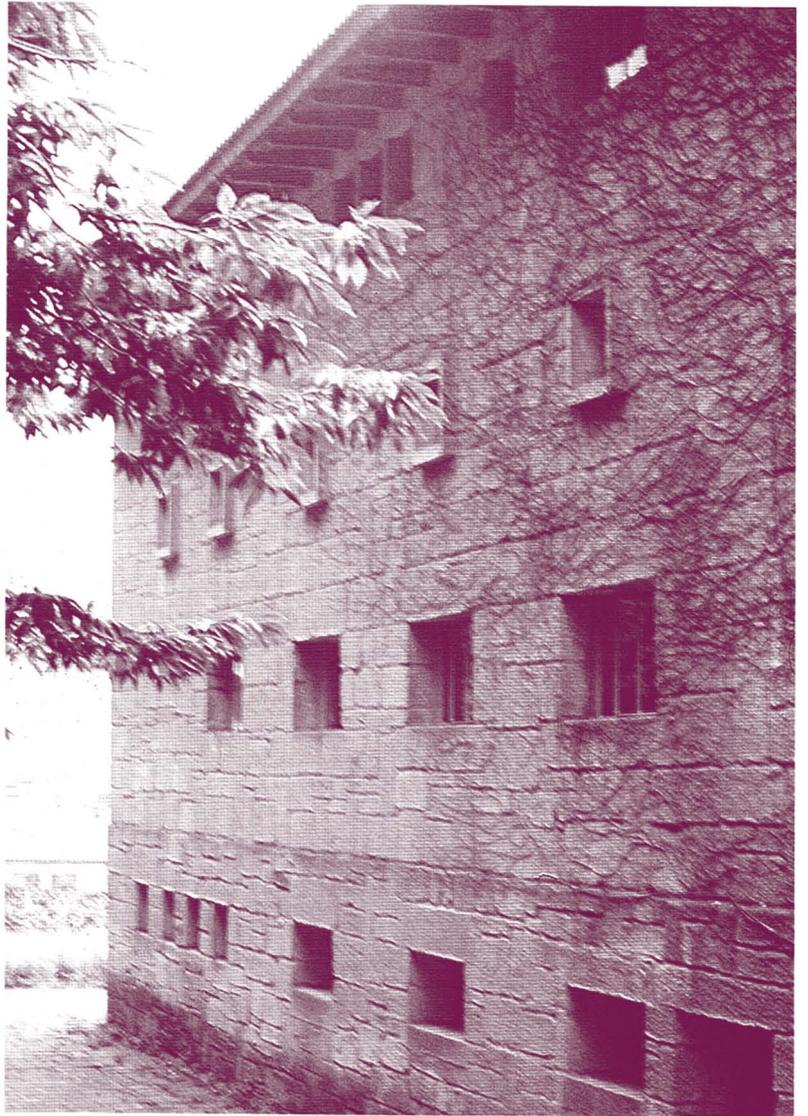


VISTA NOROCCIDENTALE DEL SE

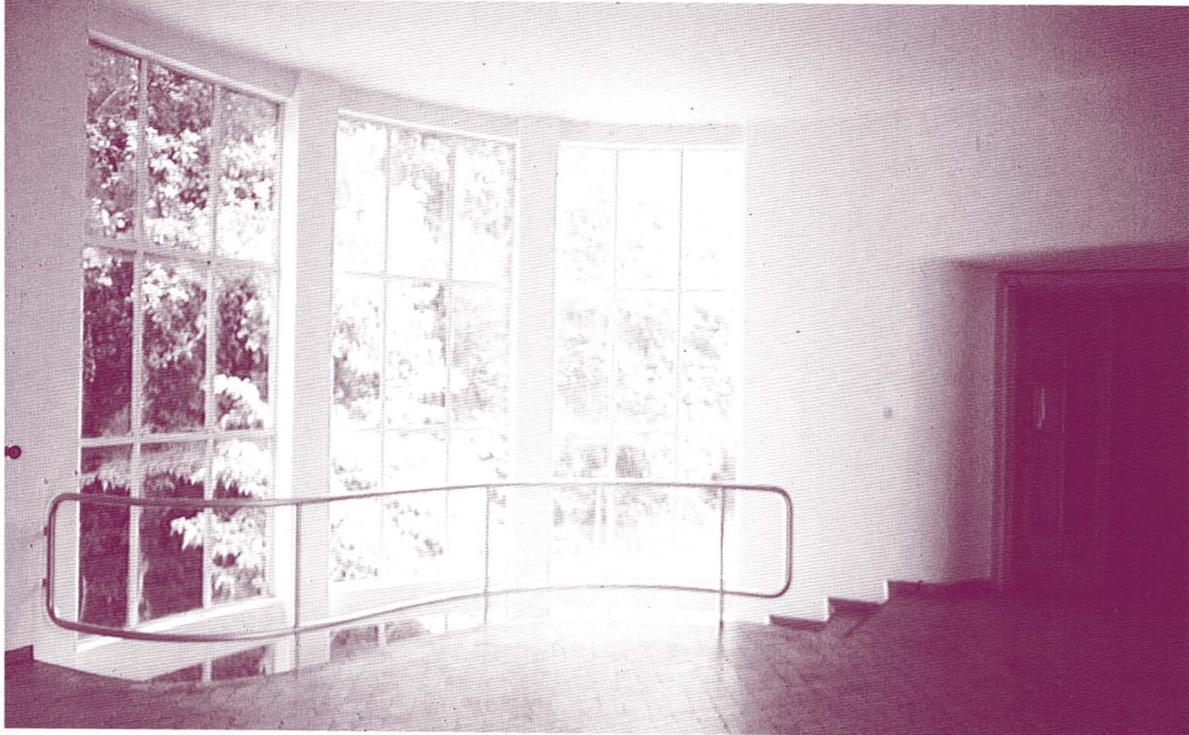
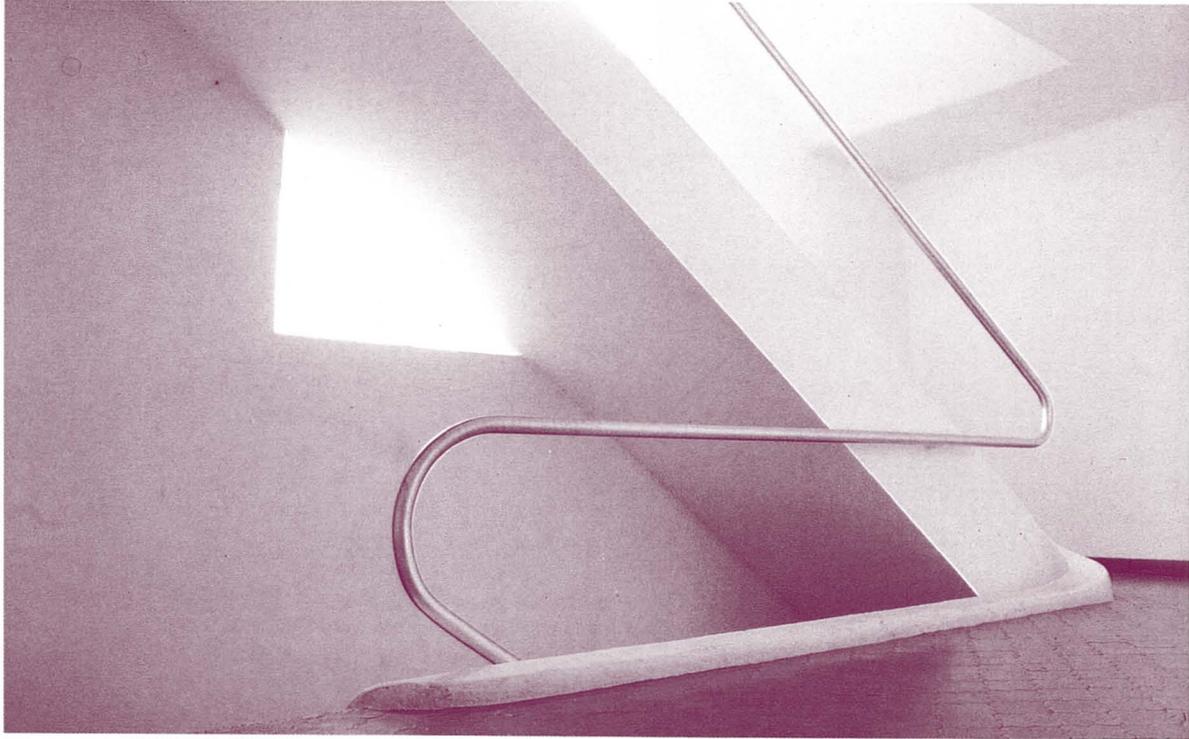


G. W. W. W.









## EDIFICIO DE JUZGADOS EN ZARAGOZA

*"... de la presentación del Anteproyecto".*

*Para tanta gente que ha tenido escasos contactos con los ambientes judiciales, el recuerdo que les ha quedado de ellos es siempre extraño. Tanto da el efecto producido por un pobre y reducido perdido Juzgado, como el producido por la más alta sede del Tribunal Supremo.*

*En cualquiera de los casos la impresión es extraña por lo poco que se acomoda a un posible ambiente más asequible y más inteligible. Parece tierra de abogados, su coto.*

*Y parece que no debe ser así ya que también existen más protagonistas importantes en el uso de estos edificios.*

*Se quisiera comprender qué tiene uno que ver con esa pobreza de un pequeño Juzgado o con la ostentación e incomprensible presencia de tanto entorchado y purpurinas del más alto Tribunal.*

*Cualquier acto humano puede y parece deber ser realizado con toda dignidad en ambientes más normales y, repito, dignos.*

*En cambio normalmente, y al contrario de todo esto, qué mal funcionan en relación con el denigrado y necesario funcionalismo.*

*¿Es posible que, en la mayoría de los casos, se mezclen público, juzgadores y juzgados en una mixtura extraña? Es distinto el ánimo de quien juzga, el de quien va a ser juzgado, al del declarante, al del último espectador del acto.*

*En el caso de los grandes lugares de la Justicia, igualmente y a pesar de su grandiosidad, se ven, abriéndose paso entre el apiñado público y a través de los grandes y ostentosos pasillos, a los guardias que conducen a un detenido esposado. Es frecuente en todos los Juzgados el ver a los Jueces o Magistrados abriéndose camino entre la muchedumbre para llegar a sus despachos o Salas de Vistas, sabiendo que el estado de ánimo de esa muchedumbre está en algún extremo sensibilizadas.*

*No se quisiera llevar este análisis a tantos puntos de la ambientación de stos lugares de Administración de Justicia que, si se actualizasen, otros serían o deberían ser. Puede recordarse incluso el mobiliario de estos santos lugares.*

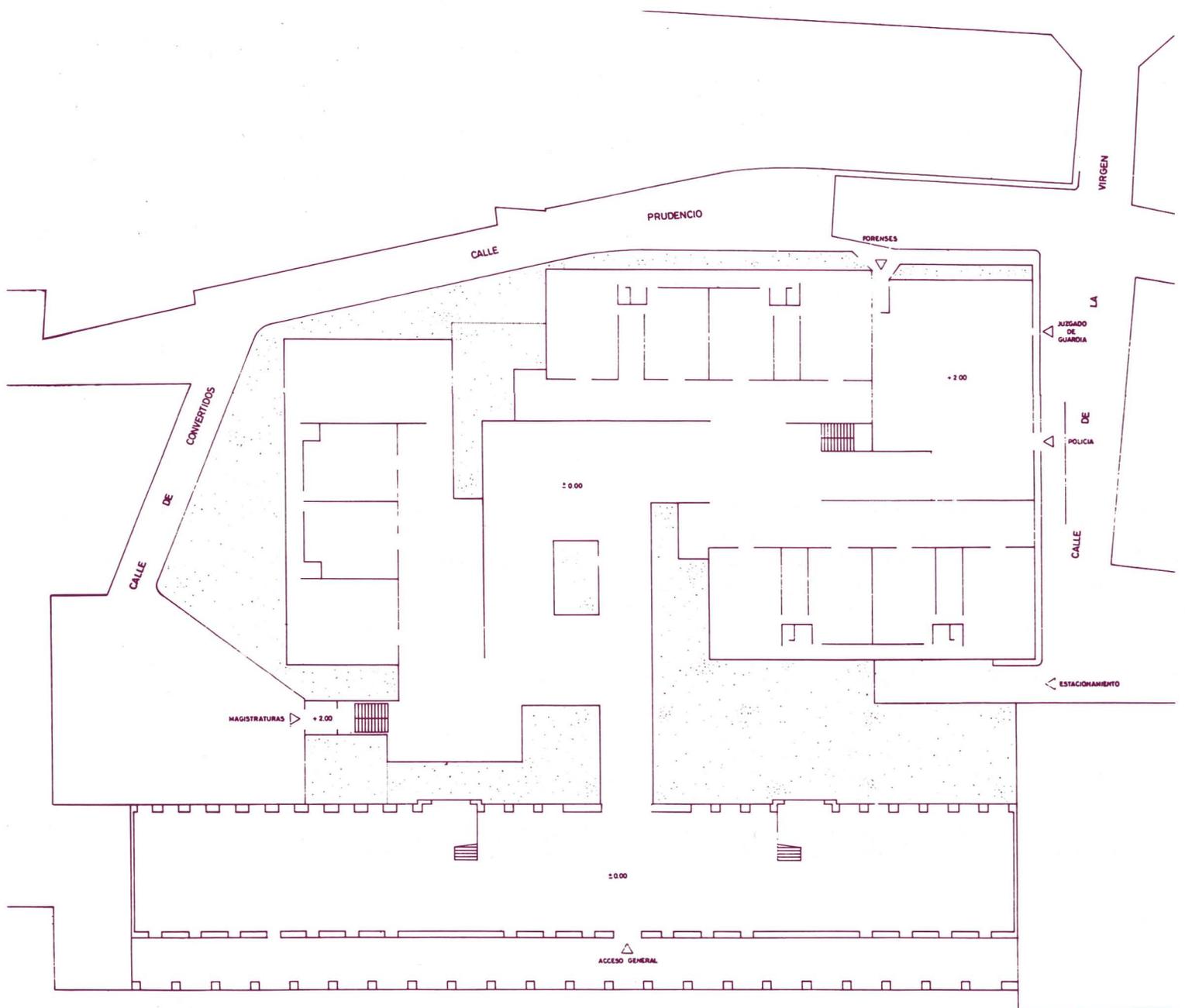
*Afortunadamente ya se ven a través del cine y la televisión cómo ha iniciado su evolución, tímidamente en España, con más seguridad fuera de ella.*

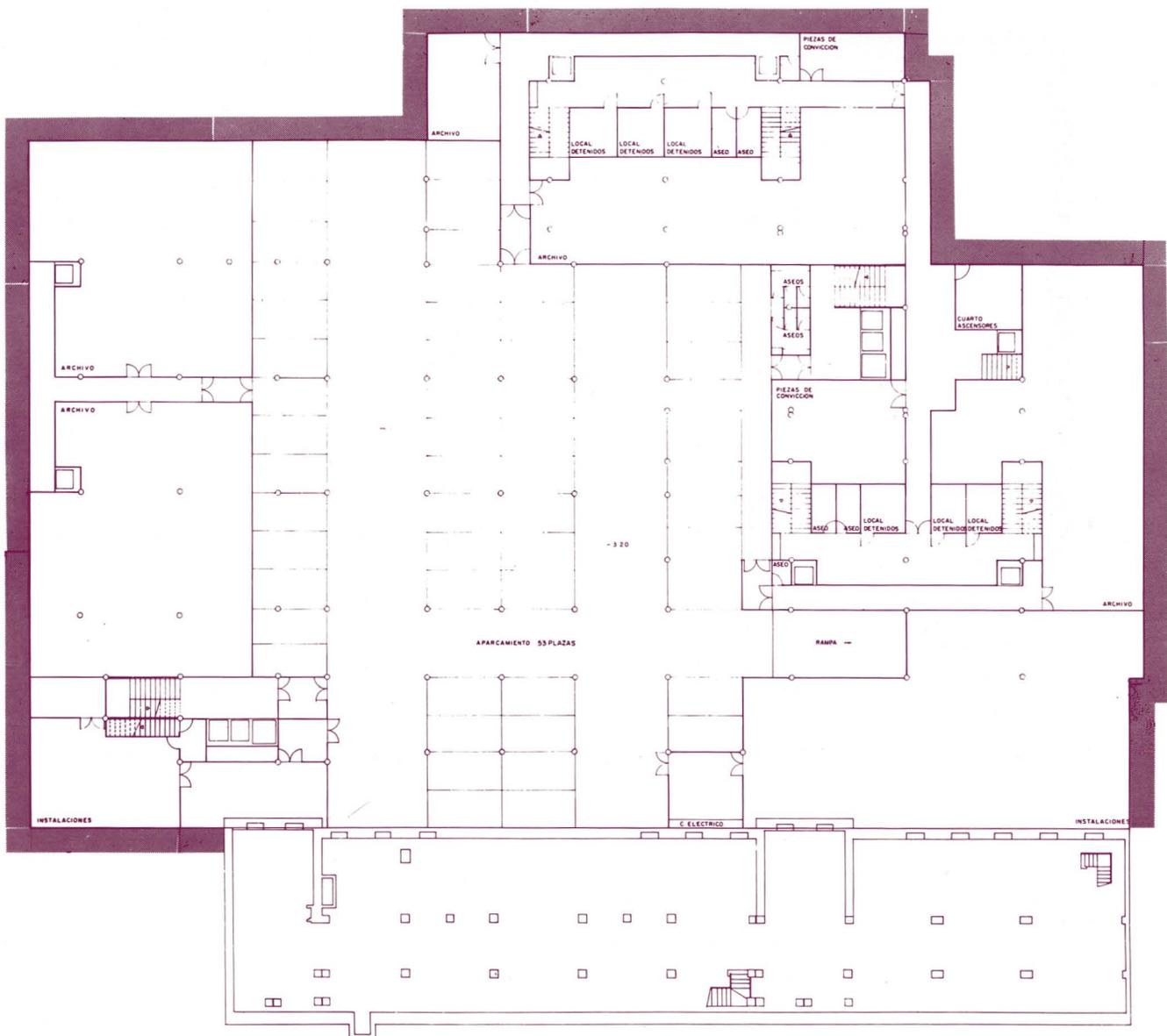
*Se piensa que cuando la función de un edificio es importante en sí misma hacia dentro, en el momento de su planteamiento debe reflejarlo: el convento desarrollado alrededor de sus claustros, la vivienda íntima envolviendo el patio familiar, la plaza de toros, ... estos edificios se cierran para sí, son egocéntricos, mejor, sin fachada, algo contrario a lo normal: ¡fachadas de Audiencias!... hasta llegar a las Salesas, con la estatua de la Justicia en todas ellas; podría ponerse este punto, como tantos otros, sobre el tapete.*

*La labor del arquitecto no es otra que la de ordenar un ambiente en el que quien lo usa se encuentre a gusto en él; que el funcionalismo, en el más amplio sentido de su significado, sea el correcto.*

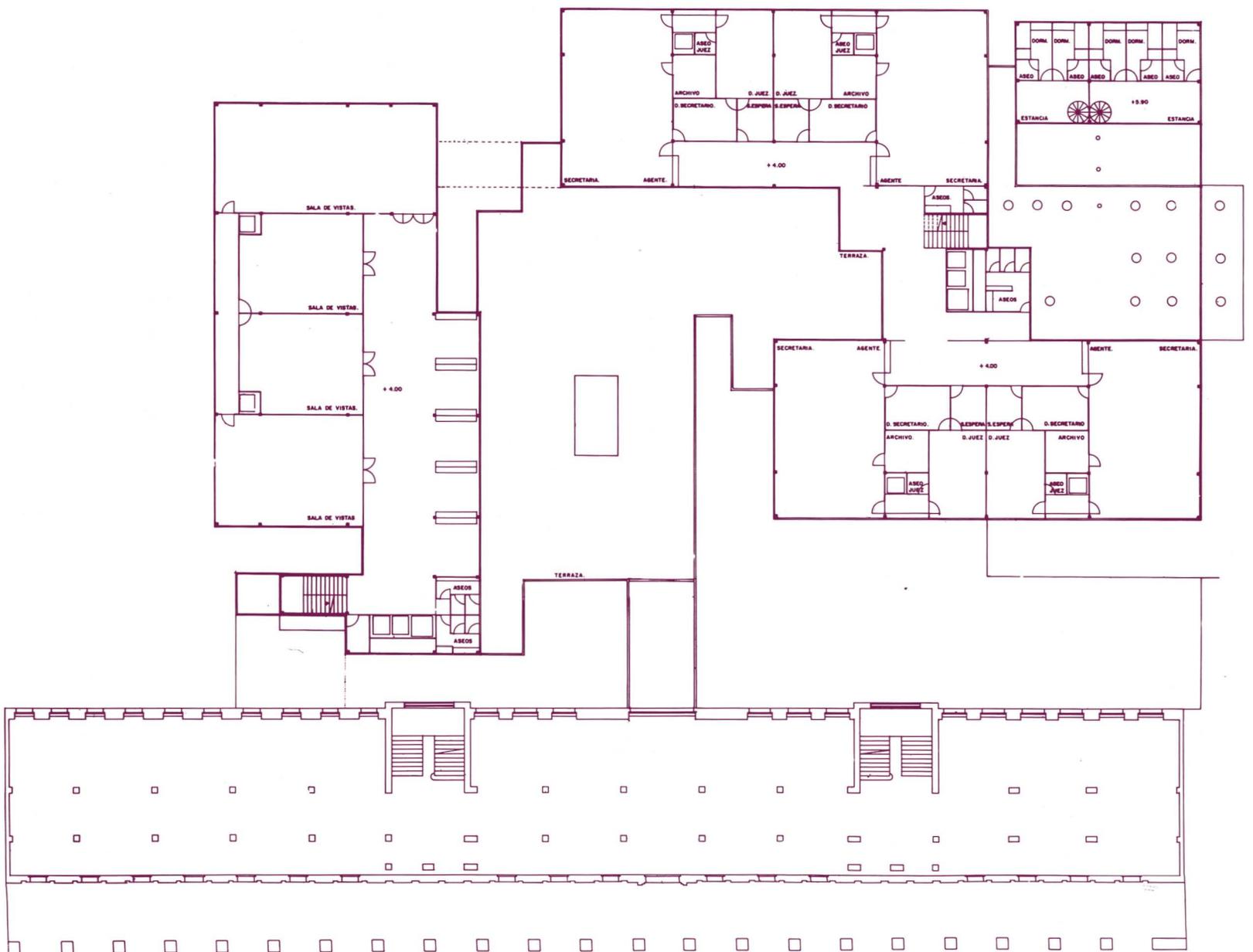
*Funcionalismo, funcionamiento es, se repite, que en cada instante la persona que usa un edificio se encuentre bien; funcionamiento es que cuando se desplaza dentro del edificio se encuentre en su andadura con quien tiene que encontrarse y no con otros; que cuando le interese mezclarse con otras personas ajenas, esta mezcla sea realizada con normalidad; que si necesita paz la encuentre en sus lugares de trabajo, de pensar; funcionamiento es que el edificio sea claro de uso, y no solamente para quien lo conoce, sino también para quien lo usa por primera vez, que sea claro y hasta grato aunque esté destinado a ser Edificio de Juzgados...*

*Un edificio que permita desarrollar con toda normalidad las funciones para las que fué concebido y que, sin embargo, permita cualquier posible cambio al existir también ese cambio en sus funciones o destino: versatilidad; deberá ser versátil, como todo cuanto tiene futuro variable.*



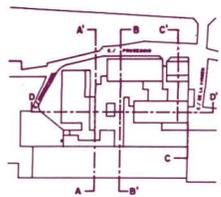
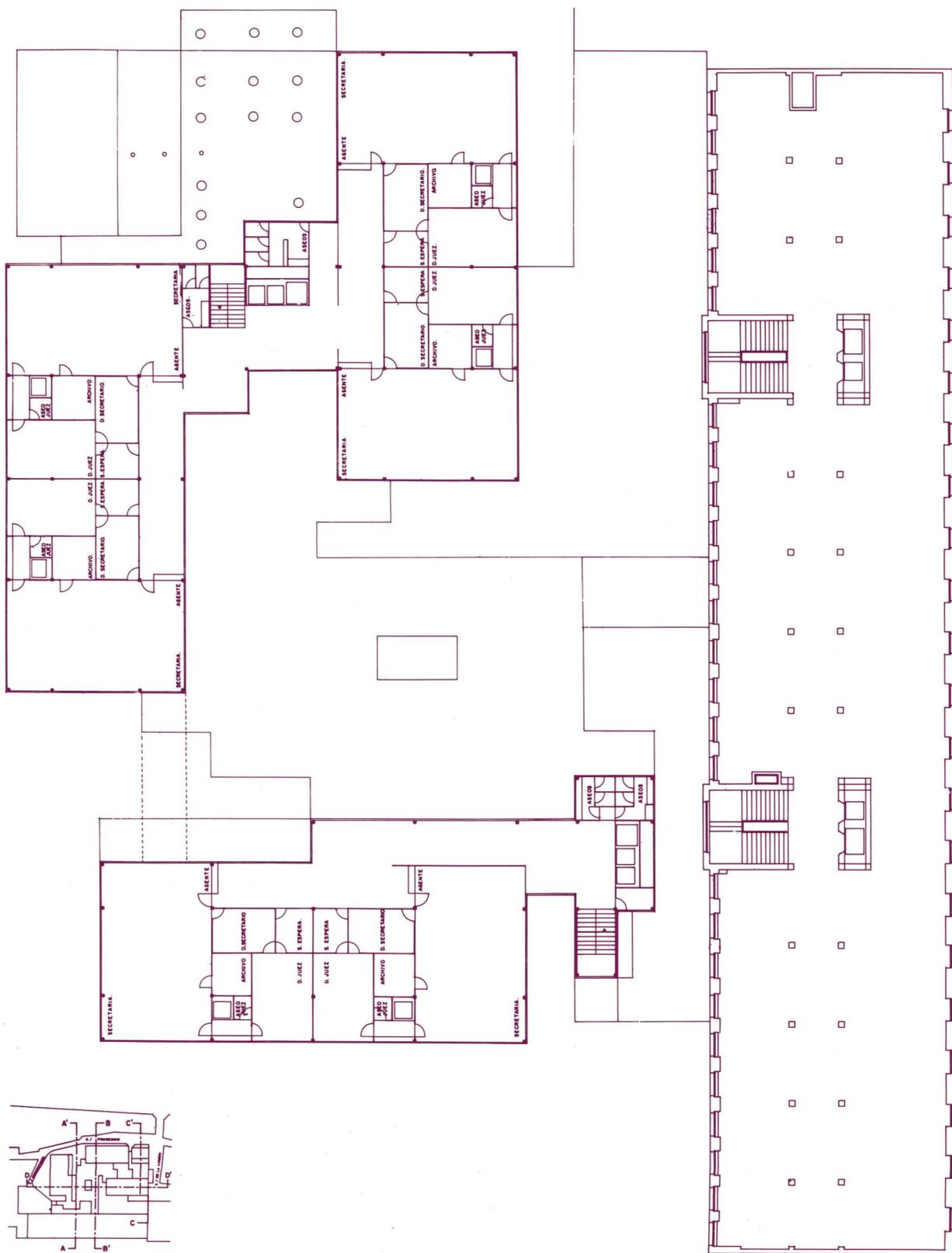


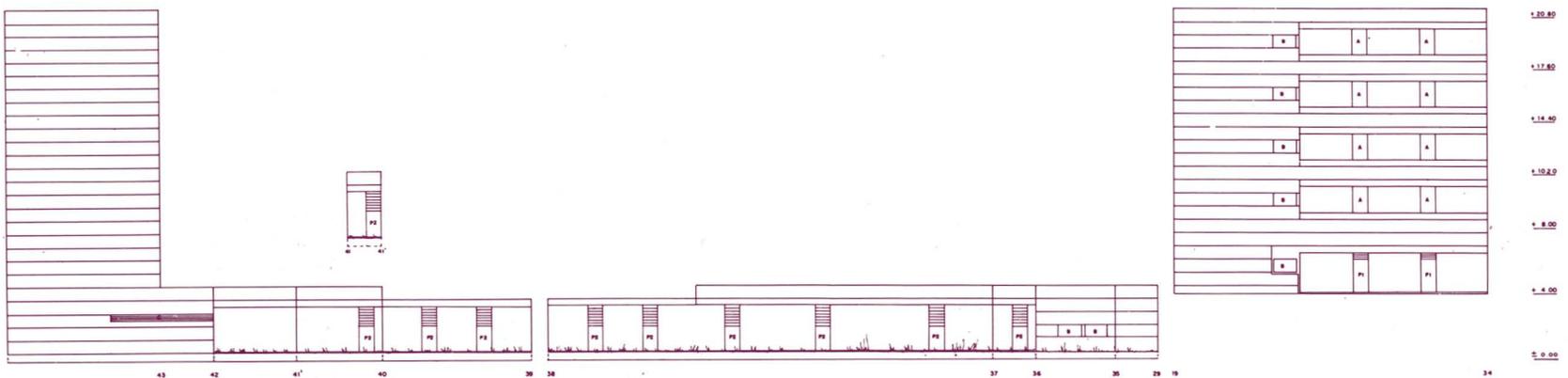
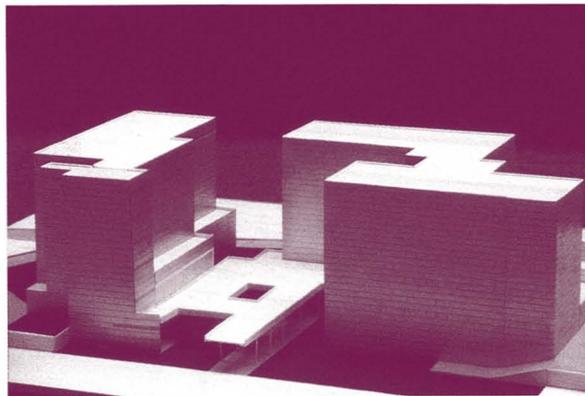
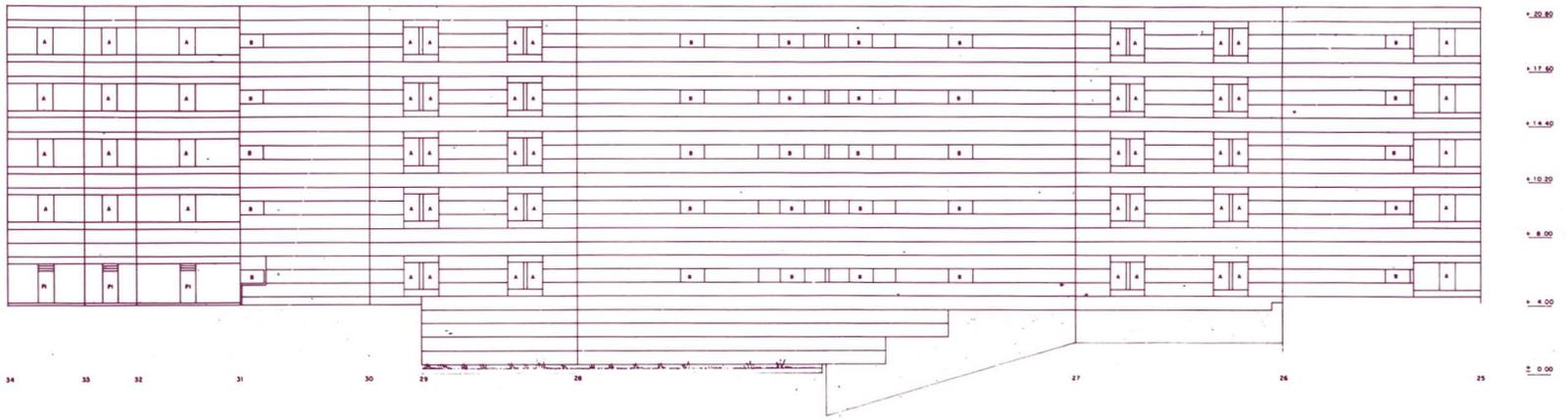






SECCION. B-B'





DESARROLLO DE ALZADOS.

Habíamos fijado nuestro próximo encuentro en Corrubedo. En Primavera.  
La muerte inesperada nos ha privado para siempre de la presencia, del candor apasionado, de la sensibilidad atenta, y también del valor de Santiago de la Sota.

Resulta desoladora la impotencia ante tantas promesas, ya imposibles, de un amigo tan joven; un arquitecto en el inicio de su propio camino, auténtico discípulo por ello de su maestro. Se nos ha ido cuando era más necesario.

El vacío que deja solo es comparable a su recuerdo.

Que los vientos te sean propicios y alcances tu destino, compañero.

13 de Enero de 1989  
Miguel Angel Baldellou

**ALVARO SIZÁ**  
**1/ ANTE-PROJECTO DO**  
**COMPLEXO POLIDEPORTIVO**  
**NA ILLA DE AROUSA**  
**COLABORAÇÃO DE MANUEL SOMOZA**

1.- *O estudo de ordenação da Punta do Vao integra o projecto de três recintos desportivos, respectivos serviços anexos e três campos de ténis; concilia ainda a construção da Punta do Vao como praia e local de recreio. Para o efeito ordena os sistemas viário e de estacionamento.*

2.- *São os seguintes os corpos que integran o complexo desportivo:*

2.1.- *Polidesportivo (Corpo 1).*

*Recinto de jogo de 27 x 45 m., para a prática de voleiball, basquet, handball e hóquei, envolvido nos quatro lados por bancadas com capacidade para 2.000 assistentes. Este recinto está preparado para a realização de espectáculos públicos (música, teatro, exposições, etc.).*

2.2.- *Piscina de natação (Corpo 2).*

*Dois tanques para adultos e crianças de, respectivamente, 16.67 x 25 e 6 x 16.67 m., con bancada de un dos lados de maior dimensão com capacidade para 200 assistentes.*

2.3.- *Ginásio (Corpo 3).*

*Salão com as dimensões de 18 x 30 m. e respectivos balneários e vestiários.*

2.4.- *Serviços anexos (Corpo 4).*

*Constituidos por Serviços comuns, Vestiários e Balneários.*

2.5.- *Instalações de apoio aos campos de ténis (Corpo 5). Vestiários, Balneários e Bar.*

3. *Descrição da solução proposta.*

3.1.- *Sistemas viário e de estacionamento:*

*Proponse a substituição dos dois nós actualmente existentes, respectivamente na estrada de acesso à ilha de Arousa e na via de acesso ao "Muino das Acenas", por um único nó, devidamente dimensionado, a situar no local do segundo.*

*Este desvio permite um acesso em condições óptimas ao actual caminho que margina a praia, o qual deverá ser pavimentado e redimensionado.*

*O parque de estacionamento previsto para 425 carros situa-se entre as estradas Marginal e de acesso à ilha de Arousa, com acesso pela primeira.*

3.2.- *Complexo desportivo:*

*O complexo desportivo de Arousa desenvolve-se segundo un eixo Oeste-Leste, paralelamente à estrada de acesso à Ilha.*

*E constituído por um corpo rectangular de serviços anexos, com as dimensões aproximadas de 15 x 125 m., do qual se desprendem os três recintos cobertos previstos:*

- a) Polidesportivo, de planta oval, com eixos de, respectivamente, 81 m. e 66 m., sendo o maior eixo perpendicular ao corpo de serviços anexos.
- b) Recinto de piscinas, de planta rectangular de 30 x 50 m., sendo o maior eixo perpendicular ao corpo de serviços anexos.
- c) Ginásio, de planta rectangular de 18 x 30 m., sendo o maior eixo paralelo ao corpo de serviços anexos.
- d) Pavilhão de Apoio aos Campos de Tênis, de planta rectangular de 6 x 30 m., sendo o maior eixo paralelo ao corpo de serviços anexos.

O complexo desportivo é completado por três campos de ténis situados no extremo leste das instalações e implantados paralelamente à via marginal.

3.3.- Espaços livres no interior do recinto do complexo desportivo:

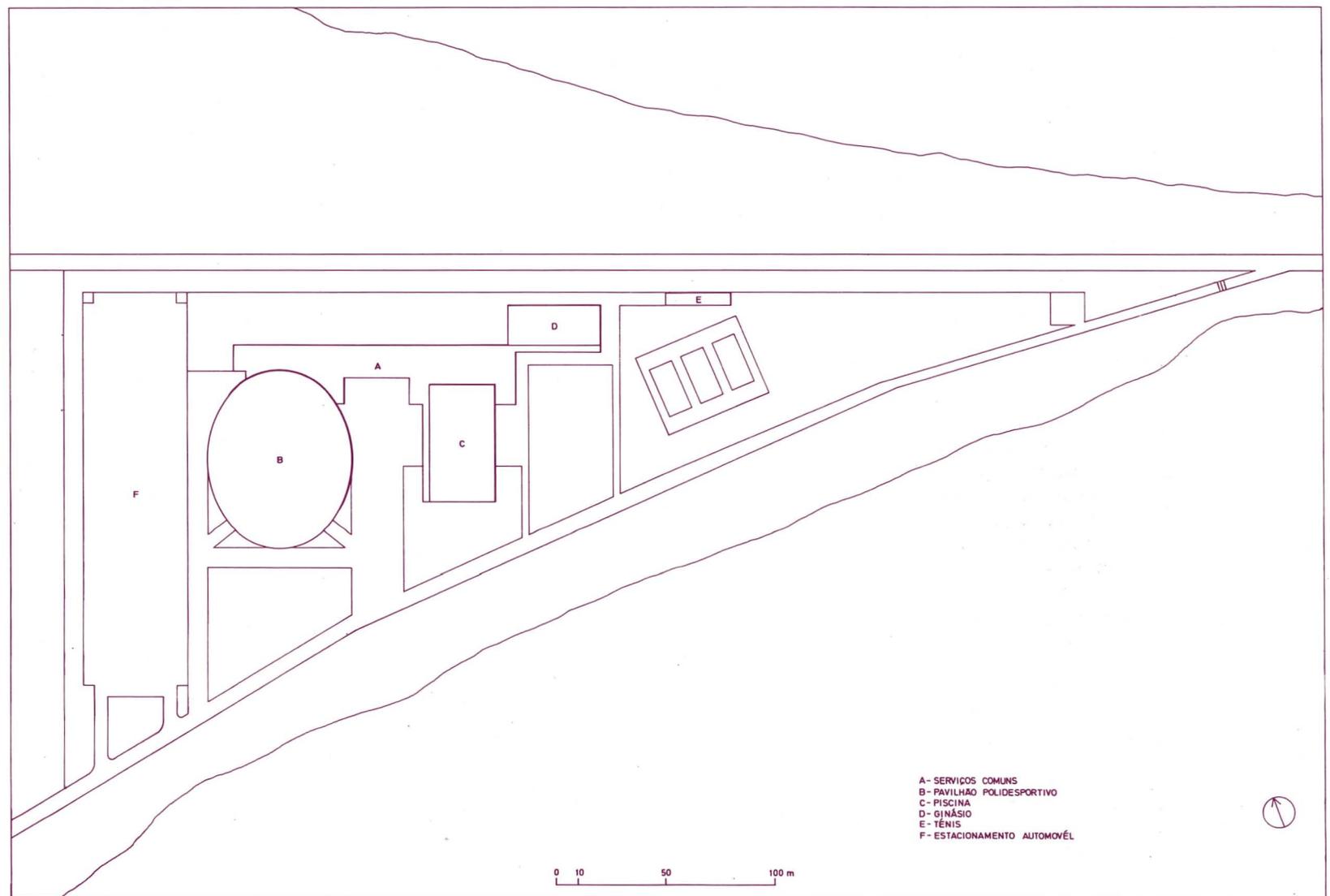
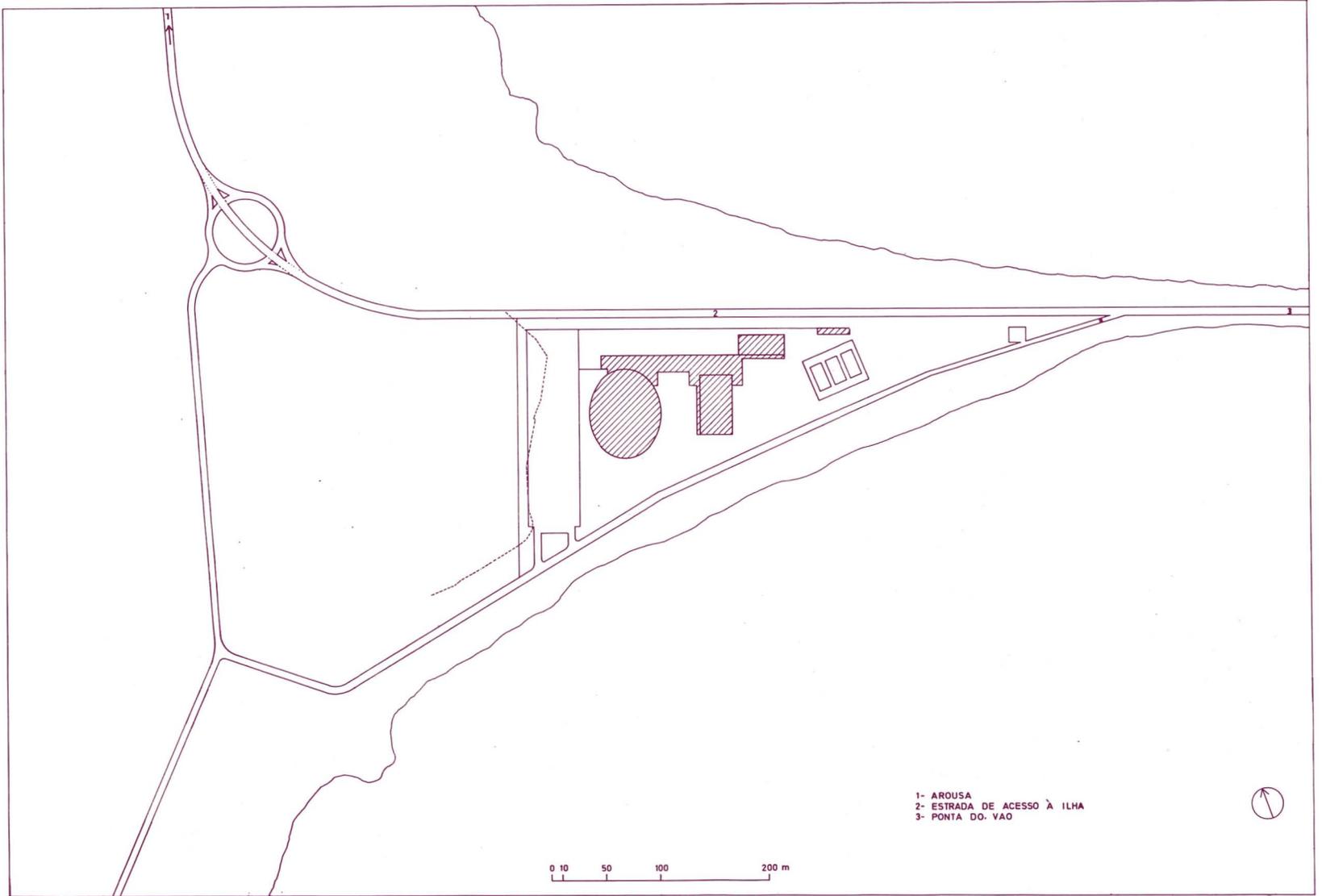
O complexo desportivo ocupa um recinto de planta triangular compreendido entre a via de acesso à ilha de Arousa a Norte, a via Marginal a Sul e o parque de estacionamento a Oeste.

Os espaços livres determinados por este limites e pelo volume construído do edifício são os seguintes:

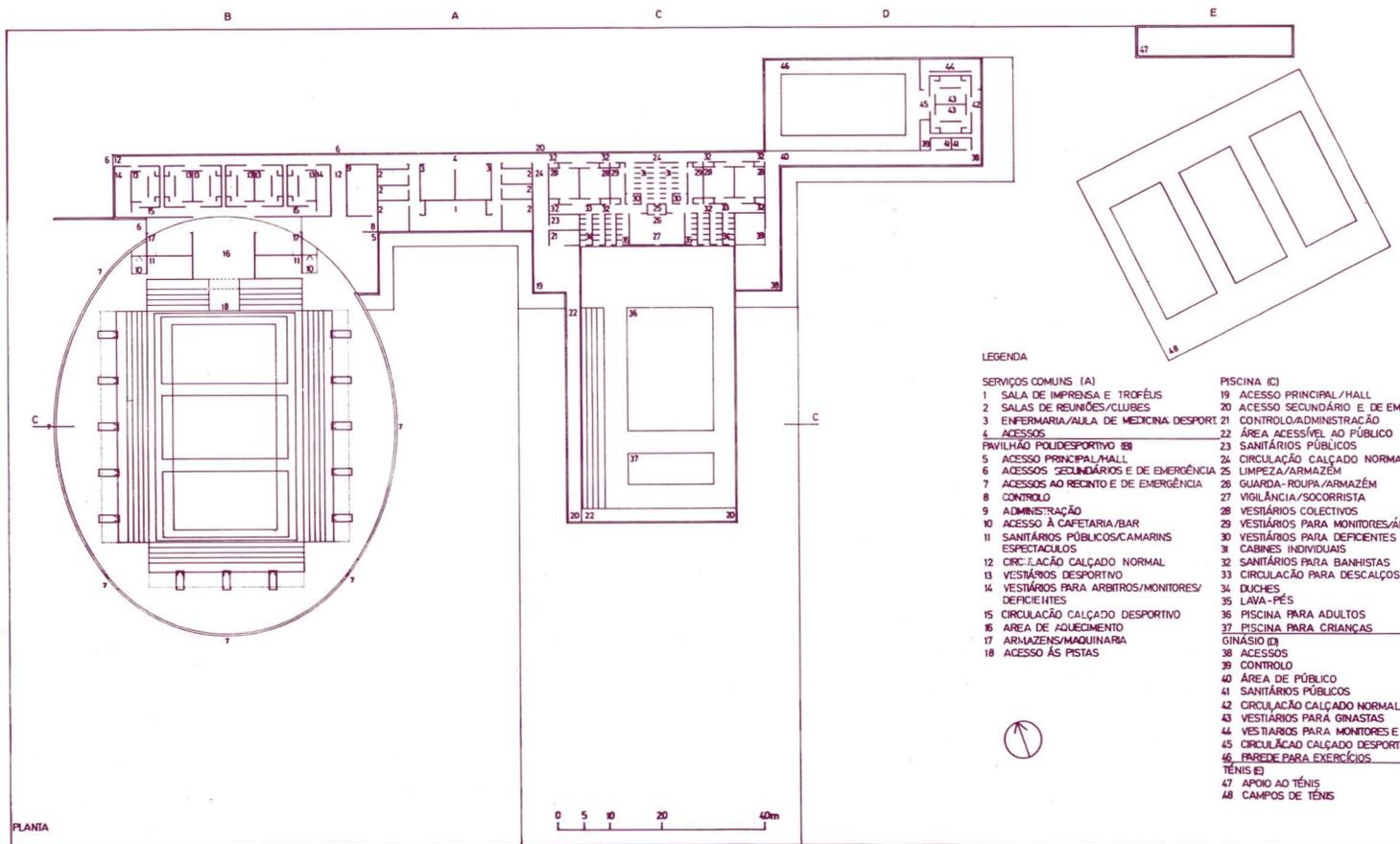
- a) Pátio de serviço entre a linha limite de edificação paralela à via a Norte e os serviços anexos.
- b) Pátio de acesso entre o Polidesportivo, as Piscinas e os Serviços Anexos.
- c) Pátio de acesso entre as Piscinas, os Campos de Tênis e o Ginásio.
- d) Os restantes espaços correspondem às áreas envolventes do edifício e dos pátios descritos.

4. A volumetria geral e a articulação entre os corpos do edifício apoiam-se na única preexistência construída determinante: a ponte de acesso e a sua penetração na ilha de Arousa. A posição relativa daqueles corpos foi condicionada pela forma triangular do recinto, pelo que se implantou o corpo de maiores dimensões (Polidesportivo) no extremo Oeste. A construção está determinada por uma malha ortogonal, de 6 x 6 m., da qual se libertam unicamente a parede exterior do Polidesportivo e a plataforma que integra os três campos de ténis, estabelecendo esta um ângulo de 27º com aquela malha.

5. Em termos gerais, a construção será realizada em betão armado, prevendo-se a utilização de estruturas metálicas para a cobertura dos três recintos desportivos. Para o revestimento exterior, utilizar-se-á predominantemente uma placagem de granito.



CORTE LONGITUDINAL



LEGENDA

- |   |  |
|---|--|
| SERVIÇOS COMUNS (A)                               | PISCINA (C)                                |
| 1 SALA DE IMPRENSA E TROFÉUS                      | 19 ACESSO PRINCIPAL/HALL                   |
| 2 SALAS DE REUNIÕES/CLUBES                        | 20 ACESSO SECUNDÁRIO E DE EMERGÊNCIA       |
| 3 ENFERMARIA/AULA DE MEDICINA DESPORTO            | 21 CONTROLO/ADMINISTRAÇÃO                  |
| 4 ACESSOS   | 22 ÁREA ACESSÍVEL AO PÚBLICO               |
| PAVILHÃO POLIDESPORTIVO (B)                       | 23 SANITÁRIOS PÚBLICOS                     |
| 5 ACESSO SECUNDÁRIO/HALL                          | 24 CIRCULAÇÃO CALÇADO NORMAL               |
| 6 ACESSOS SECUNDÁRIOS E DE EMERGÊNCIA             | 25 LIMPEZA/ARMAZÉM                         |
| 7 ACESSOS AO RECINTO E DE EMERGÊNCIA              | 26 GUARDA-ROUPA/ARMAZÉM                    |
| 8 CONTROLO  | 27 VIGILÂNCIA/SOCCORRISTA                  |
| 9 ADMINISTRAÇÃO                                   | 28 VESTIÁRIOS COLECTIVOS                   |
| 10 ACESSO À CAFETERIA/BAR                         | 29 VESTIÁRIOS PARA MONITORES/ÁRBITROS      |
| 11 SANITÁRIOS PÚBLICOS/CAMARINS ESPECTACULOS      | 30 VESTIÁRIOS PARA DEFICIENTES             |
| 12 CIRCULAÇÃO CALÇADO NORMAL                      | 31 CABINES INDIVIDUAIS                     |
| 13 VESTIÁRIOS DESPORTIVO                          | 32 SANITÁRIOS PARA BANHISTAS               |
| 14 VESTIÁRIOS PARA ÁRBITROS/MONITORES/DEFICIENTES | 33 CIRCULAÇÃO PARA DESCALÇOS               |
| 15 CIRCULAÇÃO CALÇADO DESPORTIVO                  | 34 DUCHES                                  |
| 16 ÁREA DE AQUECIMENTO                            | 35 LAVA-PÉS                                |
| 17 ARMAZENS/MAQUINARIA                            | 36 PISCINA PARA ADULTOS                    |
| 18 ACESSO ÀS PISTAS                               | 37 PISCINA PARA CRIANÇAS                   |
|   | GINÁSIO (D)                                |
|   | 38 ACESSOS                                 |
|   | 39 CONTROLO                                |
|   | 40 ÁREA DE PÚBLICO                         |
|   | 41 SANITÁRIOS PÚBLICOS                     |
|   | 42 CIRCULAÇÃO CALÇADO NORMAL               |
|   | 43 VESTIÁRIOS PARA GINASTAS                |
|   | 44 VESTIÁRIOS PARA MONITORES E DEFICIENTES |
|   | 45 CIRCULAÇÃO CALÇADO DESPORTIVO           |
|   | 46 PAREDE PARA EXERCÍCIOS                  |
|   | TÊNIS (E)                                  |
|   | 47 APOIO AO TÊNIS                          |
|   | 48 CAMPOS DE TÊNIS                         |

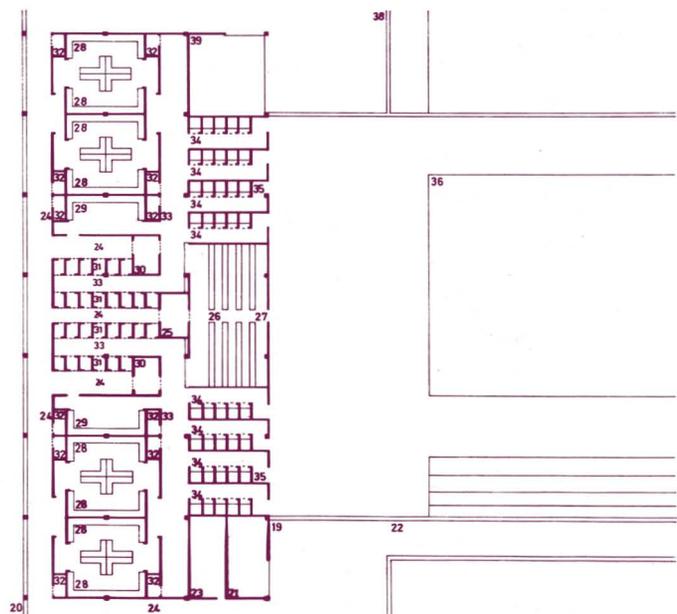
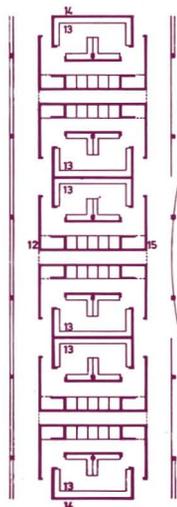
PLANTA



- 12 CIRCULAÇÃO CALÇADO NORMAL
- 13 VESTIÁRIOS DESPORTIVOS
- 14 VESTIÁRIOS PARA ÁRBITROS, MONITORES, DEFICIENTES
- 15 CIRCULAÇÃO CALÇADO DESPORTIVO

- 19 ACESSO PRINCIPAL/HALL
- 20 ACESSOS SECUNDÁRIOS E DE EMERGÊNCIA
- 21 CONTROLO/ADMINISTRAÇÃO
- 22 ÁREA ACESSÍVEL AO PÚBLICO
- 23 SANITÁRIOS PÚBLICOS
- 24 CIRCULAÇÃO CALÇADO NORMAL
- 25 LIMPEZA/ARMAZÉM
- 26 GUARDA-ROUPA/ARMAZÉM
- 27 VIGILÂNCIA/SOCCORRISTA
- 28 VESTIÁRIOS COLECTIVOS
- 29 VESTIÁRIOS PARA MONITORES/ÁRBITROS

- 30 VESTIÁRIOS PARA DEFICIENTES
- 31 CABINES INDIVIDUAIS
- 32 SANITÁRIOS PARA BANHISTAS
- 33 CIRCULAÇÃO PARA DESCALÇOS
- 34 DUCHES
- 35 LAVA-PÉS
- 36 PISCINA PARA ADULTOS
- 38 ACESSOS
- 39 CONTROLO



## EL PROYECTO DE MUSEO GALEGO DE ARTE CONTEMPORANEO Y EL ENTORNO DE SANTO DOMINGO DE BONAVAL

FELIPE PEÑA

*La tarea que se impone Alvaro Siza con el proyecto de Museo Gallego de Arte Contemporáneo va más allá de la complicada resolución de un programa de edificio para la exposición y estudio de las obras de Arte. Asume desde el primer momento un papel activo en la ordenación de todo el conjunto del entorno de Bonaval.*

*Este papel, que frecuentemente asume la Arquitectura cuando interviene en programas de edificios institucionales se complica cuando se trata de cascos históricos de ciudades que, como la de Santiago de Compostela tiene un fuerte carácter y es, una ciudad completa y prácticamente cerrada.*

*Pero la zona de Bonaval no solo es una periferia del casco histórico sino que además ha sido sometida en los últimos tiempos a una serie de desafortunadas intervenciones que la han desorganizado ambientalmente acentuando ese aire de periferia interior que se suele producir en los límites entre lo viejo y lo nuevo.*

*Sin duda la más importante de estas intervenciones e la apertura de la calle Valle Inclán. La llegada histórica a Santo Domingo de Bonaval se hace desde la Puerta del Camino ascendiendo hacia las plataformas que soportan la fachada del convento y la Iglesia, formando un ángulo, una especie de fachada quebrada que culmina y cierra el camino. La nueva calle baja por el límite de la huerta de San Roque rompiéndola en dos pedazos, corta el callejón de Caramoniña y hace desaparecer el muro y la huerta que protegían la fachada oeste del Convento y sigue hasta encontrar el acceso a Bonaval. El interés de la operación parecía estar en dar entrada a unas zonas interiores que de huertas pasan a ser descampados, aparcamientos, almacenes, parque de bomberos, etc. con escasos interés como vía de tráfico.*

*El proyecto de Alvaro Siza se ciñe, en primer lugar, a la alineación de la nueva vía separándose lo máximo posible de los muros del convento. Por su lado Este se aproxima, con un volumen rotundo, ciego y de menos altura, hasta el ángulo que forman las dos fachadas, Iglesia y Convento, de Bonaval. Es el acceso al Museo que se sitúa igualmente sobre una plataforma dejando como una endidura entre ambos edificios por la que se accede al parque. En el extremo opuesto la situación se presenta de manera muy diferente.*

*Se llega descendiendo, y la presencia de la pared Oeste de Bonaval es abrumadora y así se percibe actualmente. El edificio del museo se sitúa al pie de ese volumen permitiendo que se vea la fachada quebrada en ángulo y el lado oeste del convento, haciendo un papel compositivo de zócalo, al ofrecer un volumen de grandes masas y grandes huecos, mas neutro y de texturas semejantes. Por otro lado el proyecto de Alvaro Siza hace una propuesta para la huerta de San Roque con El Plan Especial de Protección de Santiago de Compostela, recuperando la antigua Horta prolongar su trazado sobre la calzada actual hasta llegar al Museo, consiguiendo dos cosas: primero la mencionada recuperación que se revuerza al constituir el parque resultante un nuevo itinerario peatonal de acceso desde el casco histórico y una interesante perspectiva de llegada para el Museo. En segundo lugar se interrumpe simbólicamente (pues queda un paso de servicio) la calle Valle Inclán quedando dos partes bien diferenciadas, una más doméstica, peatonal que va desde la Horta de San Roque hasta el acceso a la Iglesia y Convento actuales y otra de vehículos y servicio que debe llegar al callejón de Caramoniña, al Museo desde el exterior (incluido el servicio del Museo) y acceder al posible aparcamiento disuadorio que se podría situar bajo la rasante del patio del Colegio Lasalle y todo ello desplazándose junto a la vieja tapia de San Roque que se recupera al ensanchar la actual acera e incorporar a ella parte de el arbolado próximo.*

*Hay una preocupación que marca el actual proyecto y queda mucha más clara en los croquis previos, la continuidad del callejón de Caramoniña que permanece como vía recorrible produciendo además una separación en el extremo norte del museo en un punto donde hay un fuerte desnivel que resuelve el principal acceso al parque de Bonaval (por el callejón de Caramoniña), con una yuxtaposición de muros. Al incorporar el volumen de salón de actos a la alineación del cuerpo mas oriental del Museo con la zona abierta de la Horta de San Roque como segunda fachada, alternativa a la del acceso peatonal y monumental.*

*Los trazados básicos de la planta del Museo merecen un capítulo aparte por tratarse de un excelente ejemplo de la utilización por Alvaro Siza de trazados geométricos fundamentados y apoyados en el entorno consti-*

*tuido, que es uno de sus procedimientos mas frecuentes para poner en relación el objeto arquitectónico con el lugar en que se sitúa, procedimientos no siempre explícitos. Las dos direcciones fundamentales de organización del edificio son: primero la de la calle Valle Inclán y la segunda la que establecen el haz de visuales que desde la plataforma de acceso a Bonaval (Iglesia y Convento) tiene por eje o bisectriz la visual de Santa Clara.*

*Con un carácter secundario hay que mencionar la alineación de la pequeña fachada Sur a la calle de acceso a Bonaval (Iglesia y Convento) tienen por eje o bisectriz la visual de Santa Clara.*

*Con un carácter secundario hay que mencionar la alineación de la pequeña fachada Sur a la calle de acceso a Bonaval, un frente ciego sobre dos pequeños pilares que se sitúa en la prolongación de la primera casa de la calle la que hace esquina a la puerta del camino, un recurso que permite retirar esa fachada de la alineación de la calle, esconderla de la perspectiva principal de llegada, pero relacionada con un elemento mas sólido de la trama urbana, el edificio de esquina de la Porta do Camino. Resulta sorprendente y característico de este procedimiento, comprobar como ninguna de las direcciones principales de la planta del Museo guardan relación con las del Convento e Iglesia a pesar de ser esta la principal y más fuerte preexistencia formal de la zona y a la que en cualquier caso el proyecto de Alvaro Siza reconoce este papel. Si en cambio se recoge en las posiciones reciprocas de los dos cuerpos del Museo (Salas de Exposición y dependencias) la manera de articularse los dos cuerpos de Bonaval entre si.*

*Es este proyecto un buen ejemplo de la necesidad de que la arquitectura asuma papeles ordenadores en el entorno en que se sitúa, la arquitectura institucional tendrá papeles distintos que la doméstica y vemos aquí como, con que instrumentos, conceptuales, geométricos y de dibujo dicho papel se configura.*

Fdo. Felipe Peña Pereda.

Arquitecto

*Felipe Peña es arquitecto y participa en los trabajos de redacción del Plan Especial de Protección y Rehabilitación de la Ciudad Histórica de Santiago de Compostela*

## 2|CENTRO GALEGO DE ARTE CONTEMPORANEA ALVARO SIZA COM JOAN FALGUERAS

### MEMORIA DESCRITIVA DO ANTE-PROJECTO

1. O edifício do CGAC situar-se-á no interior do recinto da antiga horta do Convento de Santo Domingo de Bonaval e ao longo da Rua Valle-Inclán. A sua construção apoiará a ordenação de uma vasta área que engloba o Convento de San Roque, o Convento de Santo Domingo, a Porta do Caminho, o quarteirão compreendido entre as Ruas As Rodas e Valle-Inclán e os espaços livres e plataformas adjacentes.

A implatação proposta aproxima a entrada principal do CGAC das entradas do Convento e da Igreja de Santo Domingo, daí resultando uma estrutura com um desenvolvimento longitudinal sensivelmente na direcção Sul-Norte, limitada por duas frentes respectivamente a Oeste (paralela à Rua Valle Inclán) e a Leste estabelece um ângulo de 21 com a fachada Oeste e de 16 com a fachada fronteira do Convento de Santo Domingo. As frentes Norte e Sul, que completam a definição da área construída, estão condicionadas: a Norte pelo cunhal do muro de suporte do recinto do Colexio la Salle e ainda pela Rua Caramoninha; e a Sul pelos portais de acesso ao Convento e à Igreja de Santo Domingo.

2. Esta opção coloca difíceis problemas, sobretudo no que se refere à proximidade dos portais mencionados, de forte expressão arquitectónica; e não foi decidida sem antes se considerar a alternativa possível (recoo do CGAC para os terrenos a Norte do recinto do Convento, libertando completamente a sua frente Oeste). O afastamento desta última hipótese assenta nos seguintes motivos:

a) A importância cívica do novo edifício aponta para a sua franca participação nos espaços públicos adjacentes (Rua Valle-Inclán e sucessão de plataformas entre a Porta do Caminho e Santo Domingo); sem o que tenderia à condição de um simples anexo e a uma renúncia relativa à expressão de um simples anexo e a uma renúncia relativa à expressão do seu conteúdo.

b) a implatação proposta permite intervir decisivamente na ordenação de uma zona actualmente confusa e de certo modo degradada, definindo um espaço unificador de sucessivas intervenções, nunca determinadas por um estudo de conjunto (particularmente no que se refere à abertura da Rua Valle-Inclán e ao Colexio La Salle e respectivo muro de suporte). Permite ainda integrar a recuperação do jardim a Leste do Convento de San Roque e das plataformas de acesso ao Convento de Santo Domingo.

c) A frente Oeste do Convento Santo Domingo não estava originariamente exposta; o seu aparecimento na paisagem urbana era mediado pelos altos muros do respectivo recinto, sendo o acesso aos portais enquadrado por estes muros e pelo próprio edifício.

3. A solução proposta traduz, portanto, o propósito de refazer uma ordem pré-existente e destruída, utilizando a força transformadora que justamente compete a um Centro Galego de Arte Contemporanea.

4. As razões e objectivos anteriormente descritos obrigam a um cuidadoso estudo de volumes, materiais e linguagem.

4.1.- A grande dificuldade no desenvolvimento do projecto refere-se à sua inserção num espaço pouco a pouco preenchido por edifícios de muito diferente escala e significado, só em parte e de forma descricionária relacionados. Compete ao CGAC mediar estas difíceis relações, transformando um aglomerado de edifícios e espaços em tecido coerente, anglobando o convento de Santo Domingo tanto como qualquer modesta construção, uma praça tanto como um jardim privado.

4.2. Os volumes considerados e já descritos no que se refere à sua implatação definem-se ainda por uma altura comum, correspondendo aproximadamente ao remate das portadas do Convento e da Igreja de Santo Domingo. Isto é, a relação do CGAC com o Convento mantém a preponderância deste no contexto urbano, substituindo-se, de certo modo e neste sentido, ao muro de limite do respectivo recinto, entretanto demolido.

Simultaneamente, o volume adoptado constitui-se mediador entre as escalas do Convento, do quarteirão entre as Ruas Valle-Inclán e As Rodas, e do Colexio La Salle, colmatando o isolamento entre estas diferentes realizações e multiplicando as relações de alinhamento e outras.

4.3.- Os criterios de perservação-transformação definidos envolvem particularmente a escolha de materiais de revestimento. Optou-se por uma placagem em granito nas superfícies exteriores do edifício, variando eventualmente a cor deste material, de modo a permitir uma clara leitura dos seus corpos constituintes. A esta escolha não foram alheias as especificidades do clima de Santiago, para além da natural persistência dos materiais tradicionais.

Deve referir-se que o uso do granito assume uma expressão própria do sistema construtivo a que se subordina, o qual se refere a uma estrutura em betão armado caracterizada pelo uso de grandes vãos abertos.

5. Em consequência das opções descritas, o edifício caracteriza-se pela existência de dois corpos de três pisos e terraço acessível, ambos com planta em forma de L (A a Oeste e B a Leste), os quais convergem segundo a direcção Norte-Sul e se interpenetram no extremo Sul; estes dois corpos determinam um espaço intermédio de forma triangular (C), o qual ocupa a altura total.

6. O programa pedido distribui-se por este sectores A, B e C da seguinte forma:

6.1.- Zonas de acesso público dos pisos 2 e 3 (rés-do-chão e o andar).

a) Corpo A:

Engloba fundamentalmente de Sul para Norte e no rés-do-chão e recepção (incluindo balcões de controlo de acesso e de vestiário)

e ainda, ocupando a ala de menor desenvolvimento do L, o vestibulo de acesso à Sala de Actos e ao primeiro andar. No primeiro andar, este corpo inclui o vestibulo de acesso à Biblioteca e ao Centro de Documentação e a Zona Administrativa.

b) Corpo B:

Engloba de Sul para Norte e no rés-do-chão as zonas de acesso público não condicionado (livraria, cafetaria) e as áreas de exposição temporária engloba ainda, e ocupando a ala de menor desenvolvimento do L, a Sala de Actos e respectivas divisões de apoio. No primeiro andar e sobre esta ala situa-se o Centro de Documentação, desenvolvendo-se a área de exposição permanente ao longo da ala de maior extensão.

c) O espaço triangular entre os corpos A e B constitui uma zona de transição iluminada superiormente, na qual se situa a porta de controlo de acesso às salas de exposição temporária e permanente.

Obs.: O átrio de acesso principal interliga os dois corpos A e B no extemo Sul do edifício e inclui um acesso e um aberto sobre a zona pública da cave (instalações sanitárias, zona de repouso e cabines telefónicas).

6.2.- Zonas de serviços internos do piso 3-1 o andar.

Incluem os serviços administrativos — ao longo do Corpo A — e o Gabinete da Direcção no topo Sul do Corpo A. Este serviços dispõem de um acesso privativo por escadas, controlado no átrio principal do rés-do-chão, para além do acesso público por escadas e ascensor. Dispõem ainda de ligação interna privativa às áreas de serviço da cave e de exposições permanentes.

6.3.- Zonas públicas do Terraço

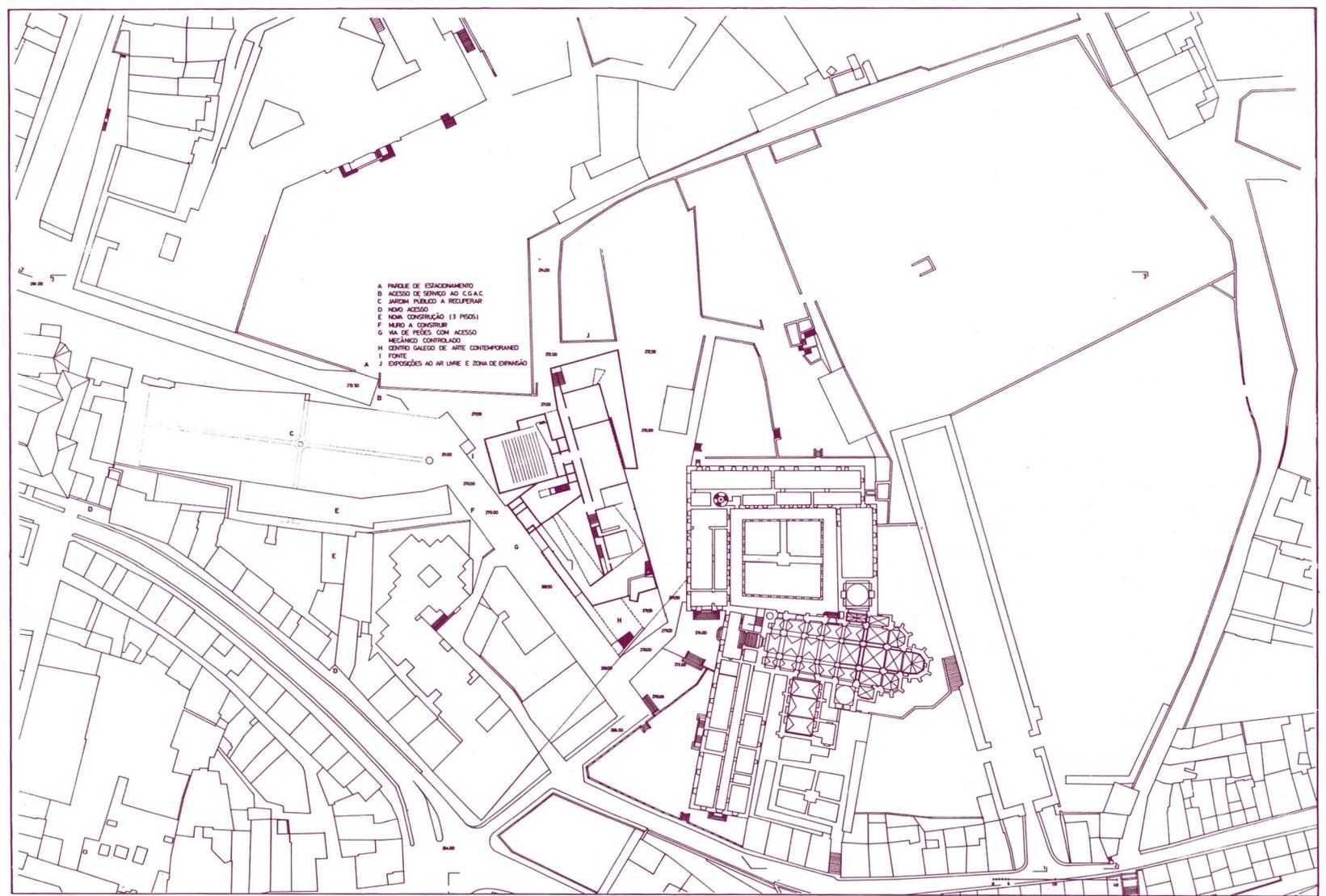
As áreas de Terraço sobre o Corpo A são acessíveis ao público, nelas se podendo realizar exposições de escultura. Os muros de limite deste Terraço têm uma altura de 3.20 m., elevando-se a cota do piso no topo Sul do edifício, de modo a permitir a existência de um miradouro sobre a cidade, acessível por uma rampa.

6.4.- Zonas de serviços internos do Terraço.

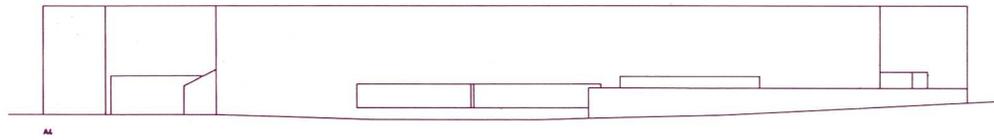
São constituídas pelos depósitos do Centro de Documentação situados sobre o desenvolvimento do mesmo no 10 andar e pelas zonas de cobertura dos Corpos B e C, apenas acessíveis para limpeza dos lanternins.

6.5.- Zonas incluídas no 10 piso (cave).

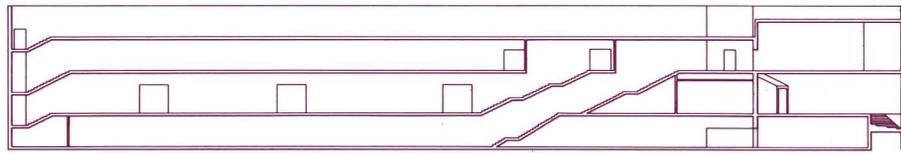
O primeiro piso do edifício, constituindo cave elevada do lado Leste, ocupa a totalidade da área dos Corpos A e C, para além da zona do Corpo B correspondente ao braço de menor desenvolvimento a uma área no extremo Sul correspondente à zona pública de sanitários e vestibulo já mencionada. Ocupa ainda uma faixa de 3 metros de largura do Corpo B, a qual corresponde a uma galeria de serviço interligando as principais comunicações verticais (escadas, ascensores e montacargas). Estas comunicações abrangem a totalidade dos pisos e o terraço. Na área correspondente aos Corpos A e C situam-se os serviços de apoio às salas de exposições (montagem de exposições e manutenção, depósito, oficina de restauro e armazens da cafetaria e da livraria).



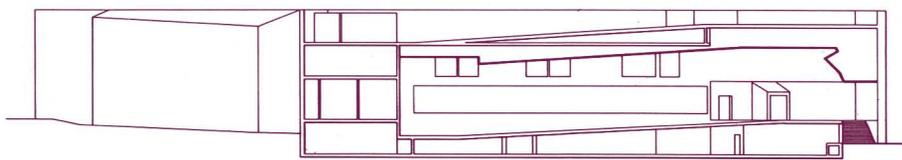




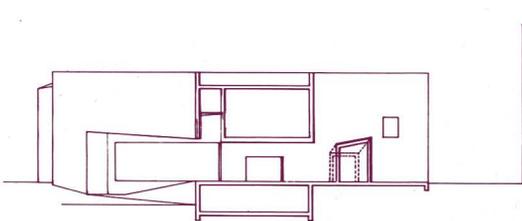
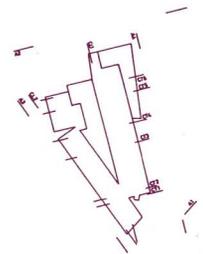
A1



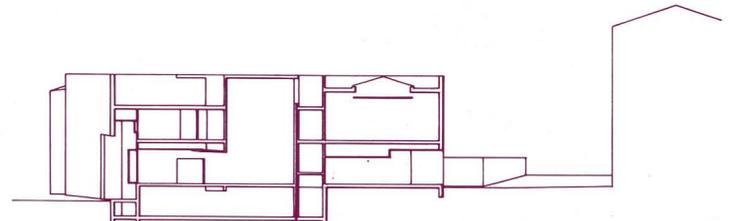
B



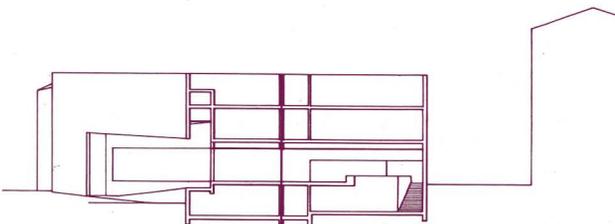
C.2



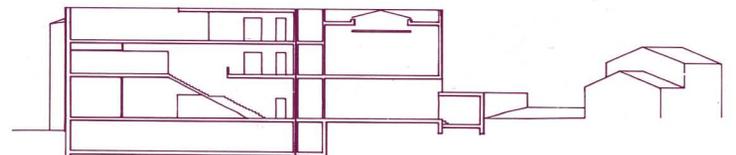
CT1



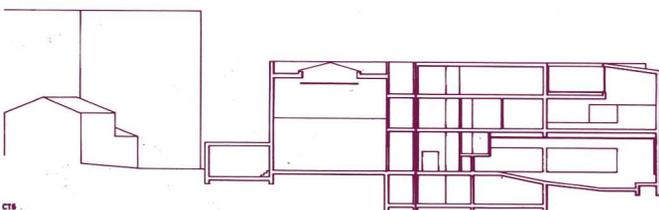
CT3



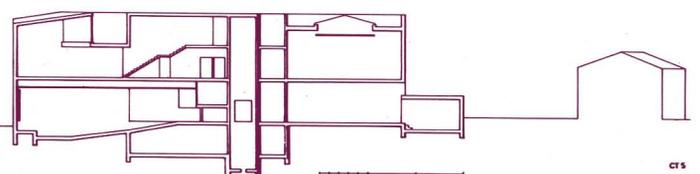
CT2



CT4

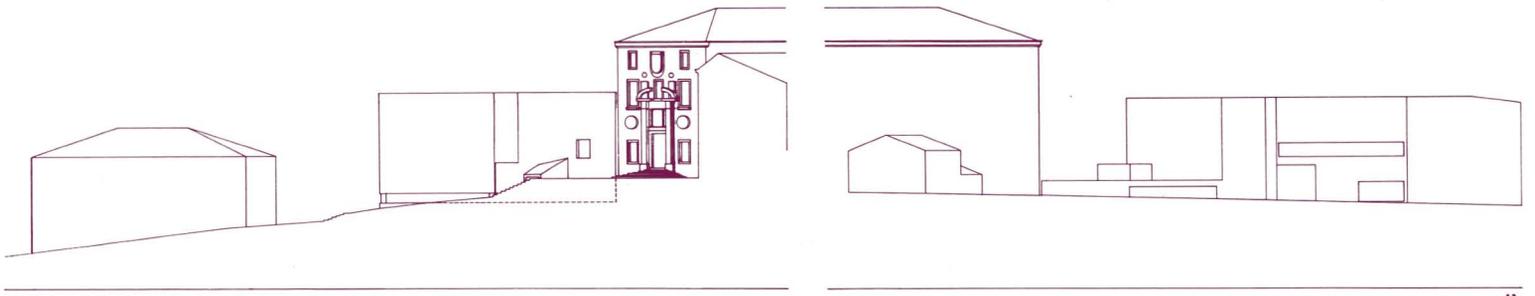


CT6



CT5



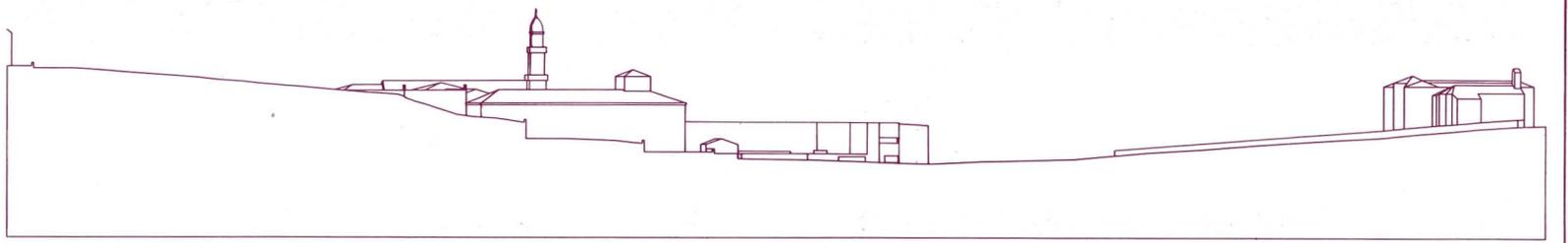
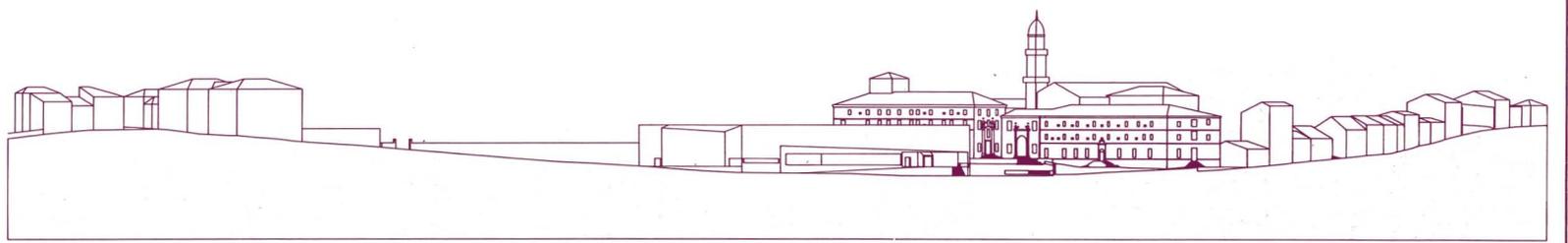
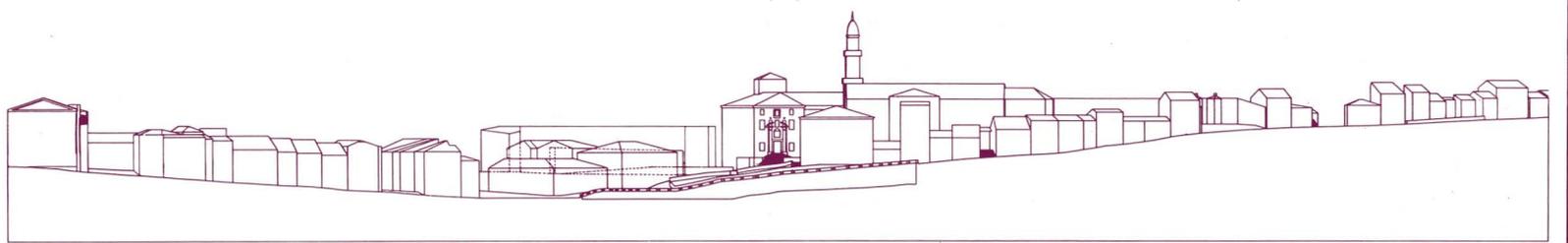


A1

A2



A3





## **construcciones mon s. l.**

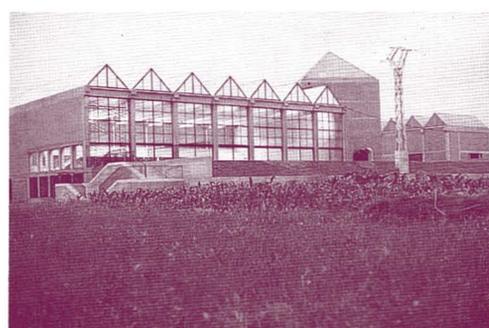
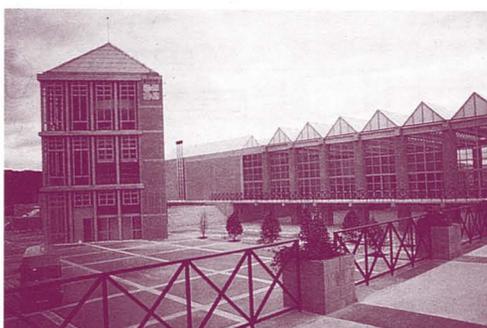
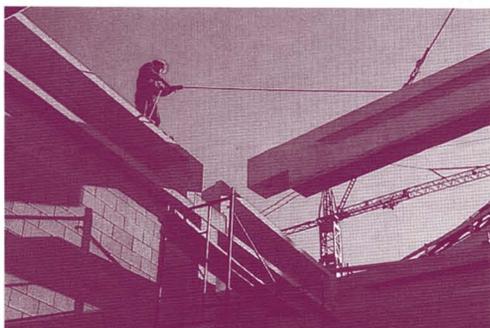
EMPRESA  
CONSTRUCTORA  
Y PROMOTORA DE OBRAS

---

**LA PROFESIONALIDAD Y GARANTIA  
AL SERVICIO DE LA CONSTRUCCION**

---

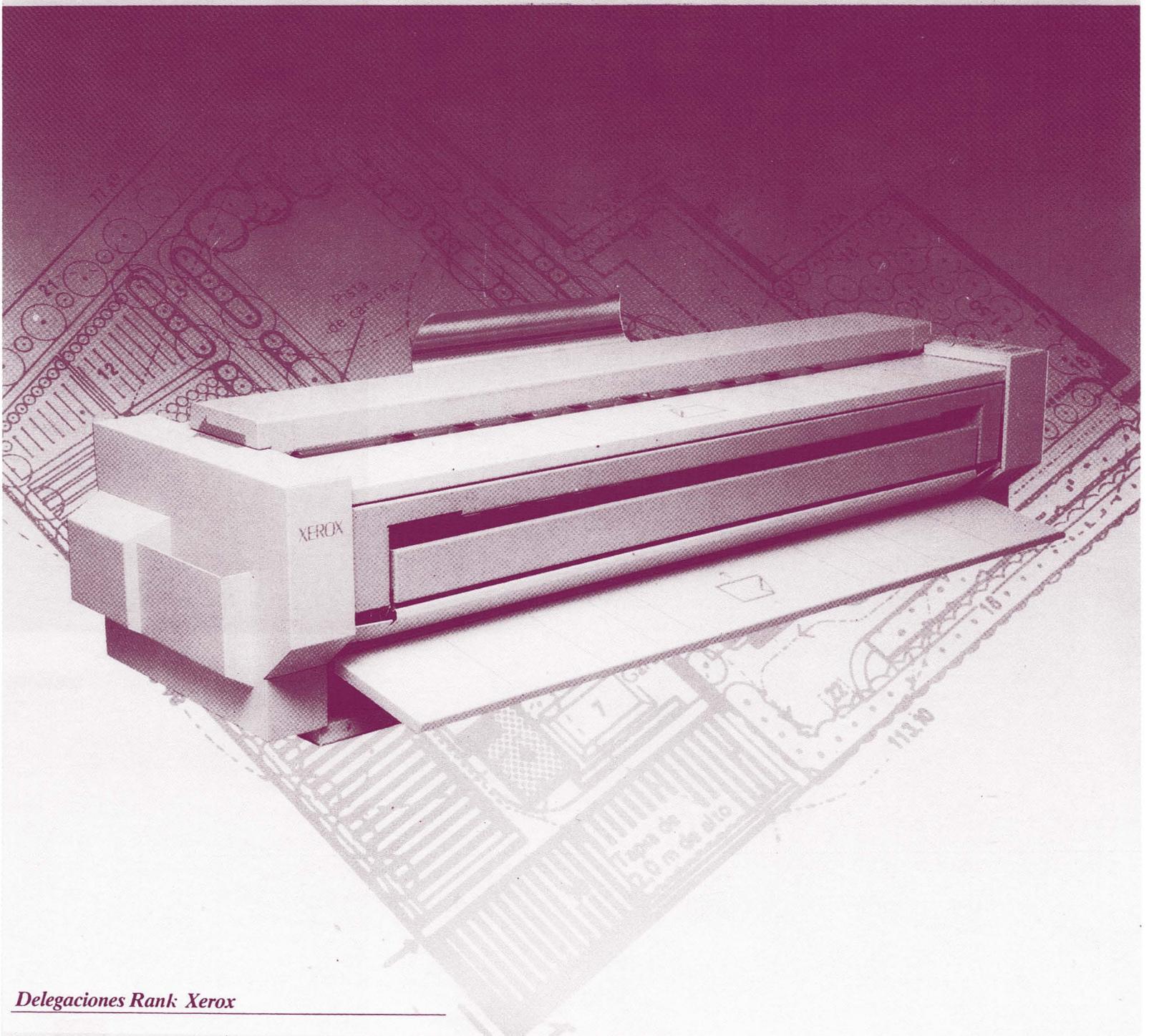
C/O'Perdouro, s/n.  
Teléfono: 58 00 50 (2 líneas)  
**BURELA - LUGO**



**OBRA REALIZADA POR CONSTRUCCIONES MON S. L.**

# **Xerox 2510**

## **Impresión productiva de planos en un reducido espacio**



### **Delegaciones Rank Xerox**

**08017 Barcelona**  
Milanesado, 25-27  
Teléfono: 93 204 86 11

**48001 Bilbao**  
Alameda de Mazarredo, 73  
Teléfonos: 94 423 51 69

**15004 La Coruña**  
Fernando Maciás, 7  
Teléfonos: 981 25 41 54-62

**35006 Las Palmas**  
Pío XII, 80  
Teléfonos: 928 24 75 60

**28016 Madrid**  
Edificio PYOMAR. Pío XII, 44  
Teléfono: 91 766 03 75

**41011 Sevilla**  
Avda. Presidente Carrero Blanco, 20  
Teléfonos: 954 45 48 79

**46003 Valencia**  
Cronista Carreres, 9  
Teléfonos: 96 352 19 32



**PISCINAS**  
**CON GARANTIA TOTAL**  
 en construcción y equipamiento

**INERGA, S.L.**  
 Avda. Camelias, 87 - Telfs: 411511-411766-VIGO  
 Avda. Alfonso Molina, 55 - Telf. 246378 - LA CORUÑA

CONCESIONARIO EXCLUSIVO: **permo**  
 TRATAMIENTOS DEL AGUA

• JOYAS • MUEBLES • OBJETOS DE DISEÑO

**FINISTERRE**

c/. Juan Canalejo 37-39 Tf. (981) 225854  
 c/. Pintor Joaquín Baamonde 5  
 A CORUÑA

ESTUDIO DE INTERIORES

DISEÑO

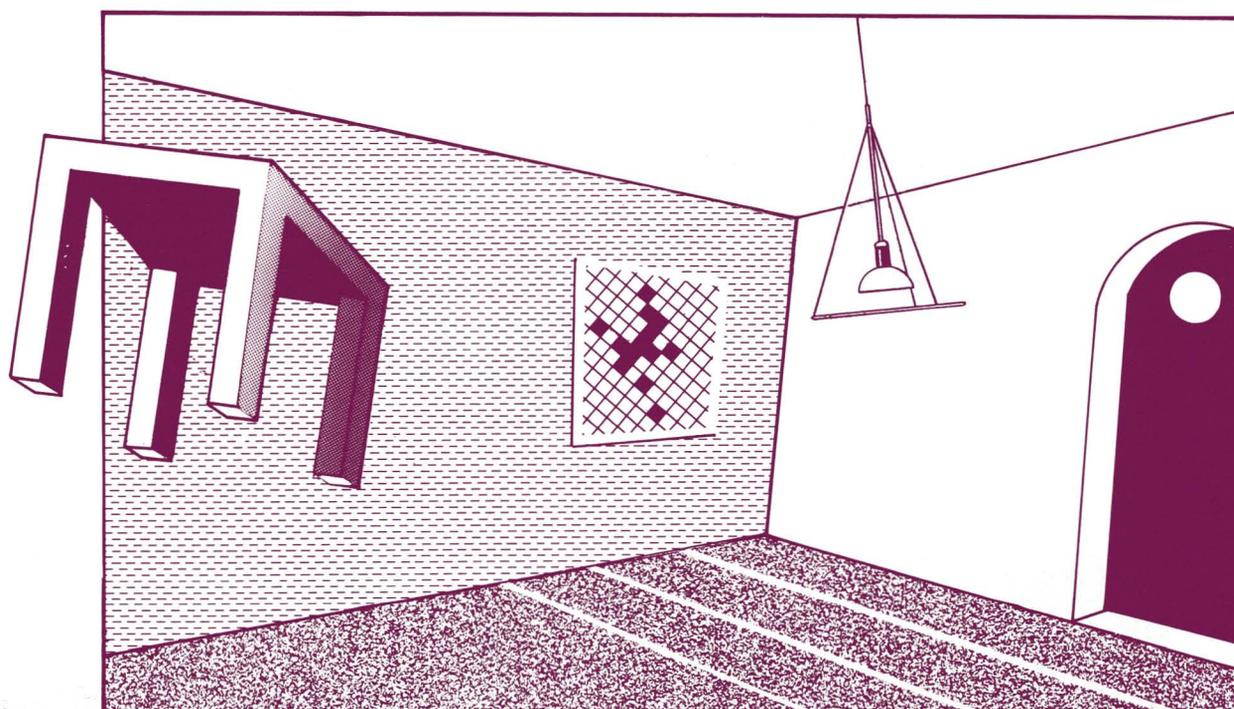
AYUNTAMIENTO DE XOVE,  
OBRAS DE CARPINTERIA  
METALICA REALIZADAS POR:

**IC** INDUSTRIAS  
**CAAMAÑO S. L.**

CARPINTERIA DE ALUMINIO Y ACERO INOXIDABLE

CORDEDA, s/n. - Tlfs. 660850 - 660866

15174 CULLEREDO (La Coruña)



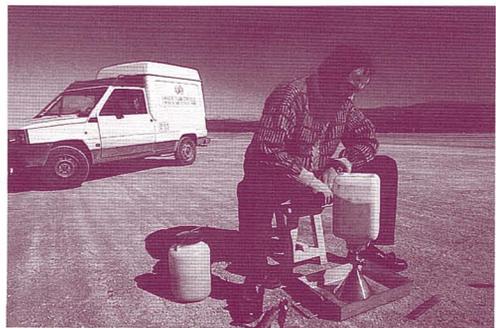
MOBILIARIO INTEGRAL



**Sirvent**

Gran Via, 120 - Telf. 424422 - Fax. 420428

VIGO - 36203



## ENSAYO DENSIDAD DE SUELOS



**Giraldez - Ocaña**  
ingeniería

OFICINAS EN VIGO: C/ GARCIA OLLOQUI, 7-3°  
36201 -VIGO - TELEFONOS 22 71 12 y 22 83 06

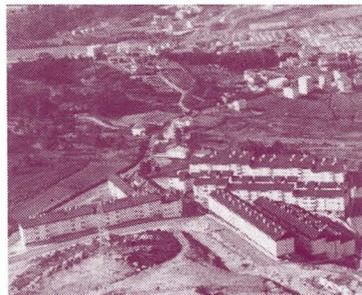
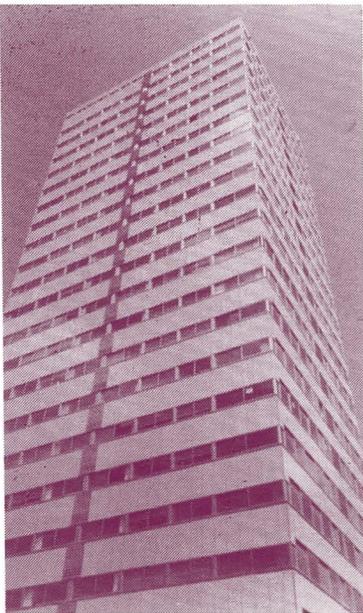
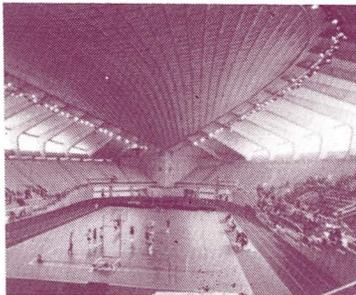
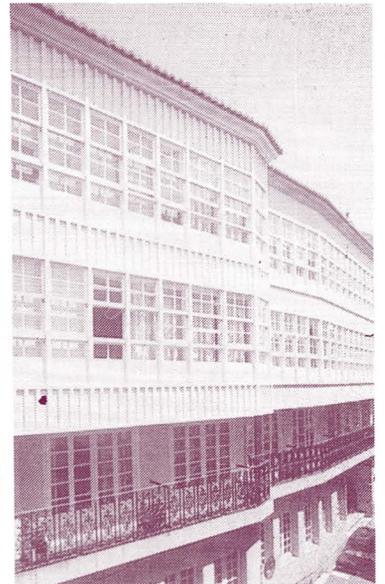
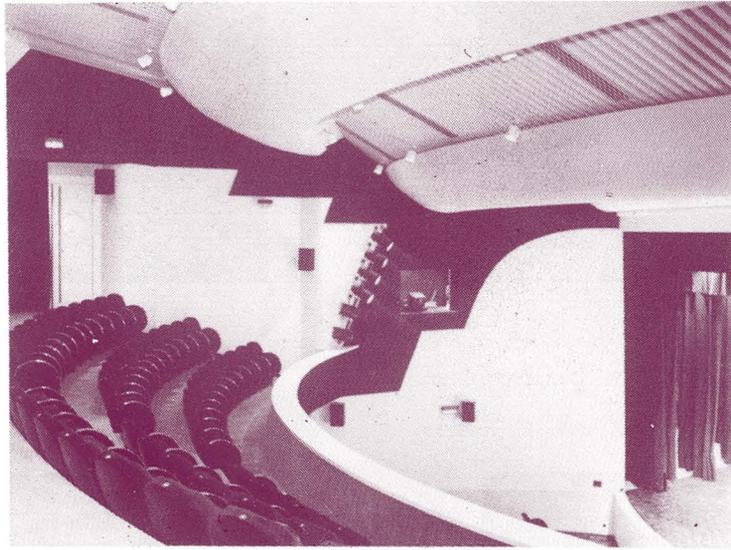


**Giraldez - Ocaña Control,**

LABORATORIO  
Y OFICINAS ORENSE  
Río Bibey, 16 bajo  
Teléfono 21 43 57  
32001 ORENSE

LABORATORIO  
EN VIGO  
Barrio del Japón s/n.  
Chapela - Redondela

# Desde 1941 en Galicia



**DRAGADOS**  
Y CONSTRUCCIONES, S.A.



